

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
BACHARELADO EM JORNALISMO**

CASSIANO IRENO BATTISTI

**A MULHER DA CASA ABANDONADA: STORYTELLING E SUBJETIVIDADE EM
MÍDIA SONORA**

**SÃO BORJA
2023**

CASSIANO IRENO BATTISTI

**A MULHER DA CASA ABANDONADA: STORYTELLING E SUBJETIVIDADE EM
MÍDIA SONORA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Pampa –
Campus São Borja como requisito parcial
para obtenção do Título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientador: Prof. Alexandre Rossato
Augusti

SÃO BORJA
2023

CASSIANO IRENO BATTISTI

**A MULHER DA CASA ABANDONADA: STORYTELLING E SUBJETIVIDADE EM MÍDIA
SONORA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo
da Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção
do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 5 de dezembro de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Rossato Augusti
Orientador
(UNIPAMPA)

Prof^ª Dr^ª Adriana Ruschel Duval
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Marcelo da Silva Rocha
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **ALEXANDRE ROSSATO AUGUSTI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/12/2023, às 11:22, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MARCELO DA SILVA ROCHA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/12/2023, às 11:29, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ADRIANA RUSCHEL DUVAL, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/12/2023, às 14:10, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1318621** e o código CRC **5F33B4CE**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao professor Alexandre Rossato Augusti por concordar em me orientar neste trabalho de fôlego. Sem ele, eu não poderia ter progredido tanto na pesquisa e aprendido tanto desde a Iniciação Científica, que comecei com ele também.

Agradeço à professora Eloísa Klein por ajudar nos primeiros passos da presente pesquisa no seu componente curricular de Metodologia da Pesquisa em Comunicação. Agradeço à professora Adriana Duval por apresentar diferentes perspectivas do jornalismo de áudio contemporâneo, como o *podcast* “Projeto Humanos”. Antes de sua cadeira, eu realmente nem sabia direito o que era *podcast*. Agradeço também ao professor Marcelo da Silva Rocha por me dar ótimas referências para o presente trabalho. E quero agradecer ao professor de Língua Portuguesa e Inglesa, Leandro Sestari, por me ajudar com o Abstract deste trabalho.

Faço um agradecimento especial à minha família, aos meus pais e aos meus irmãos por toda ajuda e apoio em todo esse processo e no decorrer da graduação.

Agradeço a todos os professores da graduação, com quem pude aprender muito e me sentir mais preparado para o mercado de trabalho.

Quero agradecer também a família que fiz aqui em São Borja, amigos que tornaram a jornada mais leve. Giovanna, Vitória, Toni, Rafa, Bia, Caroline e Gabriel, vocês são muito especiais. Agradeço também aos amigos de longa data, que de um jeito ou de outro ajudaram no processo da graduação.

Por último, gostaria de agradecer todas as pessoas que me incentivaram a ler desde pequeno, em especial meus pais, à professora de português Mirdes Beatriz Tomazi e à minha dinda Franciely Battisti Welsbacher.

Espero que a leitura seja tão interessante para o leitor como é para mim ouvir *podcast*.

Boa leitura!

RESUMO

A proposta deste trabalho é fazer uma análise da linguagem narrativa presente no *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada” e mapear as marcas de subjetividade do narrador do *podcast*. O problema desta pesquisa visa descobrir: quais são as marcas de subjetividade do narrador em “A Mulher da Casa Abandonada” e como elas estão alicerçadas no uso do *storytelling* no jornalismo de áudio contemporâneo? Desse modo, o trabalho tem como objetivo geral analisar o uso da subjetividade do narrador e avaliar o *storytelling* nos roteiros do *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada”. Os objetivos específicos envolvem: pesquisar sobre o jornalismo de áudio contemporâneo (mais especificamente os *podcasts*) e como eles ascenderam neste contexto; investigar como a subjetividade se manifesta no jornalismo; e mapear as marcas de subjetividade do narrador do *podcast*. O trabalho busca afirmar sua relevância ao propor compreender como o *storytelling* e o jornalismo de subjetividade estão sendo usados no jornalismo de áudio contemporâneo, assumindo uma proposta de estudo atual e mais inovadora. Para jornalismo narrativo/literário e *storytelling* no jornalismo temos como base referencial Karenine M. R. Cunha, Paulo F. Mantello, Monica Martinez, Muniz Sodré, Felipe Pena e Edvaldo Pereira Lima. Já para *podcasts* narrativos temos como base referencial Marcelo Kischinhevsky, Laís Cerqueira Fernandes, Christina Ferraz Musse e Luana Viana. A metodologia utilizada foi Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e teve como base o Trabalho de Conclusão de Curso “Jornalismo de subjetividade em *podcasts* narrativos: uma análise do Praia dos Ossos” de Dirksen (2023). A pesquisa segue as etapas propostas por Bardin (1977) de pré-análise, exploração do material ou codificação e inferências. Como um dos resultados obtidos, tivemos a formulação de três categorias para os trechos onde percebe-se a subjetividade do narrador: Descrição, Opinitivo e Diálogo direto com o ouvinte. Além disso, as três categorias possuem no total 21 marcadores, que indicam as especificidades dos trechos selecionados para análise.

Palavras-chave: *Podcast*; *Storytelling*; A Mulher da Casa Abandonada.

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze the narrative language presented in the podcast “A Mulher da Casa Abandonada” and mapping the marks of subjectivity of the podcast narrator. The problem of this research aims to discover: what are the marks of the narrator's subjectivity in “A Mulher da Casa Abandonada” and how are they linked to the use of storytelling in contemporary audio journalism? So, the general objective of the work is to analyze the use of the narrator's subjectivity and evaluate the storytelling in the scripts of the podcast “A Mulher da Casa Abandonada”. The specific objectives involve: research into contemporary audio journalism (more specially podcasts) and how they have risen in this context; investigating how subjectivity manifests itself in journalism; and mapping the podcast narrator's marks of subjectivity. The work wants to affirm its relevance by proposing to understand how storytelling and subjectivity journalism are being used in contemporary audio journalism, assuming a current and more innovative study proposal. For narrative/literary journalism and storytelling in journalism, we have as a reference support Karenine M. R. Cunha, Paulo F. Mantello, Monica Martinez, Muniz Sodré, Felipe Pena and Edvaldo Pereira Lima. For narrative podcasts, we have Marcelo Kischinhevsky, Laís Cerqueira Fernandes, Christina Ferraz Musse and Luana Viana as a reference base. The methodology used was Bardin's Content Analysis (1977) and was based on the Final Work for the Course “Subjectivity journalism in narrative podcasts: an analysis of “Praia dos Ossos” by Dirksen (2023). The research follows the steps proposed by Bardin (1977) of pre-analysis, exploration of the material or codification and inferences. As one of the obtained results, we got the formulation of three categories for the excerpts where the narrator's subjectivity is perceived: Description, Opinion and Direct dialogue with the listener. Furthermore, the three categories have a total of 21 markers, which indicate the specificities of the selected excerpts for analysis.

Keywords: Podcast; Storytelling; A Mulher da Casa Abandonada.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do <i>podcast</i> “A Mulher da Casa Abandonada”	30
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Informações dos episódios do <i>podcast</i>	30
Quadro 2: Descrições dos marcadores utilizados.....	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Marcas de subjetividade no episódio 1: A Mulher.....	66
Tabela 2: Marcas de subjetividade no episódio 2: A Casa.....	68
Tabela 3: Marcadores de subjetividade por episódio na categoria “Descrição”.....	69
Tabela 4: Marcadores de subjetividade por episódio na categoria “Opinativo”.....	70
Tabela 5: Marcadores de subjetividade por episódio na categoria “Diálogo direto com o ouvinte”.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O CONTRASTE ENTRE O JORNALISMO OBJETIVO E O JORNALISMO NARRATIVO/LITERÁRIO	17
2.1 História e evolução do Jornalismo Literário	19
2.2 O <i>storytelling</i> aplicado no jornalismo	20
3 A ASCENSÃO DOS PODCASTS COMO UMA NOVA FORMA DE JORNALISMO EM ÁUDIO: EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO MEIO EM TRÊS GERAÇÕES	22
3.1 <i>Podcast</i> em <i>storytelling</i> : os <i>podcasts</i> narrativos	23
3.2 Jornalismo de áudio em primeira pessoa	25
3.3 Jornalismo de áudio em múltiplas plataformas	25
4 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS	29
4.1 Objeto: <i>podcast</i> A Mulher da Casa Abandonada	29
4.2 Etapas de pesquisa	33
5 CODIFICAÇÃO	41
6 INFERÊNCIAS	66
6.1 Episódio 1: A Mulher	66
6.2 Episódio 2: A Casa	67
6.3 Marcadores de subjetividade	68
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
APÊNDICE A – Tabela de análise – Ep 1: A Mulher	80
APÊNDICE B – Tabela de análise – Ep 2: A Casa	100
ANEXO A – Quadro 3 de Dirksen (2023): QUADRO 3 DE DIRKSEN (2023): Marcadores utilizados na análise do <i>corpus</i>	128

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é fazer uma análise da linguagem narrativa presente no *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada”¹ e mapear as marcas de subjetividade do narrador do *podcast*. Procura-se abordar os conceitos de narrativa, *podcast* narrativo, *storytelling* e subjetividade no Jornalismo de áudio contemporâneo.

O trabalho tem como objetivo geral analisar o uso da subjetividade do narrador e avaliar o *storytelling* nos roteiros do *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada”, conformando-se a partir do seguinte problema de pesquisa: quais são as marcas de subjetividade do narrador em “A Mulher da Casa Abandonada” e como elas estão alicerçadas no uso do *storytelling* no jornalismo de áudio contemporâneo? Dessa maneira, os objetivos específicos envolvem: pesquisar sobre o jornalismo de áudio contemporâneo (mais especificamente os *podcasts*) e como eles ascenderam neste contexto; investigar como a subjetividade se manifesta no jornalismo; e mapear as marcas de subjetividade do narrador do *podcast*.

O trabalho proposto busca afirmar sua relevância ao propor compreender como o *storytelling* e o jornalismo de subjetividade estão sendo usados no jornalismo de áudio contemporâneo, assumindo uma proposta de estudo atual e mais inovadora. Percebe-se que o sucesso do *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada” não é por acaso. O uso de uma linguagem mais literária e íntima com o público é trabalhada nos 6 primeiros episódios: “A Mulher”, “A Casa”, “Uma Rua em Silêncio”, “Uma Mulher e um Homem Livres”, “Outras Tantas Mulheres” e “Um Fim que Não É Bem um Fim”. A pesquisa procura examinar como é trabalhada essa linguagem e como o jornalismo de áudio contemporâneo pode se favorecer com o uso dessas técnicas, como a construção de um roteiro que se orienta pelo caráter literário/subjetivo.

A escolha deste *podcast* para a pesquisa se deve pelo sucesso que obteve, pela relevância dos debates que traz, pela qualidade do produto de áudio e também por haver pouquíssima pesquisa em relação a ele, uma vez que o *podcast* foi lançado recentemente, em junho e julho de 2022. As bibliografias sobre o *podcast* serão apresentadas ainda nesta introdução, através da apresentação do Estado da Arte do trabalho.

O *podcast* teve muita repercussão, nas mais variadas mídias: vídeos no *TikTok*, comentários nas redes sociais, vídeos no *YouTube* e reportagens sobre o caso fizeram com que

¹ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBIen2Ki2dqV?si=b6f45a5b909a462a>. Acesso em 2023.

ele se tornasse cada vez mais famoso e batesse recordes de audiência. Esta pesquisa se interessa por analisar as razões que levaram o *podcast* a ser um dos mais baixados e comentados do ano de 2022, com um total de 7 milhões de *downloads* até o início de 2023. Além disso, segundo reportagem da Folha de S. Paulo², o Ministério Público do Trabalho (MPT) teve um aumento de 123% no número de denúncias de trabalho doméstico análogo à escravidão após o lançamento do *podcast*. Segundo a Folha, o MPT mostrou no mesmo levantamento que a média mensal passou de 7 para 16 denúncias após 08/06/22. Esses fatos mostram o quanto o *podcast* é relevante, justificando também a escolha do objeto de pesquisa.

A partir disso, a pesquisa que compõe o Estado da Arte deste trabalho foi realizada através da busca de palavras-chave que se constituem como conceitos centrais ligados à pesquisa. A busca foi realizada em dois repositórios de trabalhos acadêmicos: Google Acadêmico e banco de teses e dissertações da CAPES, com um recorte temporal de 5 anos, isto é, trabalhos acadêmicos produzidos de 2018 a 2023. O levantamento foi realizado entre os dias 5 e 20 de abril de 2022. O trabalho circunda dois conceitos principais: narrativa e *podcast*, mas devido à grande quantidade de trabalhos com relação aos dois conceitos, foi feita uma melhor especificação nas buscas, ainda sobre essas temáticas. Só o termo *narrativa*, com o uso de aspas, trouxe 2434 trabalhos através da CAPES; e no Google Acadêmico foram apresentados aproximadamente 237000 resultados para o termo, com o mesmo recorte temporal e uso de aspas. Em vista disso, utilizamos palavras-chave mais específicas e alinhadas ao tema de pesquisa proposto, a fim de afunilar as referências da pesquisa. Dentro do tópico “narrativa” utilizamos as palavras-chave: jornalismo narrativo, jornalismo literário e *storytelling* no jornalismo. Já no tópico “*podcast*” foram utilizadas as palavras-chave: *podcast* narrativo e *podcast* literário.

Iniciaram-se as pesquisas pelo Google Acadêmico, em que o período de análise temporal foi considerado de 2018 até 2023. Nas pesquisas do Google Acadêmico foram usadas aspas em todos os termos. A primeira pesquisa foi feita com as palavras “jornalismo narrativo”, obtendo-se 273 resultados. Desses 273 resultados, foram selecionados para leitura do resumo os trabalhos que tinham relação com a pesquisa, deixando de lado outros que se distanciam da abordagem proposta. Com a pesquisa das palavras “jornalismo literário” foram obtidos 1830 resultados. Pelo grande número de trabalhos optou-se por verificar apenas os títulos, a fim de selecionar para a leitura do resumo somente os que estão mais relacionados à

² Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/07/denuncias-de-trabalho-escravo-domestico-duplicam-apos-lancamento-de-a-mulher-da-casa-abandonada.shtml#:~:text=Den%C3%BAncias%20de%20trabalho%20dom%C3%A9stico%20an%C3%A1logo,durante%2020%20anos%20nos%20EUA>. Acesso em 15 abril. 2023.

pesquisa proposta. Já a expressão chave "*storytelling* no jornalismo" nos deu 9 resultados. Feitas as leituras dos 9 resumos optou-se pela leitura de 3 produções, sendo eles 2 artigos e 1 monografia.

Ainda no Google Acadêmico foram feitas as pesquisas das palavras-chave com relação a *podcast*. A palavra-chave "*podcast*" sozinha teve aproximadamente 125000 resultados, por isso optou-se por especificar mais a pesquisa no Google Acadêmico. Ao pesquisar por "*podcast* narrativo" obtivemos 115 resultados e as palavras "*podcast* literário" nos renderam 45 resultados. Sempre foram usadas aspas nos termos pesquisados e procurou-se ler uma grande quantidade das produções mais relevantes e relacionadas à temática de pesquisa.

A pesquisa no banco de teses e dissertações da CAPES aconteceu de modo um pouco diferente. No caso das pesquisas feitas através da CAPES optou-se pelo não uso de aspas em palavras-chave com o termo *podcast*, uma vez que ao pesquisar os termos *podcast narrativo* e *podcast literário* com aspas, não é apresentado nenhum resultado na CAPES. Além disso, mostrou-se plausível pesquisar o termo *podcast* isolado na CAPES, uma vez que as pesquisas presentes neste catálogo são somente teses e dissertações, o que reduz significativamente o número de produções. No Google Acadêmico percebemos ser impossível mapear as produções relacionadas à pesquisa ao buscar o termo *podcast* isolado, pelo massivo número de produções dos mais diferentes assuntos e enfoques. A palavra-chave *podcast* resulta nos mesmos resultados com ou sem aspas no banco de teses e dissertações da CAPES.

Na CAPES o termo *podcast* apresentou 129 resultados, com o recorte temporal de 2018 a 2023. As palavras-chave *podcast narrativo* sem o uso de aspas mostraram 1872 resultados e com o filtro temporal carregaram 286 resultados. Já as palavras-chave *podcast literário* mostraram 7707 resultados, com o número reduzido de 1569 com o uso do recorte temporal. Pelo alto número de trabalhos não iremos considerar a pesquisa feita com essa palavra-chave na CAPES, apenas a do Google Acadêmico.

Para o tópico *podcast* foram escolhidos para estudo os trabalhos: "Jornalismo literário em *podcasts*: Uma análise dos roteiros do Vozes, da CBN" de Barsotti e Santa Cruz (2020); "Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o *podcasting* e o conceito de jornalismo narrativo" de Kischinhevsky (2018), "O Jornalismo em Primeira Pessoa em *Podcasts* Narrativos: Encontros e Tensões Deontológicos" de Viana (2021) e "O uso do *storytelling* no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre *podcasting*" da mesma autora (VIANA, 2020).

Já as palavras relacionadas ao tópico "narrativa" foram pesquisadas na CAPES com o uso de aspas, assim como no Google Acadêmico. No banco de teses e dissertações da CAPES

as palavras-chave *jornalismo narrativo* carregaram 5 resultados e as palavras-chave *jornalismo literário* mostraram 29 resultados. A expressão chave *storytelling no jornalismo* não apresentou nenhum resultado com o uso de aspas.

Dos trabalhos lidos para o tópico de “narrativa” foram escolhidos para estudo: “Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos” de Cunha e Mantello (2014); “Storytelling em plataforma impressa e digital: contribuição potencial do jornalismo literário” de Lima (2014); “Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas” de Martinez (2017) e “Jornalismo de subjetividade em *podcasts* narrativos: uma análise do Praia dos Ossos” de Dirksen (2023).

Pela pesquisa girar em torno principalmente de um produto jornalístico específico, vê-se também a necessidade em pesquisar o nome “A Mulher da Casa Abandonada” nos repositórios de trabalhos acadêmicos já mencionados. Ao pesquisar o nome do *podcast* no Google Acadêmico obtivemos 17 resultados e na CAPES não obtivemos nenhum resultado. Dessas 17 produções encontradas no Google Acadêmico, selecionamos apenas 1 para consultar, visto que as outras produções referiam-se a outras áreas do conhecimento. O trabalho de conclusão de curso “Do jornalismo policial ao *podcast* de true crime: storytelling e sonorização como recursos narrativos da série ‘A Mulher da Casa Abandonada’”, de Roberta de Souza (2022), foi usado como uma referência para a presente pesquisa.

Esta monografia apresenta 7 capítulos, contando com esta introdução. O próximo capítulo (cap. 2) apresenta as principais diferenças entre o jornalismo objetivo e o jornalismo narrativo/literário, discorre sobre a história do jornalismo literário e aborda o conceito de *storytelling* aplicado no jornalismo.

O capítulo 3 aborda a evolução dos *podcasts*, expõe as 3 gerações históricas dessa mídia, evidencia os *podcasts* narrativos e as técnicas de *storytelling* usadas e discute sobre o jornalismo de áudio em múltiplas plataformas.

O capítulo 4 traz nossas perspectivas metodológicas, apresentando o *podcast* que é objeto de estudo e as etapas da pesquisa, que têm como base a Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e o Trabalho de Conclusão de Curso “Jornalismo de subjetividade em *podcasts* narrativos: uma análise do Praia dos Ossos” de Dirksen (2023). A pesquisa segue as etapas propostas por Bardin (1977) de pré-análise, exploração do material ou codificação e inferências. No capítulo 4 abordamos todas as etapas, mas se salienta que a etapa de pré-análise está descrita como cumprida neste capítulo para podermos avançar para as etapas seguintes da metodologia, mostrando os resultados conforme as etapas forem avançando.

O capítulo 5 apresenta a etapa de codificação, em que esse pólo cronológico da análise se constitui da transcrição das falas de Francisco (Chico) Felitti nos dois primeiros episódios analisados, da marcação dos trechos em itálico do que se percebe como subjetivo e da separação por categorias desses trechos.

O capítulo 6 expõe a última etapa da pesquisa: as inferências. Neste capítulo fazemos uma interpretação do conteúdo com base nas etapas anteriores, principalmente com base na etapa de categorização. Serão apresentados os números de frequência com que cada categoria e seus marcadores aparecem no *podcast*. Além de serem apresentadas inferências em relação aos episódios de forma separada, isto é, primeiro as inferências sobre o episódio 1 e depois do episódio 2, há neste mesmo capítulo inferências de comparação entre os dois episódios. Após este capítulo, temos as considerações finais (cap. 7), seguidas das referências completas da pesquisa.

2 O CONTRASTE ENTRE O JORNALISMO OBJETIVO E O JORNALISMO NARRATIVO/LITERÁRIO

Segundo Sponholz (*apud* Henriques, 2018) a objetividade no jornalismo é entendida como a busca da realidade mais fiel ao fato, mas ela entende que o conhecimento total da realidade, isto é, a objetividade em si mesma, é impossível: “O conhecimento total da realidade continua sendo uma utopia, a busca deste é, no entanto, o que nos leva a ir adiante” (Sponholz, 2009, *apud* Henriques, 2018). No capítulo de Gaye Tuchman (2016), intitulado “A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas”, a autora aborda a questão da objetividade como uma estratégia adotada pelos jornalistas para se protegerem de críticas e das pressões do tempo e reprimendas dos superiores. Os jornalistas usam da objetividade como princípio norteador ético e deontológico da atividade jornalística, assim, “Eles defendem que, se todos os repórteres reunirem e estruturarem os <<factos >> de um modo descomprometido, imparcial e impessoal, os prazos serão respeitados e os processos de difamação evitados” (Tuchman, 2016, p. 78).

Tuchman observa quatro procedimentos estratégicos de objetividade adotado por jornalistas: “1- A apresentação de possibilidades conflituais. [...] 2- A apresentação de provas auxiliares. [...] 3- O uso judicioso das aspas. [...] 4- A estruturação da informação numa sequência apropriada”. Tuchman enfatiza que para os jornalistas é possível dizer que se foi objetivo ao se seguir esses quatro procedimentos estratégicos. O quarto procedimento “A estruturação da informação numa sequência apropriada” diz respeito principalmente à fórmula da objetividade 3Q+COP, que forma o lead, isto é, a introdução do texto com as principais informações do fato noticioso. “Até certo ponto, as dificuldades do jornalista são mitigadas pela fórmula familiar de que a notícia preocupa-se com <<o quem, o quê, o quando, o onde, o porquê e o como>>. A isto chama-se os <<seis servidores>> de uma notícia” (Tuchman, 2016, p. 83).

Apesar da objetividade ser buscada a fim de mostrar a realidade cotidiana e haver rituais estratégicos que ajudam a minimizar a interferência subjetiva do jornalista nas notícias, é sabido, segundo Henriques, “[...] que todo processo de produção jornalística, [...] é permeado por circunstâncias subjetivas, que condicionam ou podem até mesmo adulterar o relato produzido e a própria compreensão dos produtos jornalísticos” (Henriques, 2020, p. 4). Algumas dessas circunstâncias, como observa Pena, podem ser ideologias, carências, preconceitos, interesses pessoais ou organizacionais (Pena, 2008).

Para Rogério Christofolletti, a objetividade jornalística representa isenção de emoção, na qual:

[...] requer distanciamento das pessoas, das circunstâncias que compõem o fato, das versões a ele ligadas. Requer não envolvimento com as partes, proximidade e engajamento. Pressupõe equilíbrio, dispensa a parcialidade no relato, espera o mínimo contato possível com os objetos do relato. Desta forma, devem ficar muito bem nítidas e estabelecidas as fronteiras que separam comentários e opiniões dos relatos informativos, pretendidos com isenção de qualquer traço de subjetividade. (Christofolletti, 2004, p. 64).

Eugênio Bucci acredita que as convicções pessoais não estragam um texto pois o bom jornalismo não está ligado à indiferença do sujeito.

Há mesmo situações em que a tentativa de isentar-se inteiramente de toda emoção produz um alheamento no repórter que, aí sim, torna imprestável seu relato. Sem a indignação, o espanto, a surpresa, não há reportagem. O que não significa que o estilo deva ser meloso ou, noutro extremo, vociferante. Ele não deve ser uma esponja embebida em adjetivos: a precisão jornalística requer realçar a emoção que move os acontecimentos. A objetividade possível não é, portanto, a correspondência fria de uma descrição a objetos inanimados ou inumanos, mas o impacto quente dos fatos produzidos por seres humanos no discurso ininterrupto do jornalismo. Banir a emoção da informação é banir a humanidade do jornalismo (Bucci, 2008, p. 95).

O equilíbrio entre ser objetivo e subjetivo é nomeado por Bucci de “intersubjetivo”. Mas para a pesquisa o que interessa principalmente é o jornalismo mais subjetivo, isto é, o Jornalismo Narrativo/Literário. É necessária uma contextualização sobre o jornalismo objetivo para posteriormente apresentar esse contraste com o Jornalismo Narrativo/Literário. As contribuições já apresentadas serão retomadas sempre que houver necessidade de diferenciação entre os dois modelos de produção jornalística, que se chocam apesar de existir a possibilidade de meio termo exposta por Bucci.

O Jornalismo Literário possui diversos estudos com o uso de diferentes nomenclaturas: “Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade, Literatura Criativa de Não Ficção” (Lima, 2016 *apud* Martinez, 2017). Surgiram também alguns termos mais recentes, como *Longform Journalism* (Longhi; Winkes, 2015 *apud* Martinez, 2017), fazendo mais referência aos ambientes digitais. *Storytelling* também se constituiu como um termo amplamente usado para designar “uma técnica para narrar fatos como se fossem histórias” (Cunha; Mantello, 2014, p. 58) nos ambientes digitais, mas não se trata de um conceito novo, já que é usado e discutido há tempos na área de divulgação de marcas (Viana, 2020). Salientamos que será usado principalmente o conceito de *storytelling* na pesquisa quando abordarmos sobre o *podcast*,

uma vez que observamos o uso desse conceito para se tratar dessas narrativas em ambientes digitais e em formato de áudio.

2.1 História e evolução do Jornalismo Literário

Se faz necessária uma contextualização sobre o surgimento do Jornalismo Literário e esses novos usos das técnicas da literatura no jornalismo de áudio.

Segundo Pena (2008), a base do Jornalismo Literário seria o medo, no sentido de ser necessário constituir relatos para reportar informações à comunidade. “[...] começa junto com a primeira comunicação humana, ainda na Pré-História”(Pena, 2008, p. 25). Já para Castro, “passar notícias de forma literária remonta aos egípcios” (Castro, 2010, p.11). As afirmativas podem ser revisitadas e questionadas, uma vez que não há um consenso absoluto. Mas iremos partir do pressuposto de outros dois autores: Otto Groth e Nídia Faria. Segundo eles, o Jornalismo Literário (Groth, 2011) ou “gênero jornalístico-literário” como chama Nídia Faria (2011) surgiu no século XVIII. Faria (2011) escreveu em artigo originado após seu mestrado em Jornalismo, que foi uma tendência que começou a se manifestar na escrita de Daniel Defoe e de Henry Fielding, por exemplo. Desse modo, o Jornalismo Literário teria surgido na Europa, mais especificamente na Inglaterra.

Pesquisadores como Felipe Pena (2008) ressaltam a contribuição da França para o Jornalismo Literário: o surgimento do folhetim no *Journal des Débats*. Aqui se trata de uma confluência entre jornalismo e literatura, não necessariamente o chamado Jornalismo Literário, já que não parte do pressuposto de ser uma história real da atualidade, isto é, um conteúdo de não-ficção. Entretanto, essa aproximação da literatura e do jornalismo potencializou um aumento das tiragens e uma divulgação ampla dos escritores que colocavam suas histórias, sejam romances ou crônicas, nos jornais em formato de folhetim. Pena (2008) destaca dois autores brasileiros nesse contexto: Machado de Assis e José de Alencar.

Já Muniz Sodré coloca em evidência a crônica e os cronistas em seu livro “A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento” (2009). Segundo o autor, “A partir dos anos 1930, modernistas e pós-modernistas dedicaram-se ao gênero, produzindo uma notável geração de cronistas, em que pontificaram nomes como Rubem Braga, [...] Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e vários outros” (Sodré, 2009, p. 146). Para Sodré a crônica seria “uma espécie de meio-caminho, uma particular formação de compromisso entre as duas margens [do Jornalismo e da Literatura]” (Sodré, 2009, p. 144). O

autor enfatiza a importância que a escrita de crônicas nos jornais foi importante para melhores experiências textuais dos jornalistas (Sodré, 2009).

Outros exemplos de Jornalismo Literário do século XX são Euclides da Cunha (2002) e João do Rio “(pseudônimo de Paulo Barreto) – Autor de *As religiões do Rio* (1905)” (Sodré, 2009, p. 149). Euclides da Cunha cobriu a insurreição de Canudos para o jornal “O Estado de S. Paulo” e lançou cinco anos depois, em 1902, seu primeiro livro-reportagem “Os sertões” (2002). Já João do Rio “hibridizava crônica, reportagem e entrevista, produzindo um tipo muito particular de texto, marcadamente narrativo” (Sodré, 2009, p. 149-150).

Há diversos outros nomes no mundo que fizeram e fazem Jornalismo Literário, como Gabriel García Márquez (Colômbia) e Haruki Murakami (Japão); mas não podemos deixar de citar o movimento atribuído aos EUA, o *New Journalism*, ou Novo Jornalismo.

O *New Journalism* evidenciou-se como movimento na década de 1960, marcado pela “insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto jornalístico” (Pena, 2008, p. 53). Os “novos jornalistas” faziam “reportagens caracterizadas por extensas pesquisas de campo e pelas descrições detalhadas de ambientes e personagens (Sodré, 2009, p. 153). Desse movimento destacamos Truman Capote, Gay Talese, Hunter Thompson e Tom Wolfe, sendo esse último o autor de um manifesto para o gênero. Segundo Alexandre Souza, “[...] a geração do Novo Jornalismo conseguiu sistematicamente se aproximar das técnicas literárias numa época em que o jornalismo havia se consolidado como uma atividade industrial dominada por rotinas” (Souza, 2013, p. 45). Nessa perspectiva, o *New Journalism* e/ou Jornalismo Literário surgiram para se opor ao que já estava consolidado no jornalismo: a objetividade. Essa oposição ao jornalismo nos moldes da objetividade continuou e se expandiu em diferentes meios. Atualmente está muito presente nas revistas Brasileiros e Piauí e na web, como por exemplo, na Agência Pública de Jornalismo Investigativo (Martinez, 2017). Em áudio, o Jornalismo Literário se apresenta em diversos *podcasts*, ganhando uma nova nomenclatura: *storytelling*. Praia dos Ossos (Rádio Novelo), Projeto Humanos (independente), Radio Ambulante (NPR), Vozes (CBN) e A Mulher da Casa Abandonada (Folha de S. Paulo), sendo o último objeto de estudo desta pesquisa, são exemplos de *podcasts* em estilo *storytelling*.

2.2 O *storytelling* aplicado no jornalismo

Como dito anteriormente em outros termos, o Jornalismo Literário em *podcasts* é chamado regularmente de *storytelling*. “O termo em inglês pode ser traduzido como algo

próximo à contação de histórias, situação na qual o jornalista é contador (*teller*) e o fato apurado (*story*) é o que deve ser narrado” (Cunha; Mantello, 2014, p. 58). Nesse sentido, *storytelling* pode ser entendido como técnica de redação, se estendendo para a publicidade e para outros produtos da comunicação (Cunha; Mantello, 2014, p. 60).

Segundo os autores Cunha e Mantello, “Ao adotar a técnica do *storytelling*, o jornalista (*storyteller*) assume o papel de narrador e organiza os fatos em sequência”, isto é, segue o mesmo preceito do Jornalismo Literário ao se opor à objetividade e à pirâmide invertida³. No jornalismo em *storytelling* “há um esforço de recriar cenas e personagens, tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia” (Cunha, Mantello, 2014, p. 58) usando da narratividade. O jornalismo habitual tem como objetivo informar o público e o jornalismo feito com o uso das técnicas de *storytelling* vai mais além, pois visa entregar:

[...] um mergulho sensorial na realidade. Não basta a informação seca, dita objetiva, factual. O leitor é convidado a captar na narrativa as nuances ambientais de onde o acontecimento se dá. As cores, os sons, os cheiros – se possível –, o movimento dinâmico com que as ações se dão. (Lima, 2014, p. 121)

Desse modo, o jornalismo em *storytelling* visa muito a imersão do leitor/ouvinte/telespectador, na medida em que “o propósito da modalidade é conduzir o leitor simbolicamente para dentro dos ambientes que suas narrativas representam” (Lima, 2014, p. 122). Destacamos que as pesquisas sobre *storytelling* de Lima (2014) e Cunha e Mantello (2014) abordam principalmente sobre as técnicas de *storytelling* aplicadas ao impresso, ao texto para a *web* e ao audiovisual, mas para Viana os mesmos apontamentos dos autores podem ser levados em consideração para a pesquisa em rádio e *podcasting* (2020).

³ A pirâmide invertida é uma técnica de redação na qual “[...] o jornalista organiza a notícia colocando a informação mais importante no início e o menos importante no final [...]” (CANAVILHAS, 2007, p. 31), uma vez que há “[...] a necessidade de escrever condicionado pela possibilidade do editor poder efectuar cortes no texto para o encaixar num determinado espaço” (CANAVILHAS, 2007, p. 31).

3 A ASCENSÃO DOS *PODCASTS* COMO UMA NOVA FORMA DE JORNALISMO EM ÁUDIO: EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO MEIO EM TRÊS GERAÇÕES

Os *podcasts* ascenderam nos últimos anos como uma nova forma de fazer jornalismo em áudio. Para Kischinhevsky, trata-se do “rádio expandido, que trabalha com a percepção do rádio para além das ondas hertzianas, presente também na televisão, na internet, no celular e nas redes sociais” (2016, p. 7). O *podcast* surgiu nesse contexto, quando em 2004, Adam Curry, ex-VJ da MTV norte-americana, quis romper com o rádio convencional criando um produto sonoro com recepção assíncrona. Adam Curry, foi o “responsável por elaborar um método de transmissão de áudio para o reproduzidor de mídia desenvolvido pela empresa *Apple*, o *iTunes*” (Fernandes; Musse, 2017, p. 6) naquele momento, em 2004. No entanto, o termo *podcasting* foi cunhado por outra pessoa naquele mesmo ano. Ben Hammersley, no jornal *The Guardian*, definiu essa nova forma de transmissão de conteúdo como *podcasting* (Lopes, 2015, p.15)

Segundo Lopes, “Essa forma de transmitir dados passou a ser chamada de *podcasting* (junção do prefixo “*pod*”, oriundo de *iPod*, com o sufixo “*casting*”, originado da expressão “*broadcasting*”, transmissão pública e massiva de informações)” (2015, p. 15). Mais tarde, essa forma de transmissão não se limitou ao *iPod*, mas por ter sido a primeira mídia alimentada com esse tipo de conteúdo acabou não sendo mudado o nome sugerido por Ben Hammersley.

Dessa forma, diferente do que a maioria das pessoas imaginam, *podcasts* não são uma coisa recente. Os *podcasts* “como mídia, existem desde 2004, quando se tem notícia do primeiro conteúdo de áudio transferido via RSS” (Barsotti; Santa Cruz, 2020, p. 138). A tecnologia *RSS* (*Really Simple Syndication*) disponibiliza o conteúdo de forma instantânea, podendo ser baixado e ouvido em qualquer lugar e a qualquer hora.

Ao decorrer do surgimento de novas tecnologias, outros agregadores de *podcast* foram começando a ser utilizados ao invés da tecnologia *RSS*. Serviços de *streaming* como o *Spotify* e o *Deezer* começaram a ser mais buscados por conta da facilidade de acesso. Nessas plataformas é possível baixar o *podcast* para ouvir sem conexão com a internet ou ouvir instantaneamente de forma *online*, isto é, apenas apertando o *play* sem precisar baixar obrigatoriamente como no sistema *RSS*.

Bonini considera os anos entre 2004 e 2011 como a primeira era do *podcast*, época em que os programas eram, na maioria das vezes, amadores e sem fins lucrativos (Bonini, 2020). A segunda era começa em 2012 nos EUA, “quando alguns dos famosos *podcasts* do rádio

público americano se tornaram independentes das emissoras de origem, passando a financiar-se inteiramente por meio de seus ouvintes, através de novas plataformas de financiamento coletivo como *Kickstarter*” (Bonini, 2020, p. 23). A segunda era está relacionada ao surgimento do *podcast Serial*, apresentado por Sarah Koenig, uma ex-produtora do programa radiofônico da *National Public Radio (NPR)*, *This American Life*. Além de ser uma das primeiras séries de *podcasting* em estilo *storytelling*, *Serial* “representa um ponto de virada para a segunda era do *podcasting*: é o programa que fez esta tecnologia de distribuição se tornar *mainstream* e transformou-a num meio de massa” (Bonini, 2020, p. 25). A partir desse momento muitos *podcasts* começaram a surgir, assim como grandes redes: “Em 2014, cinco outras redes foram criadas nos EUA: *PodcastOne*, *Gimlet Media* (projeto de Alex Blumberg, ex-produtor de *This American Life*), *Infinite Guest*, *Earwolf* e *Panoply*” (Bonini, 2020, p. 26).

No Brasil, surgiram diversos tipos de *podcast* durante a primeira e a segunda geração. Segundo Silva e Santos, os pioneiros no Brasil são Pretinho Básico, Café Brasil e Nerdcast, sendo os dois primeiros com surgimento no rádio e o último lançado originalmente na internet em 2006 (2020). Na segunda geração surgiram mais *podcasts* de entrevista, debate, *storytelling*, informativo, entre outros, alcançando um público significativo (Silva; Santos, 2020). Podemos citar *podcasts* jornalísticos como Mamilos (B9), Durma com essa (Nexo Jornal) e Projeto Humanos (independente), sendo este último um exemplo recorrente de jornalismo em *storytelling* no Brasil, como abordaremos no próximo tópico do capítulo.

Por último, a terceira geração seria dos *podcasts* surgidos a partir de 2019, “em função do grande crescimento de audiência do formato e dos altos investimentos realizados por grupos como *Spotify* e *Globo*” (Silva; Santos, 2020, p. 58). Dessa geração podemos citar O Assunto (G1) e Café da Manhã (Folha de S. Paulo) como os dois principais *podcasts* de jornalismo diário da geração. No próximo tópico abordaremos sobre alguns exemplos de *podcasts* em estilo *storytelling*, com a contextualização necessária.

3.1 Podcast em *storytelling*: os podcasts narrativos

Se nos EUA o *podcast* pioneiro que mais chamou atenção por sua linguagem em estilo *storytelling* foi *Serial*, no Brasil foi Projeto Humanos. O *podcast* esteve figurado em 9º lugar em audiência no ano de 2019 entre todos os *podcasts* brasileiros (Silva; Santos, 2020). Projeto Humanos é um *podcast* lançado em 2015 por Ivan Mizanzuk e conta “histórias reais de pessoas reais”. Atualmente na quinta temporada, o *podcast* trouxe desde o início a linguagem

em estilo *storytelling*. O idealizador buscou utilizar dessas técnicas já trabalhadas anteriormente em *Serial* no próprio *podcast*, como afirmou o próprio produtor Ivan Mizanuk em entrevista ao jornal O Globo⁴.

Depois do surgimento de Projeto Humanos, outros *podcasts* brasileiros surgiram fazendo uso das mesmas técnicas de *storytelling*. Oxigênio (Labjor - Unicamp), 37 Graus (Lab37), Praia dos Ossos e A Mulher da Casa Abandonada são exemplos de *podcasts* em estilo *storytelling* que surgiram posteriormente. A categoria de *podcasts* em estilo *storytelling* também é muito referenciada como *podcasts* narrativos. Os dois primeiros *podcasts*, Oxigênio e 37 Graus são produções de Jornalismo Científico, ou melhor “[...] *podcasts* narrativos de Ciência [...]” (Trinca; Figueiredo, 2022, p. 2). Segundo as autoras, “*Podcasts* narrativos são primeiramente associados aos programas de *true crime* que se tornaram virais [...]” (Trinca; Figueiredo, 2022, p. 2). As autoras citam também *Serial* no contexto estadunidense, e no Brasil os *podcasts* Praia dos Ossos e O Caso Evandro, quarta temporada do Projeto Humanos (Trinca; Figueiredo, 2022).

Os *podcasts* narrativos têm em comum o uso das técnicas de *storytelling* na estruturação do produto. A construção do *podcast* em estilo *storytelling* é baseada em uma construção linear da história que se deseja contar, trazendo elementos da literatura para contar uma história de não-ficção, como descrição dos fatos, ambientes e cenas. “Uma história é um relato de qualquer sequência de acontecimentos relacionados, sejam eles reais ou fictícios” (Koch, 2009, p. 86). Dessa forma, o jornalismo utiliza desses recursos para estruturar os fatos como uma história no âmbito da literatura (Pena, 2008).

Nesse contexto, “A narração – o modo de contar – e o narrador – aquele que conta – tornam-se tão centrais como os personagens ou aquilo que é contado, constituindo a narrativa” (Vicente, Soares, 2021, p. 258). Os *podcasts* narrativos possuem uma influência no rádio documentário, mas diferente do formato veiculado no rádio os *podcasts* narrativos usam com mais frequência as técnicas de serialização para contar histórias que precisam de maior aprofundamento.

A serialização, claro, não nasce no podcast. A radionovela e os programas dramáticos e humorísticos da era de ouro do rádio – restringindo-nos aqui às narrativas sonoras – já lançavam mão dessa estratégia ao compartilharem personagens, argumentos, estratégias narrativas, cenários ou ao fragmentarem as narrativas em micronarrativas que dialogavam em maior ou menor nível, além de

⁴ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/a-era-de-ouro-dos-podcasts-entenda-boom-dos-programas-de-audio-on-line-23612273>. Acesso em: 26/05/23

alimentarem a ânsia pelo desfecho narrativo, a proximidade com os personagens, a relação com os acontecimentos (...) (Lopez; Alves, 2019, p. 7)

Podcasts como Projeto Humanos, Praia dos Ossos e A Mulher da Casa Abandonada usam da serialização, são *podcasts* com vários episódios que se interligam entre si, mas principalmente em forma encadeada, isto é, contando a história de forma mais linear.

3.2 Jornalismo de áudio em primeira pessoa

Um outro aspecto muito presente nos *podcasts* narrativos é a locução subjetiva, em que o narrador recorre ao uso da primeira pessoa. “Nessas produções, a fala do narrador é direcionada ao ouvinte, visando estabelecer uma relação de diálogo e laços de intimidade, como quem compartilha impressões e conta segredos” (Viana, 2021, p. 1-2). As produções de que fala Viana são principalmente os *podcasts* em estilo *storytelling* (Viana, 2021).

Como dito anteriormente no capítulo 2, o jornalismo mais subjetivo é recorrente nas produções que fazem uso de técnicas literárias. Nessas produções, há uma fuga da objetividade jornalística, o que iniciou um debate sobre o quanto essa fuga da objetividade pode ser prejudicial à imagem do jornalismo como fiel à realidade. Mas para Kischinhevsky:

O uso da primeira pessoa é recorrente pelos apresentadores, que não se furtam a verbalizar suas dúvidas, impressões e opiniões, embora sempre tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados ao jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos (Kischinhevsky, 2018, p. 79)

Sendo assim, o uso da primeira pessoa não nega os valores do jornalismo e a fidelidade aos fatos. Os narradores dos *podcasts* Projeto Humanos e Praia dos Ossos fazem uso da locução em primeira pessoa (Viana, 2021). Em A Mulher da Casa Abandonada, também há o uso da primeira pessoa e como veremos adiante na análise, um jornalismo “confessional”, marcado por “[...] reportagens [...] mais íntimas e confessionais [...] Todos os jornalistas estão cientes da pressão para humanizar as histórias, incluindo experiências mais pessoais e íntimas, incluindo auto-revelações” (Coward, 2013 *apud* Viana, 2021). Verificamos o jornalismo confessional no objeto de pesquisa, mas detalharemos no capítulo 6.

3.3 Jornalismo de áudio em múltiplas plataformas

Apesar da modalidade *podcast* poder ser entendida como “rádio expandido” (Kischinhevsky, 2016) ou “radiojornalismo hipermediático” (Lopez, 2011), alguns outros autores vão explicar que os *podcasts* podem ser entendidos como uma modalidade nova de jornalismo de áudio. Segundo Medeiros, é possível notar diferenças significativas entre a forma como a transmissão acontece no rádio, ocorrendo de maneira contínua, e no *podcasting*, que permite que o ouvinte escolha quando escuta o conteúdo (Medeiros, 2006). “Depois o modo de produção que, no *podcasting* é descentralizado e, no rádio é centralizado e institucionalizado” (Medeiros, 2006, p. 9). Dessa forma, segundo Medeiros, o rádio e os *podcasts* estariam em direções opostas (2006). Os *podcasts* fogem desse modo de produção do rádio convencional, onde há uma organização de trabalho mais centralizada na redação. Os *podcasts* ganham espaço entre produtores independentes, descentralizando a produção e se afirmando como “uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz, a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independente do suporte tecnológico” (Ferraretto; Kischinhevsky, 2010, p. 1010).

Nesse contexto encontramos *podcasts* não só em áudio, mas também em vídeo. O “rádio expandido, que trabalha com a percepção do rádio para além das ondas hertzianas, presente também na televisão, na internet, no celular e nas redes sociais. Ou seja, concebe-se que o ouvinte radiofônico se encontra em multi-contextos” (Kischinhevsky, 2016, p. 7). Kischinhevsky observa essa tendência em suas pesquisas, mas ainda trata os *podcasts* como “rádio expandido” e não como uma nova modalidade. Lopez também tem essa visão e aponta que “Um repórter de rádio, por exemplo, deve ter conhecimento que lhe permita desenvolver vídeos, textos, fotografias, infografias ou áudio-*slideshows*” (Lopez, 2011, p. 127). Lopez expõe a ideia de que rádio seria a mídia principal e os outros conteúdos como complementares. Ainda não se tem a noção de *podcast* como uma nova modalidade com origem na internet e com características próprias por parte de muitos autores. As autoras Fernandes e Musse (2017) reconhecem a proximidade das duas linguagens, mas também pontuam que pelo *podcast* ter nascido no âmbito da cibercultura ele se diferencia ao ser feito sob demanda.

[...] ouvinte pode acessá-lo quando quiser e, ao baixá-lo, pode ouvi-lo no momento em que considerar mais adequado. Sendo assim, o programa não é veiculado em tempo real e não está preso a uma grade horária ou a um horário de transmissão, acessível a qualquer consumidor que tenha acesso à internet (Fernandes; Musse, 2017, p. 6).

O radiojornalismo ou jornalismo em áudio, está cada vez mais presente em multiplataformas, se tornando essa uma estratégia para formar laços com o público. Ao estar em múltiplas plataformas há mais chance de algum dos conteúdos ganhar audiência:

Não só o público migra para um ambiente que oferece várias formas de consumo de histórias e informações, como ele mesmo tem a autonomia de procurar e optar pela forma de comunicação que mais o apetece, seja ela conhecida ou não, mainstream ou não, a mais utilizada ou não – as plataformas on-line são ilimitadas e disponibilizam diversas maneiras para as pessoas acessem sua mídia de preferência, de onde quiserem e da forma que preferirem. (Fernandes; Musse, 2017, p. 3)

Salientamos que em “A Mulher da Casa Abandonada” não há uso de conteúdos em vídeo (telejornalismo ou webtelejornalismo), mas que diferentes plataformas são usadas para disponibilizar o conteúdo de áudio, como o *YouTube*, o *Spotify*, o *Deezer* e outras plataformas de áudio. Na plataforma de vídeos *YouTube*, é disponibilizado o conteúdo do *podcast* em áudio, com a arte do programa, por isso não consideramos como um conteúdo em vídeo complementar ao *podcast*, no sentido da lógica transmídia e da cultura da convergência, mas sim o *podcast* em áudio sendo disponibilizado na plataforma de vídeos.

Jenkins (2009) conceitua a convergência que acontece nos meios de comunicação:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (Jenkins, 2009, p. 29)

Jenkins aborda a convergência dos meios de comunicação muito voltada ao entretenimento, citando franquias de filmes, séries e games. Entretanto, podemos trazer seu conceito de narrativa transmidiática (Jenkins, 2009) para pensar o jornalismo. A narrativa transmidiática é descrita por Jenkins como um fenômeno de desenvolvimento de histórias que se estende “[...] através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo” (Jenkins, 2009, p. 138). Se trata de uma estratégia de desenvolvimento de conteúdos diferentes para cada mídia, não como acontece com o *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada”: seu conteúdo em áudio replicado no *Youtube*, por exemplo. Pensando no uso da narrativa transmidiática no jornalismo, o que os produtores de “A Mulher da Casa Abandonada” poderiam ter feito, seria produzir vídeos para as mídias sociais. Sem essa produção complementar não há narrativa transmidiática ou como Souza (2011) entende por lógica transmídia, na qual o jornalismo “pode oferecer narrativas com o uso combinado, complementar e autônomo de plataformas” (p. 63).

Não há conteúdos em vídeo feitos pela equipe de produção seguindo a lógica transmídia, mas podemos considerar essa lógica transmídia em alguma escala nas redes sociais e site da Folha de S. Paulo, detentora dos direitos do *podcast* e responsável pela contratação da equipe criativa.

No site e nas redes sociais da Folha de S. Paulo há a divulgação do *podcast* e informações sobre o caso, mas nada que vá muito além das informações que o *podcast* já oferecia enquanto ele ainda não se constituía como um ciberacontecimento. Para Henn e Oliveira (2014, p.42), os ciberacontecimentos “São acontecimentos que têm as redes na internet como lugar de constituição e, por conta disso, incorporam sua natureza: alta conectividade, compartilhamentos e propulsão intensa de sentidos”. Depois de um tempo, com o sucesso quase imediato do *podcast*, a Folha de S. Paulo, assim como outros jornais do país, começaram a pautar as consequências que o *podcast* teve na vida das pessoas, como as denúncias de trabalho escravo doméstico duplicando após o produto em áudio ser lançado. Além de jornais, influenciadores das mídias sociais digitais também passaram a produzir conteúdos sobre o caso e seus desdobramentos enquanto os episódios ainda eram lançados.

A ênfase sobre a cobertura do jornal Folha de S. Paulo se deve por considerarmos analisar brevemente neste tópico a lógica transmídia em múltiplas plataformas da empresa que detém o *podcast*. Entretanto, não haverá um aprofundamento sobre os ciberacontecimentos constituídos após o lançamento do *podcast*, apenas é necessário contextualizar para averiguação de uma lógica transmídia. Souza (2011) acredita no potencial jornalístico na adoção da lógica transmídia, com o jornalismo fazendo uso de diferentes plataformas para abordar diferentes aspectos do fato (Souza, 2011, p. 63). Nesse sentido, os conteúdos do *podcast* em diferentes plataformas podem ser considerados transmídia na medida em que se complementam. Como exposto anteriormente, não há produção de vídeos pela equipe de “A Mulher da Casa Abandonada”, não configurando uma lógica transmídia. A produção de vídeos pelo público/influenciadores digitais como um “ciberacontecimento” sobre o caso não será abordada, tornando essas investigações possíveis para um aprofundamento do estudo em programas acadêmicos futuros.

4 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

Neste capítulo, iremos contextualizar o que é e sobre o que fala o objeto empírico desta pesquisa, o *podcast* A Mulher da Casa Abandonada. A seguir, buscaremos apontar as etapas de análise realizadas para a pesquisa, ancorada na metodologia de Análise de Conteúdo.

4.1 Objeto: *podcast* A Mulher da Casa Abandonada

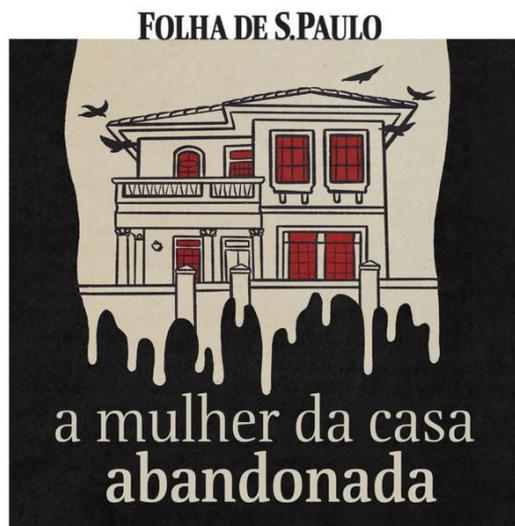
O objeto de pesquisa a ser analisado é o *podcast* narrativo “A Mulher da Casa Abandonada”, do jornalista Chico Felitti, produzido para a Folha de S. Paulo. O *podcast* foi lançado no dia 8 de junho de 2022, com um episódio por semana, até serem lançados seus 7 episódios.

Escrito e narrado pelo jornalista Chico Felitti, o programa aborda a trajetória de Margarida Bonetti, uma brasileira procurada pelas autoridades norte-americanas por manter uma empregada sob condições análogas à escravidão por duas décadas. A história começa com a curiosidade em torno dessa personagem excêntrica, que vive em reclusão numa mansão abandonada em Higienópolis, um dos bairros mais luxuosos de São Paulo.

O crime não foi cometido apenas por Margarida Bonetti, mas também pelo seu marido Renê Bonetti. O crime ocorreu nos Estados Unidos entre 1979 e a virada do século, mas o *podcast* se inicia com um conflito no bairro Higienópolis, em que participa Margarida Bonetti, que veio ao Brasil foragida depois do caso ser descoberto nos EUA.

Para Gancho, conflito é um componente da estória gerador da tensão que faz o enredo envolver e prende a atenção do apreciador à matéria narrada (Gancho, 2004, *apud* Revista Maxwell [...], [2023?]). Dessa forma, o conflito é essencial dentro de uma narrativa, seja de ficção ou não-ficção, para captar a atenção do ouvinte. O conflito inicial apresentado no *podcast*, que depois levou o jornalista Chico Felitti a descobrir o caso de exploração, é uma simples discordância na poda de árvores do bairro Higienópolis em São Paulo. O que chamou atenção dele foi uma mulher que atestava que empresas em conluio com o Estado ganhavam dinheiro cortando árvores saudáveis de bairros ricos e que aquela poda era um exemplo do esquema de corrupção. É nesse contexto que o jornalista Chico Felitti acaba conhecendo a mulher mais profundamente e a reconhecendo como moradora de uma das únicas mansões abandonadas do bairro Higienópolis.

Figura 1: Capa do *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada”.



Fonte: *Spotify*. Elaboração da produtora Folha de S. Paulo. 2022.

Explicado como se inicia o *podcast*, faz-se necessário uma contextualização dos demais episódios. No quadro a seguir traremos o nome de todos episódios, sua data de publicação e um breve resumo do episódio. A análise vai contemplar aspectos dos dois primeiros episódios, num total de 7 episódios que o *podcast* dispõe. Interessante notar que o último episódio traz o formato de entrevista, se distanciando do modo de contação de histórias (*storytelling*).

Quadro 1 - Informações dos episódios do *podcast*

Nome do episódio	Data de lançamento	Resumo
Ep. 1: A Mulher	08/06/22	Na antevéspera do Natal de 2021, uma mulher que se apresenta como Mari está tentando impedir que funcionários da prefeitura de São Paulo podem uma árvore. Enquanto ela tenta mobilizar vizinhos do bairro de Higienópolis, pessoas sussurram que ela é a bruxa que mora na casa abandonada. Depois de perder a guerra contra o corte da árvore, a mulher se aproxima do repórter Chico

		Felitti. É então que vem à tona a possibilidade de ela ter um passado de crimes.
Ep. 2: A Casa	15/06/22	A vizinhança compartilha as histórias que coleciona sobre Mari, cujo nome verdadeiro é Margarida Bonetti. Ela é uma herdeira que cresceu na mesma mansão onde mora em 2022 e que se mudou para os Estados Unidos no fim da década de 1970. Voltou 20 anos depois, fugindo da polícia federal americana e da acusação de ter cometido crimes em solo americano.
Ep. 3: Uma Rua Em Silêncio	22/06/22	A pacata cidade americana de Gaithersburg foi o palco dos crimes de que Margarida Bonetti foi acusada. Por duas décadas, uma empregada doméstica morou na casa de quatro quartos de Margarida e seu marido, Renê Bonetti. Ela não ganhava salário e era agredida, apontou uma investigação do FBI. Chico Felitti viaja até Gaithersburg, mas há um manto de silêncio cobrindo a vizinhança. Até que uma moradora da mesma rua decide falar: a vizinha que ajudou a brasileira explorada a fugir da casa de Margarida e a buscar ajuda.
Ep. 4: Uma Mulher e Um Homem Livres	29/06/22	Margarida conseguiu fugir da Justiça americana ao se isolar em uma mansão destruída no Brasil. Mas seu marido, Renê, ficou nos Estados Unidos, onde foi julgado, condenado e cumpriu pena. Quinze anos depois de ele sair da cadeia,

		vamos entrar numa busca por esse homem, e também descobrir mais sobre a pessoa que foi explorada por Margarida Bonetti, e que hoje vive protegida pelo governo americano.
Ep. 5: Outras Tantas Mulheres	06/07/22	O caso de exploração envolvendo Margarida Bonetti pode ser chocante, mas está longe de ser único. A equipe do <i>podcast</i> conta histórias similares que aconteceram no passado recente em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e em Santos. Pesquisadoras que estudam a escravidão contemporânea explicam por que o Brasil é um país que explora mulheres pretas, e como esses crimes sobreviveram até 2022.
Ep. 6: Um Fim Que Não É Bem Um Fim	13/07/22	Após cinco meses de investigação do <i>podcast</i> , Margarida Bonetti desaparece. A reportagem passa semanas tentando entrar em contato com ela, mas a mansão em pandarecos parece estar ainda mais inacessível. Vizinhos se dispõem a ajudar a encontrar a mulher da casa abandonada, enquanto um reconhecido advogado criminalista analisa se ela ainda pode responder pelos crimes de que foi acusada 20 anos atrás.
Ep. 7: A Mulher da Casa Abandonada	20/07/22	Pela primeira vez em duas décadas, Margarida Bonetti dá uma entrevista. Ela se defende das acusações

		na Justiça americana e diz que o FBI, congressistas e advogados tramaram um complô para aprovar uma lei que aumentou a proteção a empregadas domésticas de famílias estrangeiras nos Estados Unidos.
--	--	--

Fonte: Adaptado do *Spotify*, 2023

O *podcast* gerou grande repercussão em diversas mídias, como vídeos no *TikTok*, comentários nas redes sociais, vídeos no *YouTube* e reportagens sobre o caso, o que o tornou cada vez mais popular e estabeleceu novos recordes de audiência. A forma como Chico Felitti e a Folha de S. Paulo decidem contar a história é o principal ponto levado em consideração nessa análise. As técnicas de *storytelling* e as subjetividades do narrador dentro da narrativa dos dois primeiros episódios serão pontuadas.

4.2 Etapas de pesquisa

A metodologia escolhida para uma melhor análise do *storytelling* e da subjetividade do narrador foi a Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Será aplicada a Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), a partir dos pólos cronológicos definidos pela autora: “1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (Bardin, 1977, p. 95).

Conforme Bardin (1997), a pré-análise se constitui da “[...] escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objectivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (p. 95). Segundo a autora, se trata da fase de organização do material. Com base no método de Bardin, primeiro realizou-se uma escuta mais superficial, fazendo contato com o objeto de pesquisa, tendo a consciência de que será analisado mais profundamente nas etapas seguintes. Dessa forma, escutamos todos os 7 episódios e após isso a pesquisa pôde prosseguir com a escolha dos episódios que seriam analisados. Separamos os episódios 1 (A Mulher) e 2 (A Casa), uma vez que esses dois primeiros episódios já demonstram as principais marcas de subjetividade presentes em todo o produto sonoro, como descrições e observações de caráter pessoal.

No segundo pólo cronológico para Análise de Conteúdo de Bardin (1977), que é o da exploração do material, mas que a autora chama mais enfaticamente de codificação, temos três escolhas de método, que são também passos da análise: “[...] O recorte: escolha das unidades; [...] A enumeração: escolha das regras de contagem; [...] A classificação e a agregação: escolha das categorias” (Bardin, 1997, p. 104). Nessa pesquisa, vamos seguir todas as escolhas de método por entendermos que são etapas importantes para a pesquisa.

O recorte se dá em duas fases, sendo a 1ª fase a escolha das unidades de registro e a 2ª fase a contextualização da unidade de registro por meio da unidade de contexto. Segundo Bardin (1977), uma unidade de registro é “[...] a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base [...]” (p. 104). Segundo a autora, as unidades de registro podem ser muito variáveis e por isso há uma certa ambiguidade em relação aos critérios de distinção dessas unidades (Bardin, 1977).

Conforme Bardin (1977), as unidades de registro mais utilizadas são: “A palavra [...]; O tema [...]; O objeto ou referente [...]; O personagem [...]; O acontecimento [...]; O documento” (p. 105-107).

A palavra, segundo a autora,

[...] não tem definição precisa em linguística, mas para aqueles que fazem uso do idioma, corresponde a qualquer coisa. Contudo, uma precisão linguística pode ser suscitada se for pertinente. Todas as palavras do texto podem ser levadas em consideração [como unidades de registro], ou podem-se reter unicamente as palavras-chave ou as palavras-tema (*symbols* em inglês); pode igualmente fazer-se a distinção entre palavras plenas e palavras vazias; pode-se ainda efectuar a análise de uma categoria de palavras: substantivos, adjectivos, verbos, advérbios [...] (Bardin, 1977, p. 105).

O tema

[...] é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. O texto pode ser recortado em ideias constituintes, em enunciados e em proposições portadores de significações isoláveis [...] (Bardin, 1977, p. 105).

Segundo Bardin (1977) “Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os «núcleos de sentido» que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido” (p. 105). Já o objeto ou referente trata “[...] de temas eixo, em redor dos quais o discurso se organiza [...] recorta-se o texto em função destes temas eixo, agrupando-se à sua volta tudo o que o locutor exprime a seu respeito” (Bardin, 1977, p. 106).

O personagem também pode ser selecionado como unidade de registro.

Neste caso, o codificador indica os «personagens» (ser humano ou equivalente, tal como um animal, etc.) e, no caso de uma análise categorial, as classes em função da grelha escolhida. Tal grelha é geralmente estabelecida em função das características ou atributos do personagem (traços de carácter, papel, estatuto social, familiar, idade, etc.) [...] (Bardin, 1977, p. 106).

O acontecimento como unidade de registro é muito usado “[...] no caso de relatos e de narrações [...]” (Bardin, 1977, p. 106). Esses relatos, que podem ser filmes, artigos de jornal ou qualquer outro tipo de narração, são recortados em unidades de ação (Bardin, 1977, p. 106-107).

Por fim temos como unidade de registro o que Bardin chama de “documento”, que pode ser “[...] um filme, um artigo, uma emissão, um livro, um relato [...] desde que possa ser caracterizado globalmente e no caso de análise rápida” (Bardin, 1977, p. 107).

A autora explica quais são as unidades de registro mais usadas, mas não restringe o uso de novas unidades de registro ou de serem usadas num “ponto de intersecção de unidades perceptíveis (palavra, frase, documento material, personagem físico) e de unidades semânticas (temas, acontecimentos, indivíduos)” (Bardin, 1977). Isto é, das unidades de registro serem usadas em conjunto (Bardin, 1977). Sabendo-se disso, buscamos encontrar uma unidade de registro que seja cabível para utilização na presente pesquisa, e encontramos no Trabalho de Conclusão de Curso de Bárbara Linhares Dirksen, intitulado “Jornalismo de subjetividade em *podcasts* narrativos: uma análise do Praia dos Ossos”. Pela semelhança entre os trabalhos e problemas de pesquisa, cabe usarmos a unidade de registro proposta pela autora, ou seja: as marcas de subjetividade do narrador (Dirksen, 2023), salientando-se que assim incorporamos também outras unidades de registro apontadas por Bardin, compreendendo-se, inclusive, intersecções, como sugere a autora. Essa unidade de registro, as marcas de subjetividade do narrador, foi definida por Dirksen (2023) por ela notar posicionamentos e interpretações pessoais por parte de Branca Vianna, narradora do *podcast* analisado por Dirksen, o “Praia dos Ossos”.

Já a unidade de contexto é a:

[...] unidade [que] serve [...] de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exacta da unidade de registro. Isto pode, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema (Bardin, 1977).

Segundo a autora, a unidade de contexto seria mais ampla que a unidade de registro, a unidade de contexto tem uma maior dimensão e abrange a unidade de registro (Bardin, 1977). A unidade de contexto poderia ser tudo que se fala nos dois episódios analisados, mas o que nos interessa é a narração de Chico Felitti e como a sua subjetividade se apresenta nas suas inserções. Além disso, a autora diz que “(...) se a unidade de contexto for demasiado pequena ou demasiado grande, já não se encontra adaptada (...)” (Bardin, 1977). Por essas razões, buscamos um ponto de equilíbrio entre pequeno e grande, e a unidade de contexto mais cabível nesse caso foram todos os trechos em que Chico Felitti está falando no *podcast*, desconsiderando falas de entrevistados e demais inserções na enumeração e categorização.

Após escolha da unidade de registro e percepção da unidade de contexto foi possível partir para a categorização. Elaboramos tabelas para cada episódio analisado, identificando as marcas de subjetividade do narrador. Foi feita a transcrição das falas de Chico Felitti nos episódios analisados e grifados os trechos onde aparecem observações, opiniões e subjetividade do narrador e criador do *podcast*.

Após isso, os trechos grifados foram divididos em 3 categorias: “Descrição”, “Opinativo” e “Diálogo direto com o ouvinte”. As categorias foram escolhidas através do trabalho de Dirksen (2023) como modelo, mas também através da minha percepção (Cassiano) de possíveis agrupamentos que fazem sentido estarem na mesma categoria, uma vez que “As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (...) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos” (Bardin, 1977, p. 117)

Dessa forma, observando a maneira de categorização no trabalho de conclusão de curso de Dirksen (2023) e se apropriando do método de Bardin (1977) para a categorização foi possível fazer uma melhor divisão dos trechos grifados, isto é, dos trechos onde aparece algum grau de subjetividade do narrador.

As categorias “Opinativo”, “Descrição” e “Diálogo direto com o ouvinte” tem como base o trabalho de Dirksen (2023). No entanto, no trabalho da autora temos a categoria “rotina” que não aparece nesta pesquisa. Todos os trechos grifados foram divididos em uma dessas três categorias, porém assim como o trabalho de Dirksen, as categorias possuirão marcadores, “que têm por objetivo especificar aquele trecho dentro da sua categoria, evidenciando que tipo de subjetividade a unidade de registro possui” (Dirksen, 2023, p. 38). No seguinte quadro há uma descrição dos marcadores:

Quadro 2: Descrições dos marcadores utilizados

CATEGORIA	MARCADOR	DESCRIÇÃO
Descrição	Descrição de ação	Descreve uma ação, seja do próprio narrador ou de outra pessoa que ele observa.
	Descrição de lugar	Descreve lugar.
	Descrição de sensação/emoção	Descreve sensação/emoção.
	Descrição de situação	Descreve alguma situação, seja algo que está acontecendo continuamente (pela presentificação do discurso) ou que já aconteceu.
	Descrição de fonte	Descreve os entrevistados.
	Descrição de personagem	Descreve pessoas que não foram entrevistadas, mas são personagens importantes para a história.
	Apresentação	Apresentação do locutor e do <i>podcast</i> .
	Procedimentos	Descreve algum procedimento jornalístico, seja de apuração ou pesquisa.
Opinativo	Relato pessoal	Relatos pessoais do narrador.
	Observação de caráter pessoal	O narrador faz ao ouvinte uma observação que demonstra sua opinião de modo sutil. Observação que demonstra alguma opinião do narrador ou observação que só ele poderia dar por conta de sua subjetividade, por estar presente naquele momento ou por sua bagagem cultural. Algumas frases aqui demonstram opinião mais pelo tom de

		voz do que necessariamente pelas palavras escolhidas.
	Opinião pessoal	Opinião pessoal do narrador acerca de algum tópico levantado no <i>podcast</i> .
	Ironia	Ironia do narrador em relação a algum tópico.
	Compartilhamento de gosto pessoal	Indica quando o narrador compartilha algum gosto pessoal seu.
	Linguagem popular	Indica uso de linguagem figurada.
Diálogo direto com o ouvinte	Menção a material complementar em outra mídia	O narrador menciona material relacionado ao <i>podcast</i> e que pode ser acessado em outra plataforma.
	Antecipação de fatos	O narrador antecipa fatos de uma parte da história que será contada com mais detalhes nos episódios posteriores ou antecipa uma informação que não compromete o fio condutor da narrativa.
	Dúvida compartilhada	O narrador compartilha uma dúvida que ele possui sobre determinado assunto.
	Referência a outras obras	O locutor fala de filmes e livros para ambientar o ouvinte sobre algum fato ou situação parecida com o retratado no <i>podcast</i> .
	Guia de audição	O locutor resume do que se trata o <i>podcast</i> .
	Questão lançada	O narrador lança uma pergunta para o ouvinte e a responde logo em seguida.

	Confirmação	Explicação/confirmação de informação que poderia soar confusa.
--	-------------	--

Fonte: elaboração dos autores a partir de Dirksen (2023).⁵

A categoria “Descrição” possui 8 marcadores, constituindo-se de unidades de registro que descrevem lugares, ações, emoções, situações, fontes, personagens e procedimentos jornalísticos.

A categoria “Opinativo” possui 6 marcadores, constituindo-se de unidades de registro que manifestam alguma opinião do narrador em relação ao que está sendo contado.

A categoria “Diálogo direto com o ouvinte” possui 6 marcadores também e se constitui de unidades de registro que revelam uma interação do narrador com o ouvinte, seja compartilhando uma dúvida, fazendo um resumo do que se trata o *podcast* no início de cada episódio ou fazendo relações entre situações do *podcast* e outras obras, como filmes e livros.

Os marcadores também tiveram como base o trabalho de Dirksen (2023). Alguns são os mesmos que Dirksen usa, outros são de nossa autoria. “Descrição de fonte”, “Procedimentos”, “Dúvida compartilhada”, “Guia de audição”, “Observação de caráter pessoal”, “Opinião pessoal” e “Relato pessoal” são marcadores propostos por Dirksen (2023). Todavia, modificamos a descrição de todos para adequação ao contexto desta pesquisa. “Descrição de fonte”, “Procedimentos”, “Dúvida compartilhada”, “Opinião pessoal” e “Relato pessoal” tiveram suas descrições um pouco alteradas, seja na adequação de mudar na descrição “narradora” para “narrador”, já que nesse objeto de estudo é um homem que narra e não uma mulher, ou na adequação e retirada de procedimentos, situações e descrições que não acontecem nos dois episódios analisados de “A Mulher da Casa Abandonada”, mas que são do contexto apenas de “Praia dos Ossos”. Também modificamos o modo como é usado o marcador “Observação de caráter pessoal”, trocando este marcador da categoria "Interação com o ouvinte", que equivale na nossa pesquisa à categoria "Diálogo direto com o ouvinte", para a categoria "Opinativo" .

Modificamos também o marcador "Guia de audição", que para Dirksen:

Explica no início sobre o que será tratado naquele episódio e ao final sobre o que será o próximo. Também convida os ouvintes a acompanharem o *podcast* e a buscarem conteúdo extra em outras plataformas, instruindo sobre quais informações adicionais poderão ser encontradas. (Dirksen, 2023, p. 39)

⁵ A tabela proposta por Dirksen pode ser consultada no ANEXO A.

No caso desta pesquisa esse marcador vai apenas indicar um resumo do locutor sobre a história geral do *podcast* no início dos episódios analisados.

Os marcadores que propusemos também possuem como referência o trabalho de Dirksen (2023), mas também as leituras sobre *podcasts* narrativos, radiojornalismo hipermediático e cultura da convergência foram determinantes para a formulação de marcadores.

Os marcadores propostos para esta pesquisa, que não estão no trabalho de Dirksen (2023) são: Descrição de ação; Descrição de lugar; Descrição de sensação/emoção; Descrição de situação; Descrição de personagem; Apresentação; Ironia; Compartilhamento de gosto pessoal; Linguagem popular; Menção a material complementar em outra mídia; Antecipação de fatos; Referência a outras obras; Questão lançada para o ouvinte e Confirmação.

A primeira etapa, que é a da escolha dos documentos a serem submetidos à análise, foi realizada e devidamente descrita neste capítulo. No próximo capítulo é possível observar a segunda etapa: a codificação. E no capítulo 6 consta a última etapa: as inferências.

A última etapa será das inferências, isto é, a interpretação do conteúdo com base nas etapas anteriores, mas principalmente com base na categorização. Serão apresentados os números de frequência com que cada categoria aparece no *podcast*. A comparação da frequência das categorias ajudará na análise e no entendimento de como a subjetividade e o *storytelling* se manifestam no *podcast*.

5 CODIFICAÇÃO

Neste capítulo serão apresentadas as transcrições dos trechos de Chico Felitti nos dois episódios analisados, mas se salienta que foram deixadas de fora as partes em que sua narração está como fala de um participante das situações da história, isto é, foram considerados os trechos em que ele realmente faz o papel de locutor, as partes que foram gravadas em estúdio. As unidades de registro, isto é, as marcas de subjetividade do narrador, estão em itálico e sua categorização pode ser consultada na tabela de análise do episódio 1 (APÊNDICE A) e na tabela de análise do episódio 2 (APÊNDICE B).

“Tratar o material é codificá-lo” (Bardin, 1977, p. 103). A autora chama o segundo pólo cronológico na Análise de Conteúdo por vezes de exploração do material ou por codificação. As transcrições também são parte do segundo pólo cronológico da Análise de Conteúdo, por fazermos essa separação do que é unidade de registro dentro da narração de Chico Felitti. Em vista disso, desde esse momento de transcrição e separação das unidades de registro já estamos realizando uma análise.

“A codificação corresponde a uma transformação - efectuada segundo regras precisas - dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices” (Bardin, 1977, p. 103).

Dessa forma, esse pólo cronológico da análise além de se constituir da transcrição das falas de Chico Felitti nos dois primeiros episódios analisados e da marcação dos trechos em itálico do que se percebe como subjetivo, constitui-se também da agregação, isto é, da separação por categorias desses trechos.

É possível ver esse percurso através das transcrições abaixo e das tabelas onde estão separados os trechos em categorias (APÊNDICES A e B).

Transcrição 1: Episódio 1: A Mulher

É manhã de quinta-feira em Higienópolis. O bairro é um dos mais ricos e tradicionais da cidade. *Um amigo meu, que é escritor, definiu Higienópolis como um pedaço de Suécia transplantado para o centro de São Paulo. São quarteirões tingidos de verde por árvores que são exceção em uma cidade que é cinza. Uma sensação de segurança paira no ar.* Higienópolis é um dos poucos bairros em que um assalto ainda vira notícia de jornal. [música

de fundo] *Eu estou andando por ruas com nomes de estados. Passo pela rua Rio de Janeiro, na frente do prédio em que Jô Soares e Adriane Galisteu eram vizinhos, até alguns anos atrás.* [sonora programa Jô Soares] [música de fundo]. *Cruzo na rua Maranhão com o condomínio de apartamentos onde morava o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.* [apitos no fundo do off] *Passo na frente da FAAP, uma faculdade que tem prédios imitando templos gregos e que cobra três mil e quinhentos reais de mensalidade para o curso de administração.* É uma manhã de sol e de céu azul. No dia 23 de dezembro de 2021, há dois dias do Natal, *a riqueza paulistana está em paz... as ruas estão vazias, a cidade já tá com clima de férias, quem pode sair de São Paulo saiu, ficaram poucas pessoas no bairro, como eu. Funcionários de prédios varrem as calçadas enquanto conversam* [som de risadas]. *Até que eu vou me aproximando da praça Vila Boim, uma ilha de árvores e de bancos cercados por restaurantes e noto que alguma coisa arranha a paz da elite* [barulho de serra elétrica]. *Um caminhão da prefeitura de São Paulo tá parado na esquina das ruas Piauí e Aracaju, da parte de trás dele saiu uma escada magirus, dessas que os bombeiros usam nos filmes para resgatar gatinho em cima de árvore. Mas o que tá acontecendo ali não é um resgate, é a remoção de uma árvore. Seis funcionários que estão vestindo macacão cor de laranja e capacete se ocupam de decepar os galhos com duas serras elétricas, eu me aproximo e faço em voz alta a pergunta mais óbvia que poderia caber nessa situação.*

[inserção fala do Chico como participante da história e não como narrador]

Na calçada oposta à árvore tem duas mulheres paradas olhando a cena. *Uma é alta e magra, tá com uma vestido estampado e elegante e um colar de âmbar; uma moradora de bairro rico na manhã de antevéspera de Natal. A outra do lado dela, é uma mulher baixa e gorducha, com uma camiseta tie dye azul marinho, calça preta e tênis sport. Uma faixa preta cobre o cabelo, que também é preto, como se ela tivesse fazendo jogging, mas ela não tá fazendo jogging, porque tem um caderno com a pequena sereia numa mão e uma caneta na outra. As duas têm por volta de 50 anos, mas é só nisso que se parecem, de resto não poderiam ser mais diferentes, mas tão lá, lado a lado conversando.*

[sonora Margarida Bonetti e vizinha]

A mulher que fala sobre leis é a mais baixa, *eu noto que as roupas dela estão sujas, ou além de sujas, elas estão imundas. O cheiro dela me recepciona, junto com as vozes das duas e o rugido da serra elétrica.*

[sonora Margarida Bonetti e vizinha]

Eu faço cara de dúvida, porque o discurso da mulher baixa parece improvável... é uma teoria da conspiração de que empresas em conluio com o Estado ganham dinheiro cortando árvores

saudáveis de bairros ricos. De que é esse o novo esquema de corrupção num dos países mais corruptos do mundo. A mulher alta também parece confusa, e enquanto a mulher baixa de roupas encardidas fala como se não precisasse respirar a outra me chama pra perto e sussurra:

[sonora vizinha: “doidinha”]

Narrador repete: *doidinha... ela disse enquanto olhava pra outra.*

[música de fundo]

Eu sou Chico Felitti e esse é A Mulher da Casa Abandona, um podcast investigativo da Folha, que revela a inacreditável história de uma brasileira que vive há décadas numa mansão decadentes num dos bairros mais caros do país, que se esconde nas sombras da decadência porque é procurada nos EUA por um dos crimes mais hediondos que uma pessoa pode cometer. [música de fundo]

Primeiro episódio [Chico Felitti narra “Primeiro episódio”]: *A Mulher.* [música] *De volta pra praça Vila Boim na antevéspera de Natal... A mulher baixa parece inconformada, a mulher alta só olha pra ela e ouve, às vezes balança a cabeça. A que fala sem parar conta que já derrubaram uma árvore da praça semanas antes, que ela até tentou impedir, mas não conseguiu.*

[sonora Margarida Bonetti e vizinha] *A máscara gruda no rosto da mulher porque ele tá inteiro besuntado, coberto por alguma substância grossa que pode ser um tubo inteiro de base ou de pomada para assadura, não dá pra saber e a máscara cirúrgica tá empapada, grudada à pele, transparente por causa da papa oleosa, mas isso não impede que ela continue falando.*

[sonora Margarida Bonetti]

Essa mulher que ainda não se apresentou tem uma teoria: para ela os funcionários da prefeitura estão trabalhando na manhã da antevéspera de Natal para aproveitar que a cidade está vazia e que não querem ser notados. Ela defende que eles agem na surdina, derrubando árvores saudáveis só pra ganhar por isso; que a derrubada da árvore de Higienópolis na véspera da véspera de Natal é na verdade uma grande parte de um esquema de desvio de recursos públicos que envolve laudos falsificados e empresas mal intencionadas.

[sonora Margarida Bonetti]

Ela abre o caderno da pequena sereia e começa a folhear.

[sonora Margarida Bonetti]

Eu espio e o caderninho tem páginas e mais páginas com legislação ambiental, leis e regras municipais copiadas à mão, com uma caligrafia caprichada.

[sonora Margarida Bonetti e Chico]

Ela tenta argumentar que a poda da árvore fere leis e regulamentos, que precisa falar com o secretário do verde do meio ambiente, só que a serra dificulta essa discussão [barulho da serra], enquanto ela fala a árvore vem abaixo como se estivesse sendo esquartejada em plena praça pública. [barulho da árvore caindo + Margarida Bonetti falando]

Ela pede que eu documente a remoção da árvore, que tire fotos para ela poder usar num dossiê que quer fazer e entregar pra imprensa ou para políticos influentes.

[sonora Margarida Bonetti pedindo para tirar as fotos]

Eu faço fotos com o meu celular, imagens da árvore indo ao chão pedaço por pedaço. Essas fotos você pode ver no site e nas redes sociais da Folha. Enquanto isso, a mulher parece desesperada, diz que mais cedo já ligou para a polícia, mas que a polícia é responsável por defender pessoas e não árvores.

[sonora Margarida Bonetti]

Depois de quase 15 minutos falando, as duas mulheres finalmente se apresentam uma à outra.

[sonora Margarida Bonetti e vizinha]

A mulher baixa com o rosto besuntado e as roupas imundas se apresenta como Mari, a vizinha alta também diz seu nome que foi bipado à pedido dela, que não quer ser identificada. Mas as duas não tem tempo pra fazer social, o assunto logo volta a ser a árvore.

[sonora]

A Mari atravessa a rua e se aproxima dos funcionários da prefeitura, quer saber se eles vão mesmo terminar de remover a árvore morta na véspera de Natal.

[sonora Margarida Bonetti e funcionário público]

Mari sobe o tom com um dos funcionários públicos, ela acusa esses homens de estarem cometendo um crime.

[sonora Margarida Bonetti]

E a conversa azeda de vez quando Mari começa a ofender os funcionários públicos.

[sonora Margarida Bonetti e funcionário]

Os funcionários desistem de dar atenção à mulher, viram as costas e retomam seu trabalho. Mari atravessa a rua, enquanto rumina pra ela mesma e pra quem quiser ouvir.

[sonora]

Ela pede minha ajuda pra descobrir como denunciar esse ato que ela considera ilegal para o Ministério Público. Eu saco meu celular e descubro um site do Ministério Público para

denúncias de cidadãos. Eu pergunto se ela quer que eu mande o link por Whatsapp, só que ela não tem Whatsapp.

[sonora conversa]

Então, ela pede que eu soletre o site do Ministério Público para ela anotar no caderninho de pequena sereia.

[sonora conversa]

Enquanto Mari termina de anotar, a outra mulher me chama de canto, conta que Mari mora ali do lado, é vizinha dela, mas que não mora num prédio, mora numa casa.

[sonora conversa]

Casarão ali é uma mansão abandonada à passos de onde a gente tá, um imóvel que tá caindo aos pedaços, literalmente caindo aos pedaços. É uma casa centenária de três andares e tijolo aparente que já viu dias melhores. Tá cercada por mato, com as paredes manchadas e sujas e sem um pedaço do teto.

[sonora conversa]

As janelas verde musgo estão sempre fechadas, o portão de ferro é trancado por uma corrente que dá quatro voltas antes de ser arrematada por um cadeado. A casa vista de fora parece abandonada, mas a vizinha garante que a Mari mora ali.

[sonora]

Eu vou descobrir no futuro que a situação da casa é tão precária que os vizinhos já entraram na justiça para conseguir autorização só pra limpar o terreno, para retirar o lixo que se acumula dentro e fora da casa de milhões de reais.

[sonora]

A vizinha alta para de me contar o que sabe quando a Mari volta. E ela vem na nossa direção com um pedido: que a gente vigie os funcionários da prefeitura enquanto ela vai até a casa dela.

[sonora]

Mari quer voltar “pra” casa e trocar a máscara empapada pelo óleo do rosto. Eu pergunto se ela não prefere uma máscara nova, eu posso comprar na farmácia da praça da Vila Boim, que fica a 20 passos de onde a gente tá. Ela topa e eu vou até a farmácia.

[sonora na farmácia]

A Mari chega segundos depois de mim e já chega dando ordem.

[sonora]

Ela pede que a funcionária não encoste na sua máscara.

[sonora]

O jeito que ela trata as funcionárias da farmácia lembra o jeito que ela tratou os funcionários da prefeitura que lembra o jeito que uma certa elite brasileira trata quem tá trabalhando pra ela há pelo menos 500 anos.

Cria-se um clima tenso na farmácia e eu no meio tentando apaziguar.

[sonora]

Depois que abre a embalagem das máscaras, Mari deixa a tesoura no balcão e joga o plástico no chão. [sonora]

Ela não quer esperar que eu pague pra usar a máscara, coloca no rosto e sai andando.

[sonora]

Ela sai da farmácia enquanto eu pago pelas máscaras, quando a gente volta pra praça a árvore parece um corpo desmembrado.

[música de fundo] [sonora]

Perto do meio-dia a maioria dos galhos já virou tocos e só resta um pedaço do tronco.

[sonora]

Mari reconhece que foi derrotada, mas só nesta batalha não na guerra contra a derrubada das árvores do bairro. Ela diz que vai juntar as fotos que fizemos em um documento e que vai levar esse documento até homens de poder.

[sonora]

Ela diz que quer muito fazer uma denúncia, mas que tem algo no caminho. Ela tem medo de que possa correr perigo caso denuncie a máfia da poda de árvores que acredita ter descoberto.

[sonora]

E ela continua falando, tratando a secretaria do verde do meio ambiente como uma máfia que pode colocar a vida dela em risco. Já faz mais de uma hora que eu to com ela, eu preciso ir embora porque já to atrasado pra um compromisso, mas eu quero falar de novo com essa pessoa.

[sonora]

E eu passo meu número de telefone pra ela, me despeço das duas mulheres e vou embora.

[sonora] [música de fundo]

Tá, é bem provável que você já esteja se perguntando porque que eu tava com o gravador ligado na manhã da antevéspera de Natal, documentando sons da derrubada de uma árvore em um dos bairros mais ricos de São Paulo, enquanto uma moradora excêntrica tentava impedir funcionários públicos de trabalhar... e tem um motivo pra isso, eu juro que tem.

Porque faz meses que eu já quero conversar com essa mulher, e minha curiosidade nasceu por causa da casa onde essa mulher mora. [música de fundo]

Uma mansão, uma casa de tijolos aparentes que atravessa um quarteirão inteiro, de frente dá pra uma rua, os fundos da casa desembocam em outra rua. Além do imóvel que tem mais de 20 cômodos, a casa abandonada ainda tem um quintal do tamanho de um campo de futebol, cheio de abacateiros carregados. É um dos últimos terrenos sem prédio em um bairro de São Paulo dominado por edifícios, onde um apartamento de dois quartos custa dois milhões de reais. E eu contaminado pelo espírito incorporador de imóveis que paira sobre São Paulo, via a casa abandonada e só pensava em uma coisa: “como que ainda não levantaram um prédio aqui? Quanto será que custa esse terreno? Uns 10 milhões? 20?”. E tinha também toda a atração simbólica de uma mansão caindo aos pedaços, uma casa abandonada é o maior clichê que existe, é a alegoria mais óbvia de filme de terror. O assassino de Psicose mora numa casa abandonada, a bruxa de Blair mora numa casa abandonada, até a família Adams mora numa casa abandonada. No momento que eu me mudei pra Higienópolis inclusive eu tava lendo sobre uma... casa abandonada. O livro chama “As coisas que perdemos no fogo” da argentina Mariana Enriquez e tem um conto que se chama “A casa de Adela”; nele três crianças ficam obcecadas por uma casa abandonada do bairro. Eu convidei a dramaturga e atriz Renata Carvalho para ler um trechinho desse conto. Aí vai...

[sonora conto] [música de fundo]

E eu não vou estragar o fim do conto se eu disser que as crianças entram na casa e que algo de sobrenatural acontece ali, mas agora vamos voltar para o mundo real.

[música de fundo]

Daí um belo dia eu “tava” andando com a minha cachorra pela rua perto das 11 da noite e tomei um baita de um susto. Tinha um rosto sorrindo em meio às plantas que cercam a casa abandonada, um rosto brilhante que parecia uma lua refletindo à luz dos postes. E era a cara da Mari, besuntada de pomada branca, de pé, no jardim da casa, olhando “pra” quem passava por fora. Nessa época eu ainda não sabia o nome dela nem que alguém vivia na casa abandonada e aquela aparência atiçou ainda mais a minha curiosidade. As roupas desgrenhadas, a camada de substância oleosa que sempre cobria o rosto, o tom de voz fino sempre entre o gentil e o imperativo. E eu decidi que queria descobrir quem era a mulher, porque eu queria contar a história dela. Foi daí que eu passei a andar com um gravador e ligá-lo toda vez que eu cruzava com ela.

[sonora]

E a gente começou a conversar.

[sonora conversa Chico e Margarida Bonetti]

A maior parte das vezes ela tá com a cabeça pra fora da cerca da casa, e a maior parte das vezes a gente fala sobre cachorros, o meu assunto predileto e aparentemente o assunto predileto dela também.

[sonora]

A Mari me mostra as duas cachorras. São vira-latas pretas e enormes, com traços de Dobermann e uma pitadinha de Rottweiler, são cães de guarda. E ela apresenta os bichos.

[sonora]

As cachorras chamam Ebony e Ivory, se não deu pra ouvir é porque ela tava lá dentro do jardim e eu tava do lado de fora gravando, mas quando ela diz os nomes Ebony que significa Ébano em inglês e Ivory que é marfim, ela fala com um sotaque americano perfeito. A mulher pode morar numa casa que é um pouco mais do que escombros, mas parece ser culta. E sabe qual é o arquétipo da mulher culta que mora sozinha numa casa decadente?

[sonora vizinhos]

Foi o que eu descobri logo que eu comecei a perguntar pros vizinhos se eles conheciam a mulher da casa abandonada. Quando eu soube que tinha uma mulher morando ali, numa casa abandonada, eu imaginei que a história fosse de alguém também abandonado, uma mulher excêntrica. Depois que eu encontrei com a Mari, a desconfiança só aumentou, pensei que pudesse ser a história de uma mulher excêntrica e discriminada pelos vizinhos. É o tipo de história que me interessa. Em 2018 eu escrevi o perfil de uma pessoa excêntrica do centro de São Paulo, um homem chamado Ricardo Correa. Ricardo era um artista de rua que havia injetado silicone no próprio rosto até ficar com as bochechas enormes que renderam o apelido de fofão da Augusta, o apelido pelo qual ele foi conhecido por décadas, como Mari é conhecida por décadas como a bruxa. Enfim, eu pensei que tinha uma história pra contar ali dentro da casa abandonada e em 6 meses de investigação eu descobri que naquela mansão decadente morava mesmo uma história, mas não era a que eu previa, nem de perto.

[música de fundo]

Como tinha prometido na antevéspera de Natal, a Mari volta. Demora um pouco mais do que tinha previsto, mas volta. É meia-noite em ponto do dia 2 de janeiro de 2022, eu acho que eu venci o primeiro dia do ano quando meu telefone toca. Uma ligação à essa hora da noite não costuma ser boa notícia, então eu saio da cama num sobressalto. Até eu conseguir pegar o celular na cômoda a ligação já foi pra caixa postal. Eu vejo o número desconhecido e por algum motivo desconfio que seja a mulher da casa abandonada. Então, eu ligo

imediatamente de volta pro número, coloco a ligação no viva voz e ligo meu gravador do lado do celular. Dito e feito, no primeiro toque ela já atende.

[sonora ligação]

Eu explico que vi a ligação não atendida e como ela tava pra me ligar imaginei quem pudesse ser.

[sonora]

É meia-noite e cinco, eu já tava na cama mas eu digo que não é muito tarde.

[sonora]

Eu falo pra ela que não tem problema, que eu posso ensinar abrir o Diário Oficial do município no computador. Ela quer ficar de olho nas publicações oficiais porque antes de podar ou retirar uma árvore a secretaria do verde do meio ambiente precisa fazer um anúncio no Diário Oficial. Ela quer poder prever quais vão ser as próximas plantas do bairro que vai defender. Então, eu digo que posso passar na casa dela em um dia de semana durante a tarde ou no começo da manhã, que é só a gente combinar.

[sonora]

Eu desejo a ela um bom ano.

[sonora]

Nossa ligação dura 3 minutos e 59 segundos.

[sonora]

Eu desligo o telefone e vou ouvir o recado de voz que ela tinha deixado no meu celular.

[sonora]

Eu passo por uma caçamba de entulho sonoro de propagandas até chegar à mensagem de voz.

[sonora]

E é bem nesse momento que ela atendeu o telefone pra falar comigo.

[sonora]

Eu aperto a tecla 3 três vezes, ouço e repito o recado da mulher excêntrica que mora numa mansão abandonada num dos bairros mais ricos do Brasil, e então eu coloco o celular no modo silencioso e vou dormir. [música de fundo]

Só que o encontro no café nunca vem, a Mari não me liga nunca mais e quando sou eu que ligo ela não atende, é como se tivesse fugindo de mim. Eu passo na porta da casa abandonada quase todos os dias, às vezes eu mudo a minha rota só pra passar pela rua dela pra ver se cruzo com a mulher da casa abandonada. E isso acontece só duas vezes, eu chego

na frente da casa e ela tá no jardim com o rosto coberto pela pasta oleosa e com um lenço no cabelo. Eu tento falar com a Mari.

[sonora]

Ela olha pra mim, mas não sustenta a mirada. Vira as costas e entra na casa. Fecha a porta sem dizer uma palavra.

[sonora, som ambiente]

Eu não sei o que aconteceu, só desconfio que em algum momento Mari tenha descoberto que eu sou jornalista e que preferiu tomar distância de mim. Por isso, eu começo o ano indo atrás do que já existe de história sobre essa pessoa e não demora muito pra eu descobrir. [música de fundo]

Porque a casa abandonada é famosa, eu descobro isso na primeira busca que eu faço no Google; o casarão é tradicional. A casa abandonada foi construída na década de 30, o imóvel tem 3 andares e 24 janelas e ele é tão famoso que tem até nome próprio. A casa foi batizada com o nome de um médico famoso, pai da mulher que hoje mora nela. Originalmente a casa tinha vitrais com imagens náuticas como barcos e mares revoltos. A casa é uma sobrevivente, é a única que resta nessa rua em que pelo menos outras 20 caíram “pra” dar lugar aos prédios que estão lá hoje. Mas não é só a casa que tem história não, eu descobro que a mulher da casa abandonada tem uma história que podia estar em um filme de terror.

[música de fundo]

Encontro um site de arquitetura que lamenta o estado deplorável da casa e os comentários ecoam a lástima que é ter um imóvel importante jogado às traças em uma rua rica de São Paulo. “Que lástima! É tanta beleza deixada no relento!” (comentários de uma mulher com efeito de voz) “Lamento a infiltração nos beirais”, “Pena que hoje o casarão está abandonado, precisando de reforma urgente”, “Sabe se está tombado?”

Mas no meio dos comentários de pessoas curiosas pra conhecer o imóvel por dentro e de vizinhos fulos com o cheiro que a casa emana, tem um comentário que se destaca, um comentário anônimo que parece uma mensagem cifrada. Em 2018, uma pessoa não identificada escreveu no site de arquitetura:

Ela é procurada pelo FBI: Margarida Bonetti [voz do Chico com efeito]

[música de fundo]

Eu leio e uma luz amarela se acende na minha mente, eu vou pra internet e encontro a combinação dos termos FBI e Margarida Bonetti no site da Newsweek, uma revista semanal que existe há quase 100 anos e é uma das mais respeitadas do mundo. Eu clico, na tela abre

uma reportagem de 21 anos atrás com a manchete “Slavery New Face”, a nova cara da escravidão. O texto narra a história de Renê e Margarida Bonetti, um casal brasileiro que se mudou para o subúrbio de Washington, em 1979. O marido foi convidado a trabalhar para uma empresa que faz satélites para Nasa e o casal se mudou para os EUA na virada dos anos 80 com uma empregada doméstica, assim que chegaram Margarida e o marido pararam de pagar o salário dessa funcionária brasileira, que era analfabeta e mantiveram a mulher em cárcere privado por quase 20 anos. O texto conta que Renê foi preso nos EUA e que Margarida é procurada por ter submetido uma pessoa a condições análogas à escravidão, uma pessoa de quem tirou direitos e dignidade, a quem negou atendimento médico por anos até que um tumor chegasse ao tamanho de uma bola de futebol e ela fosse resgatada por vizinhos. A reportagem tem uma foto, é um retrato de Renê e de Margarida. A mulher na foto é Margarida Bonetti, uma mulher morena e baixa, os olhos amendoados e o rosto redondo. Eu olho pra foto e vejo nela alguém que eu conheço, por mais que esse rosto tenha mudado com duas décadas e que hoje carregue uma camada de substância oleosa. Margarida Bonetti é Mari, Margarida Bonetti é a mulher da casa abandonada, e a mulher da casa abandonada é foragida da justiça americana por ter cometido um dos crimes mais impensáveis que existem.

[música de fundo]

No próximo episódio de A mulher da casa abandonada:

[sonora Mari Muradas][música de fundo]

A mulher da casa abandonada é um podcast da Folha. Eu sou Chico Felitti, criador, roteirista e apresentador.

A gente se vê na quarta que vem, enquanto isso aproveita pra seguir o podcast na sua plataforma predileta. Até lá.

[música de fundo]

Transcrição 2: Episódio 2: A Casa

Era o segredo mais mal guardado da história de Higienópolis. [música de fundo]

Depois que eu encontrei a foto da mulher da casa abandonada na reportagem da revista americana Newsweek, meu reflexo foi procurar mais imagens de Margarida Bonetti pra ter certeza que minha mente não “tava” me pregando uma peça. Eu encontrei um monte de reportagens que saíram no Brasil, inclusive da Folha de São Paulo no começo dos anos 2000. Essas matérias traziam o nome completo de Margarida: Margarida Maria Vicente de Azevedo Bonetti. Mas eram só blocos de texto, nenhuma das reportagens tinham fotos de

Margarida, ou Mari, como ela se apresenta em 2022. *Então, eu fui pro próximo arquivo disponível, um arquivo que não é de papel mas de memórias, memórias guardadas na mente de quem viveu a história da casa abandonada. Eu saí pela rua da casa perguntando pra vizinhos quem conhecia a história da mulher que se esconde lá. E pra minha surpresa... todo mundo sabia quem ela era e todo mundo sabia o que ela tinha feito.*

[sonora vizinhos]

Todo mundo no bairro sabe que a mulher da casa abandonada é uma criminosa foragida, menos eu, e o resto do Brasil inteiro, e o FBI.

[música de fundo]

Eu sou Chico Felitti e esse é A mulher da casa abandonada, um podcast da Folha que investiga a figura misteriosa, que mora em uma mansão em pandarecos em um dos bairros mais ricos de São Paulo. Uma mulher que se esconde atrás de uma camada de pomada branca, mas que toda vizinhança sabe quem é: Margarida Bonetti, a brasileira rica que fugiu de um julgamento no qual era acusada de escravizar, torturar e negar auxílio médico a uma empregada doméstica que ela levou para os EUA.

[Música de fundo baixa]

Segundo episódio [Chico Felitti narra “Segundo episódio”]: A Casa

[Sobe música]

Dias depois de descobrir a história e o nome verdadeiro de Margarida eu me encontrei com uma pessoa que já sabia de tudo isso faz muitos anos. Mari Muradas é uma mulher jovem e sorridente, que me recebe no playground de um prédio a um quarteirão da casa abandonada, é a sogra dela que mora lá e ela tá lá numa manhã de sábado porque tem um parquinho pro filho dela brincar com os vizinhos. A Mari Muradas mora a passos dali, a casa dela dá literalmente pra casa de Mari, que na verdade se chama Margarida. Ela vê a casa abandonada todo dia, o dia todo.

[sonora]

O jeito que eu conheci a Mari Muradas foi peculiar. Dias depois de ter visto a foto da mulher da casa abandonada em uma revista americana, eu encontrei um amigo na padaria, faz quase 20 anos que eu conheço o Edu Zanelatto, então eu achei que podia confiar a ele, esse segredo que tava quicando no meu peito. Eu sussurrei a história pensando que era uma informação bombástica e ele foi a primeira pessoa a me abrir os olhos, ou os ouvidos no caso. Ele me respondeu:

[Sonora Edu]

Quem contou foi uma amiga dele, que por coincidência era vizinha da casa abandonada. Essa amiga é a própria Mari Muradas, com quem ele e a esposa fizeram um curso de como se preparar para o parto... e que depois virou uma amiga do casal e ele me apresentou: me levou um dia pro parquinho onde a filha dele brinca com o filho da Mari.

[sonora Mari]

A Vilaboim é a praça onde a Mari ou Margarida tava na antevéspera do Natal tentando impedir que a prefeitura cortasse as árvores. E a Mari Muradas mora num prédio que fica no encontro da praça Vilaboim com uma ruela. Uma ruela que tem só um quarteirão e meio, que é um fiapo de asfalto que liga a faculdade FAAP até a praça Vilaboim, num formato de L. É uma rua que tem casinhas lindas, duas delas eu descobri depois, são da família da mulher da casa abandonada.

[sonora Mari falando da casa]

A placa ainda tá lá, cravada no muro da casa. É como se fosse o pedigree do imóvel. O ferro está esverdeado, mas ainda dá pra ver o nome do casarão. A Mari leu essa placa e foi ver o que conseguia encontrar na internet com aquelas informações.

[sonora Mari]

Agora nós vamos discutir como a trajetória da Mari Muradas é parecida com a minha e eu comento isso com ela: como nós dois tivemos curiosidades gêmeas e chegamos na mesma resposta.

[sonora conversa Chico e Mari]

Nova no bairro ela viu uma mansão caindo aos pedaços e a mente dela tratou de preencher as lacunas; criou histórias para tapar os buracos no telhado, os rombos no portão causados pela ferrugem e a falta de vidros nas janelas.

[sonora Mari]

Uma casa abandonada com luz elétrica? Eu também fiquei perplexo quando vi luzes ali dentro. E a gente vai ver em breve como a Mari paga a conta de luz de uma casa em pandarecos, que é o que faz ela ter energia mesmo que não tenha mais esgoto. Mas num primeiro momento a Mari Muradas pensou que a luz viesse do sobrenatural, ela acreditou que tava vendo assombrações e foi correndo pra casa contar pro marido dela, o Fábio.

[sonora Mari]

De novo a minha lógica e a de Mari Muradas quase se encontram. Eu pensava que Margarida era uma mulher que sofria com misoginia e preconceito por ser excêntrica, ela pensava que era uma velhinha abandonada pela família e sentiu uma pontada: uma vontade aguda de ajudar essa pessoa.

[sonora Mari]

Ela quase bateu na porta da casa abandonada, só que ainda tinha dúvidas. Dúvidas de se a mulher que tinha visto existia de verdade e se existisse de fato, se ela se abriria “pra” receber ajuda de uma desconhecida que acabou de se mudar pro quarteirão. Então, achou melhor se informar antes com os vizinhos.

[sonora Mari]

[música de fundo]

O Louveira é o edifício Louveira, um arco arquitetônico de São Paulo. O prédio tem duas torres, uma olhando pra outra e no meio fica um jardim enorme e aberto pra rua. Numa cidade feito de muros e de grades, o Louveira é um respiro de liberdade, uma exceção de cidade aberta e o Louveira fica perto da casa abandonada.

[música de fundo]

E agora voltamos pro dia em que a Mari viu uma multidão tentando entrar na casa e sendo barrada.

[sonora Mari]

O choque de Mari teve voltagem dupla. Primeiro, a mulher existia mesmo, não era uma alucinação da mente dela. Segundo, não só existia, como tinha cometido um crime inenarrável, um crime no país dela; porque a Mari Muradas por mais que fale esse português articulado e fluido é cidadã americana, seus pais são americanos, ela passou uma fatia da vida no mesmo país onde Margarida é procurada pela justiça. E... com uma frase dita por uma vizinha toda compaixão se transformou em raiva:

[sonora Mari]

Mari Muradas não colocou fogo na casa abandonada, em vez disso, usou a energia que corria no corpo dela pra tentar entender mais a história que a vizinha tinha resumido em uma só frase.

[sonora]

Por um momento pareceu “pra” Mari que o crime da Margarida era uma história antiga, mas daí ela fez as contas, se o crime aconteceu em 2000 fazia menos de 20 anos que ela tinha sido acusada de um crime que o senso comum tende a considerar extinto há séculos.

[sonora Mari]

No tempo histórico 20 anos não é nada, é quase metade da nova vida democrática do Brasil, é uma geração, é a distância entre os discos “Ao Vivo” da Banda Eva, de 1997 e o álbum “Ao Vivo em Trancoso” que Ivete Sangalo lançou em 2017. Enfim, a Mari percebeu que duas décadas eram muito pouco tempo.

[sonora Mari]

Sim, as últimas notícias que saíram em jornais americanos sobre o caso contam que René Bonetti, marido de Margarida foi condenado e preso nos EUA. Mas faz mais de uma década que a gente não sabe dele.

[música de fundo]

Além de ser assombrada por saber que a vizinha era uma criminosa, Mari e a família dela começaram a sofrer com aspectos mais práticas que vinham da casa abandonada, como uma nuvem de pernilongos que revoava do terreno baldio pra casa dela todas as tardes.

[sonora Mari]

E a Mari passou a trombar com a Margarida de vez em quando, encontrou com ela no supermercado, na lotérica, encontrou com a mulher revirando latas de lixo na praça de alimentação do shopping Higienópolis, um dos mais ricos da cidade, que fica à quatro quarteirões da casa abandonada.

[sonora Mari]

Mari Muradas confrontou a mulher que diz também se chamar Mari e revelou que sabia o nome verdadeiro dela e a história escondida junto com esse nome.

[sonora Mari]

O confronto não deu em nada, ninguém da prefeitura pôde entrar na casa abandonada. Os mosquitos seguem vivendo e procriando em um terreno ermo do tamanho de um campo de futebol e os contatos entre Mari Muradas e Margarida cessaram, porque a mulher da casa abandonada passou a evitar a vizinha que um dia quis ajudá-la.

[sonora Mari]

O Chico nesse caso não sou eu não, é o porteiro do edifício Louveira, com quem a gente vai conversar daqui há 2 minutos.

[música]

Eu “tô” quase terminando uma hora de conversa com a Mari, quando descubro que talvez ela tenha sido a responsável por eu descobrir a identidade oculta de Margarida, porque é bem possível que ela tenha sido a pessoa que fez o comentário no site de arquitetura.

[sonora Mari e Chico]

Quando descobriu que a vizinha não era uma senhora desamparada, ela fez um movimento de contar a história do crime no mundo virtual... e também no mundo real. Mari Muradas começou a conversar com a vizinhança como eu tô fazendo em 2022, ouviu de um vizinho já idoso que ele conheceu o pai de Margarida, o médico respeitado, que ele frequentou a casa quando ela ainda não era abandonada. E de outra vizinha ela ouviu que brincou na rua com

Margarida e as duas irmãs dela. A cada vizinho com quem ela conversava vinha novas informações.

[sonora Mari]

Informações de como a família dona da casa já foi a mais influente da região, muito ricos mesmo, muito mais do que eu podia imaginar.

[música de fundo]

Margarida Maria Vicente de Azevedo Bonetti é dona de um privilégio que resiste até a morte. Dr. Geraldo Vicente de Azevedo morreu aos 91 anos de idade, em 1998. Nessa época Margarida e o marido, René Bonetti, ainda moravam nos EUA. Ainda tinham uma empregada doméstica que deixaram de pagar no começo dos anos 80 e que vivia trancada no porão de casa, que era torturada por Margarida segundo relatórios da justiça americana. Mas Geraldo Vicente de Azevedo morreu sem ver a filha ser acusada de um crime. Morreu com homenagens e um sobrenome nas costas. Quando eu falo que Margarida Maria Vicente de Azevedo Bonetti é privilegiada, eu falo de gerações e mais gerações de privilégios, três gerações de riqueza e de influência. O avô da mulher da casa abandonada era um dos paulistas mais importantes do tempo dele, era tão importante que tinha um título de nobreza: o avô de Margarida era o barão de Bocaina. Francisco de Paula Vicente de Azevedo nasceu em Lorena, no interior do estado, no meio dos anos 1800. Vinha de uma família de posses e foi acumulando cada vez mais terras, terras em que plantava café, o maior produto de exportação brasileiro naqueles tempos. Quando ele era adulto as fazendas dele era tão grandes que uma delas, só uma, virou uma cidade. A fazenda Canas hoje atende por município de Canas. Além de ter terra, café e dinheiro ele tinha outros poderes, foi um dos fundadores do engenho central de Lorena e diretor da estrada de ferro São Paulo-Rio de Janeiro e também foi bancário, um dos homens fortes do banco comercial do Estado de São Paulo. Dá pra imaginar o tanto de recurso que tinha a família em que a Margarida nasceu? Dá. Mas também dá pra ver com os próprios olhos, é só ir até a esquina da rua Padre João Manoel com a Alameda Santos, a um quarteirão da Avenida Paulista. Lá fica uma das raras mansões que ainda tão de pé na região da avenida mais famosa de São Paulo. Se hoje a paulista é um corredor de McDonald's e Burger Kings, 100 anos atrás ela era um desfile de mansões. A maioria dos donos dessas casas eram donos de fábricas; uma das exceções era o barão de Bocaina, que mesmo fazendeiro escolheu erguer ali uma mansão, em 1911. A casa com colunas gregas brancas fazem um leigo como eu se lembrar da Casa Branca e ganhou um apelido: a casa do barão de Bocaina. Ela não lembra em nada a casa abandonada de Higienópolis, até porque não tá abandonada, não hoje em dia, mas esteve nos últimos anos.

Dois dos tios dela moraram lá, Francisco de Paula Vicente de Azevedo e a freira Lavínia Vicente de Azevedo, que viveu lá até morrer, em 2007, aos 93 anos. Ela costumava distribuir café da manhã e almoço “pra” pessoas pobres na rua. Eu conversei com três pessoas que trabalharam pra tia freira Lavínia, todos a descreveram como uma mulher temente à Deus e generosa com quem tinha menos. Daí, no começo dos anos 2000, ela morreu na casa do barão de Bocaina. Como ela não tinha filhos, o imóvel foi dividido entre familiares, entre eles a mulher da casa abandonada e acabou vendido por uma incorporada. Rolou um xadrez na justiça pra tentar colocar a casa abaixo e erguer ali um prédio. E... enquanto a construtora lutava pelo direito de demolir o imóvel, o casarão foi decaindo, virou uma casa abandonada nos anos 2010; mas depois de uma década parece que a casa do barão de Bocaina venceu, em vez de virar um empreendimento imobiliário, a casa tá em pé e restaurada, em 2022 o casarão virou um restaurante. E uma coisa parecida aconteceu com a casa abandonada de Higienópolis, o casarão ainda tá de pé por causa de um nó jurídico. Num episódio futuro a gente vai entrar nesse ninho de mafagafos de herança e de tombamentos. Por enquanto basta saber que muita gente tem interesse nesse terreno, por mais que ele tenha uma limitação construtiva, nada que foi construído ali pode ser mais alto ou maior do que a casa abandonada. Construtoras e parentes de Margarida querem a casa, mas ela não “tá” disposta a sair de lá. A cem passos da casa abandonada existe uma rua sem saída, uma rua que liga a faculdade FAAP a um condomínio de prédios de luxo, com apartamentos que custam mais de R\$ 5 milhões cada um. Pouca gente sabe que aquela via é uma rua pública, que ela é fechada com cancelas e com seguranças. Sabe como se chama essa rua? Rua Barão de Bocaina.

[música de fundo]

Dias depois de conhecer a Mari Muradas, ela me apresenta o Antônio Francisco da Silva ou só Francisco mesmo. Ele deve ser a pessoa que mais convive com a Margarida nos últimos 20 anos, porque ele passa a maior parte do tempo olhando pra janela do quarto da Margarida no segundo andar da casa. No caminho pra encontrar com ele eu passo em frente da casa abandonada, Margarida ou Mari tá no jardim. Eu coloco a cabeça por cima da cerca e tento conversar com ela.

[sonora Chico]

De novo ela me ignora e vai pra dentro de casa. Só depois que ela fecha a porta na minha cara eu percebo uma coisa: a porta de entrada da casa abandonada tem algo de peculiar; uma redoma de vidro na altura da maçaneta, uma câmera de segurança. Eu sigo em frente, encontro o Francisco na portaria do edifício Louveira e a gente se senta em um banco da

praça Vilaboim, a mesma em que semanas antes uma moradora de Higienópolis tentava impedir funcionários da prefeitura de podar uma árvore.

[sonora]

[música de fundo]

Faz quase 4 décadas que Francisco “tá” ali, no mesmo lugar, 8 horas por dia durante a semana olhando pros fundos da casa abandonada.

[sonora Francisco]

Mas não há quem diga, o cabelo dele é preto, o sorriso é branco e o jeito é de um moleque, não de alguém com quase 60 anos. Mas a memória do Francisco prova que ele de fato “tá” ali há quase 40 anos, porque ele conheceu a casa abandonada antes do abandono, quando ela era uma casa de uma família rica. Quando ele chegou ao Louveira era começo da década de 80, Margarida tinha acabado de se mudar para os EUA, só moravam na casa os pais dela.

[sonora]

Além de serem os mais ricos da rua, o casal Vicente de Azevedo talvez fosse o mais generoso, era comum ter uma fila de pessoas na porta da casa esperando por comida ou por uma doação de roupa.

[sonora]

Ela no caso é dona Lourdes, a mãe de Margarida. Maria de Lourdes Danso Vicente de Azevedo viveu suficiente pra ver a filha ser acusada de um crime e voltar pro Brasil. Margarida e Maria de Lourdes moraram juntas na casa até a morte da mãe em 2011. Essa década é o período em que a casa para de ter manutenção e cai em câmera lenta para o abandono. Mas antes disso Francisco viu a casa bonita e bem cuidada, foram décadas convivendo com os pais de Margarida. Muitas vezes Francisco ajudava o Dr. Geraldo a estacionar o carro, uma Belina e depois um Voyage. E essas ajudas foram ficando cada vez mais frequentes com o tempo, porque ele estava envelhecendo e perdendo as habilidades motoras.

[sonora Francisco]

Até que não foi mais preciso estacionar o carro, em 24 de outubro de 1998 Dr. Geraldo morreu com 91 anos de idade. Francisco conta que foi uma comoção na rua e que Maria de Lourdes ficou sozinha na casa, por mais que de vez em quando recebesse a visita de duas das filhas dela. Até que passados dois anos, em 2000, uma terceira filha que Francisco não conhecia chegou para morar na casa, era Margarida, ou Mari, como ela se apresentava. Junto com a filha veio a história de porque ela tinha voltado ao Brasil depois de décadas morando nos EUA, porque a imprensa começou a bater na porta de casa.

[sonora Francisco]

Francisco diz ter testemunhado equipes de reportagem da TV Globo tentando falar com Margarida, mas só tentando mesmo, porque ela nunca deu uma entrevista. Eu também não consegui achar uma reportagem seja em vídeo, áudio ou em texto em que Margarida fale das acusações de ter mantido uma empregada em condições análogas à escravidão e de ter torturado essa mesma pessoa.

[sonora]

Ele diz que oficiais de justiça também tentaram entrar nos primeiros anos, mas que ela não atendeu ninguém. Nunca.

[sonora]

Ela chama a polícia com frequência, chama a polícia quando vão derrubar uma árvore com laudo e recomendação, chama a polícia quando estacionam um carro na frente da casa, uma pessoa que é procurada pela justiça em outro país não pensa duas vezes antes de chamar a polícia aqui. Inclusive na antevéspera do Natal a Margarida já tinha chamado a polícia quando eu cheguei. A Mari Muradas confirmou que viu a viatura chegar e ir embora depois de ouvir da mulher da casa abandonada que eles precisavam fazer alguma coisa “pra” impedir que a árvore fosse removida. O homem para e articula uma ironia que já “tava” coçando no meu cérebro.

[sonora Francisco]

Francisco diz que a guerra de Margarida contra a poda e remoção das árvores da região é longa, e que já teve várias batalhas. Anos atrás por exemplo ela saiu pelas ruas do bairro com um abaixo-assinado “pra” que nenhuma árvore de Higienópolis pudesse ser derrubada ou podada nunca mais.

[sonora Francisco]

E não foi só ele que se recusou a assinar o documento. Francisco diz que a vizinhança em peso negou a assinatura no papel.

[sonora Francisco]

Eles só se falam quando Margarida o procura e a relação tá longe de ser cordial.

[sonora Francisco]

As brigas são sempre por questões práticas: o mau cheiro que a casa emana, às vezes que Margarida entra na portaria do Louveira aos berros, o barulho dos dois cachorros dela.

[sonora Francisco]

A questão do prédio com ela não é só pelo crime no qual ela é acusada, no dia-a-dia ela também causa problemas pro Louveira.

[sonora Francisco]

No caso ela joga excrementos pela janela, rente ao muro que divide a casa do edifício Louveira.

[sonora Francisco]

Eu olho pra casa abandonada e há estrias marrons na parede dos fundos, são as marcas de onde a água de dejetos de Margarida passou. A única vez que Francisco ficou do lado de Margarida foi uns 4 anos atrás quando um grupo de sem-tetos tentou invadir a casa. Eles pensavam que a casa estava abandonada e por isso estava vazia.

[sonora Francisco]

De repente Francisco para de falar. [música de fundo] Olha fixo pra frente, pra além do jardim do Louveira, pra parede lateral da casa abandonada, ele viu alguma coisa.

[sonora Francisco]

E nós dois vemos a mulher da casa abandonada enquanto conversamos em um banco da praça, ela tá com uma faixa no cabelo e seu rosto está coberto pela camada grossa e branca de pomada. Margarida olha pra um lado e olha pro outro e então olha pra nós, exatamente na frente dela há 30 metros da janela.

[sonora Francisco]

Sim, 75 abacates. O número me parece impressionante, mas “tá” longe de ser a melhor colheita que já foi feita no pomar da casa abandonada.

[sonora Francisco]

A história do abacate me leva a crer que a convivência entre os moradores do Louveira e a mulher da casa abandonada pode ser pacífica, cordial jamais. Francisco garante que ninguém ali gosta dela.

[sonora Francisco]

Antes de terminar a conversa eu pergunto se ele acha que um dia Margarida vai pagar pelo crime que não foi julgado.

[sonora Francisco]

No meio da conversa Francisco disse que via Margarida pegar táxi com alguma frequência, que ela sempre usa os carros do ponto em frente ao Louveira. Eu me despeço dele e aproveito que tô do lado do ponto de táxi, vou até lá, só tem um carro sedan estacionado com um homem de barba amarelada por cigarro encostado no capô: é Ivo. E aqui no podcast ele vai ser só Ivo mesmo, ele que pediu.

[sonora Ivo]

Ele me conta que a Margarida sempre paga em dinheiro contado, o valor exato e que esse valor muitas vezes se repete, porque ela costuma ir sempre pro mesmo lugar.

[sonora Ivo]

Ela entra no carro, dá bom dia e não fala mais nada. Ele sabe do crime do qual Margarida é acusada, mas ela nunca falou nada a respeito.

[sonora Ivo]

O que parece ser uma regra, Margarida foge de assuntos do passado, mas uma regra que tem uma exceção; em fevereiro, dois meses depois do meu primeiro encontro com ela, eu descobro que tem uma pessoa da vizinhança com quem a Margarida fala do crime.

[música de fundo]

Semanas depois de conversar com o Francisco do Louveira eu consigo encontrar outra pessoa essencial para contar a história de Margarida: Francisco do edifício Jóia. Sim, um outro Francisco. Por pedido dele, o sobrenome vai ficar de fora da história. Esse Francisco no caso é o zelador de um prédio que fica próximo da casa.

[sonora Francisco]

Ele me deixa entrar no prédio, por mais que acredite ter pouca informação sobre a vizinha. Mas ele é modesto, Francisco é uma das pessoas mais próximas de Margarida.

[sonora Francisco]

A gente entra no saguão do prédio e se senta em sofás que parecem nunca terem sido usados.

[sonora Francisco e Chico]

Reconhecida a coincidência a gente pode começar a falar da mulher da casa abandonada. Faz 16 anos que Francisco administra o prédio que tem vista pra casa.

[sonora Francisco]

E ao contrário do Francisco do Louveira esse Francisco tem uma relação cordial com Margarida, ele a admira, mesmo que eles não sejam próximos.

[sonora Francisco]

Assim como eu, o Francisco do Louveira e a Mari Muradas, Francisco do prédio Jóia nunca entrou na casa.

[sonora Francisco]

Ou quase nunca. Ele se corrige e lembra que teve uma vez em que ela deixou ele entrar; não na casa em si, mas no terreno.

[sonora Francisco]

Margarida vive sozinha desde que a mãe dela morreu, em 2011. Mas não tão sozinha quanto possa parecer. Francisco diz que vê a família visitar Margarida de vez em quando.

[sonora Francisco]

Eu procurei as duas irmãs de Margarida para esse documentário e as duas negaram os pedidos de entrevista.

[sonora: desconhecido explicando porque uma delas não irá dar entrevista]

[música de fundo]

A gente vai falar mais delas e da cizânia que é a herança da família de Margarida, uma família que tinha uma dúzia de imóveis por São Paulo, mas que tá perdendo tudo. Mas agora vamos voltar pro hall do prédio e pro papo com Francisco; por mais que ele seja próximo da mulher da casa abandonada, ela nunca revelou o nome dela. Então, ele criou um nome pra ela.

[sonora Francisco]

É curioso como a pessoa da rua que tem mais intimidade com a mulher da casa abandonada não recebeu nada dela, sequer um nome.

[sonora Francisco]

Ele não completa a frase, mas imagino que ele queira dizer toda excêntrica. E Margarida falou sobre essas excêntricas com ele. Disse por exemplo porque cobre o rosto com a pomada branca.

[sonora Francisco]

Francisco acredita que Margarida fale com ele por um motivo simples, porque ele é uma das poucas pessoas da vizinhança dispostas a parar e a ouvir o que a mulher da casa abandonada tem a dizer.

[sonora Francisco]

E ela conversa tanto com o Francisco que chegou a falar sobre o crime do qual ela foi acusada nos EUA e que a fez voltar fugida pro Brasil.

[sonora Francisco]

Esse padre que o Francisco fala é uma das pessoas que ajudou a resgatar a mulher em situação análoga à escravidão. Eu ainda vou falar com ele, mas por enquanto é importante frisar que parece muito improvável que esse padre fosse querer depor a favor de Margarida no caso em que ela era acusada de explorar e torturar uma pessoa. No meio da conversa, Francisco de repente baixa o volume da fala, é como se ele tivesse sido acometido por um medo, um medo de que a mulher da casa vizinha pudesse ouvir o que a gente tá falando.

[sonora Francisco]

E se descobrir que Francisco “tá” me dando uma entrevista, é provável que ela se afaste dele também.

[sonora Francisco]

Por mais que ele seja uma das poucas pessoas a quem foi permitido entrar na casa nos últimos 20 anos, não é que eles tenham uma baita intimidade, não chegam a ser amigos, são conhecidos próximos, se é que isso faz sentido, vizinhos que tem uma relação cordial, mas que ainda estão separados por um muro.

[sonora Francisco]

Ela gosta de planta. É difícil deixar passar essa ironia, que uma pessoa acusada de causar o maior sofrimento que exista a um ser humano goste de plantas, mas eu me contenho e não interrompo a fala do Francisco. Ele continua falando sobre plantas.

[sonora Francisco]

Os dois mantêm uma relação cordial, mais cordial do que a de Margarida com o Francisco do edifício Louveira, com a Mari Muradas ou com as dezenas de vizinhos com quem eu conversei e não quiseram ser gravados.

[sonora Francisco]

É a mesma teoria da conspiração que a Margarida expôs na antevéspera de Natal pra mim. Francisco ouviu essa teoria há anos e em partes ele encontra sentido.

[sonora Francisco]

Aos poucos ela foi se abrindo com ele, aconteceu até de Margarida sair de casa e ir visitar o amigo no prédio ao lado.

[sonora Francisco]

Eu comento que a Margarida deu um presente pro pessoal do Louveira, deixou que eles colhessem 200 abacates de um pé na casa abandonada. Francisco confirma, diz que as árvores dali dão muita fruta, mas que ele mesmo não ousa pegar.

[sonora Francisco]

É uma questão de respeito e talvez de preocupação, porque Francisco diz que às vezes se pega aflito com as condições de vida da vizinha.

[sonora Francisco]

O telhado tá roto, telhas caíram em revoada e há vários pontos em que a casa tá descoberta, ainda que Margarida tente reverter o processo do jeito dela.

[sonora Francisco]

Ele se levanta e anda até os fundos do hall, lá tem uma porta que leva “pra” um pátio, uma laje de cimento no fundo do prédio que dá vista pro fundo da casa abandonada.

[sonora Francisco]

Francisco sobe num vaso de cimento e começa a narrar o que vê lá de cima.

[sonora Francisco]

Ele me chama pra ir até lá, de cima dos vasos a gente vê os fundos da casa, um quintal cheio de sucata, uma porta enferrujada ta deitada dentro de uma banheira de porcelana como se tivesse tomando banho. O mato já deve ter crescido mais de meio metro, o telhado nos fundos tem vários guarda chuvas encaixados como se ela tivesse tentado restaurar a cobertura, mas não tivesse telhas. No fundo do quintal tem um cômodo autônomo, o edícula e no portal da edícula dá pra ver algo: a rabeira de um carro.

[sonora Francisco]

É o mesmo carro que o outro Francisco, porteiro do Louveira, ajudava o pai de Margarida estacionar; mas ele tá coberto por uma camada que é ferrugem não tinta. Os pneus cederam e ele tá rente ao chão, mas a dona da casa ainda pensa em usá-lo.

[sonora Francisco]

Mesmo quando não encontra com Margarida na rua, Francisco às vezes vai até o muro, só pra ter certeza que ela tá bem.

[sonora Francisco]

Ele de alguma forma é a única pessoa que zela pela mulher da casa abandonada. Eu agradeço pela conversa e desligo o gravador. Depois que a gente já tinha terminado a entrevista, Francisco n° 2 e eu ficamos batendo papo por mais de meia hora. Ele me mostra uma foto que fica pendurado na parede do hall, é um retrato em preto e branco de um casal na frente de uma casa, um sobrado de dois andares, é o terreno onde foi erguido o edifício Jóia. Os herdeiros do casal moram até hoje no prédio e eu noto que no canto esquerdo da foto dá pra ver um pedaço da casa abandonada, só que nos anos 30, quando a foto foi feita, ela não era abandonada, ela era só uma casa. Francisco e eu continuamos conversando mesmo que não seja mais uma entrevista, mas no meio do nosso papo ele solta uma frase que é inacreditável, algo que me faz tirar o gravador da mochila e pedir permissão para gravar de novo.

[sonora Francisco]

[música de fundo]

Margarida disse à ele que é amiga da mulher que trabalhou em serviço análogo à escravidão na casa dela por quase 20 anos. Só tem um jeito de eu descobrir isso, de contar essa história completa, eu preciso visitar o lugar onde o crime aconteceu 20 anos atrás, pegar um avião e percorrer os mais de 7 mil quilômetros que dividem a casa abandonada da casa americana onde Margarida morou por 20 anos, em que por duas décadas escravizou uma pessoa, que hoje ela diz ser amiga dela. Pra entender essa história inteira eu tinha que ir pros EUA.

[música de fundo]

No próximo episódio de A mulher da Casa Abandonada:

Antes de procurar a polícia Vicky pensou que poderia encontrar apoio na vizinhança, atravessou a rua e foi falar com um vizinho que trabalhava com questões trabalhistas no Banco Mundial, onde ela mesma já tinha trabalhado, mas a resposta que ouviu dele foi um balde de água fria.

[sonora Vicky]

Mas a verdade é que ela não tinha pensado em nada, voltou pra casa sem fazer ideia de como proceder, sabia que a amiga brasileira era explorada e agredida, que tava quase 20 anos sem ganhar um centavo, mas não sabia como fazer pro mundo acreditar nisso.

[sonora Vicky]

Ela disse que foi nessa noite que aconteceu um milagre, e que a ajuda veio na forma de uma carta aberta escrita pelo Papa.

[sonora Vicky]

Então Vicky declama decor uma carta escrita por um Papa

[sonora Vicky]

Esse não é exatamente o texto do Papa, mas o sentido é o mesmo. Ele realmente fala sobre o ano do jubileu ser o momento das pessoas escravizadas se tornarem iguais às pessoas livres e ela sentiu que a carta tinha sido escrita não pra ela, mas pra mulher que era escravizada na rua da casa dela.

[música de fundo]

A mulher da casa abandonada é um podcast da Folha. Eu sou Chico Felitti, criador, roteirista e apresentador.

A gente se encontra na próxima quarta-feira, até lá aproveita pra seguir o podcast no seu tocador predileto.

Como mostrado, as unidades de registro foram marcadas de itálico em meio a unidade de contexto, isto é, as narrações de Chico Felitti. Depois de identificar as unidades de registro começamos a separá-las pelas categorias propostas.

6 INFERÊNCIAS

Neste capítulo iremos apresentar os números de aparição de cada categoria nos dois episódios analisados do *podcast* A Mulher da Casa Abandonada. Além disso, faremos a inferência dos dados e apontamentos sobre a subjetividade do narrador e *storytelling* presentes no produto sonoro e como esses dois elementos são trabalhados no *podcast*. A análise vai contemplar aspectos dos dois primeiros episódios, uma vez que esses dois primeiros episódios já demonstram as principais marcas de subjetividade presentes no produto sonoro, como descrições e opiniões.

6.1. Episódio 1: A Mulher

O primeiro episódio de “A Mulher da Casa Abandonada” já começa bem subjetivo, com Chico Felitti falando sobre como um amigo seu se referia ao bairro Higienópolis, local importante para a história do *podcast*: “Um amigo meu, que é escritor, definiu Higienópolis como um pedaço de Suécia transplantado para o centro de São Paulo” (A Mulher...., 2022). Esse trecho em específico faz parte da categoria “Opinativo” e tem como marcador “Relato pessoal”.

Neste primeiro episódio foram identificadas 152 unidades de registro, separadas nas categorias “Descrição”, “Opinativo” e “Diálogo direto com o ouvinte”. Na tabela abaixo é possível ver o número de vezes em que aparece cada categoria:

Tabela 1: Marcas de subjetividade no episódio 1: A Mulher.

CATEGORIA	QUANTIDADE
Descrição	92
Opinativo	46
Diálogo direto com o ouvinte	15

Fonte: elaboração dos autores.

A categoria “Descrição” se sobressai no primeiro episódio, com o narrador descrevendo lugares, situações, fontes, personagens, ações dele e de outras pessoas que ele observa, sensações/emoções que ele sente e procedimentos de apuração. Além disso, ele também se apresenta e indica o nome do *podcast* no início e no fim do episódio. O narrador

descreve Higienópolis, lugar da história do *podcast* nesse primeiro episódio, de forma detalhada. Descreve cores dos lugares, estrutura arquitetônica de prédios, o que as pessoas fazem pelo bairro e as características físicas dessas pessoas. Essas pessoas são os personagens do *podcast*, uns aparecem mais que outros. A Mulher da Casa Abandonada, que se chama Margarida Bonetti (mas que se diz chamar Mari), começa a ganhar destaque na narrativa já nos primeiros minutos, afinal o *podcast* é sobre ela e sobre o crime que ela cometeu junto com seu marido, Renê Bonetti.

O locutor, Chico Felitti, também emite suas opiniões ao falar dos comportamentos de Margarida Bonetti. A categoria “Opinativo” nesse primeiro episódio será composta principalmente por “Observações de caráter pessoal” e “Ironias”, tanto para abordar comportamentos de personagens ou situações.

Na categoria “Diálogo direto com o ouvinte” aparecerá principalmente o marcador “Antecipação de fatos”, em que neste primeiro episódio o autor antecipa fatos sobre a casa de Margarida Bonetti ou fatos sobre a própria Margarida. Também tem uma ocorrência de “Antecipação de fatos” quando o narrador após participação da atriz Renata Carvalho na narração de um conto sobre uma casa abandonada (que serve para ambientar a narrativa), diz: “E eu não vou estragar o fim do conto se eu disser que as crianças entram na casa e que algo de sobrenatural acontece ali, mas agora vamos voltar para o mundo real” (A Mulher..., 2022). O autor antecipa o final da história para não demorar muito tempo apenas contando sobre uma história fictícia. Essas “Referências a outras obras” servem para ambientar o ouvinte na narrativa e no tipo de sentimento que o produtor do *podcast* quer provocar, mas salienta-se que Chico Felitti faz esse trabalho de relembrar o leitor que a história que ele está contando não é fictícia, como no final da frase apresentada anteriormente: “[...] mas agora vamos voltar para o mundo real” (A Mulher..., 2022).

6.2 Episódio 2: A Casa

O segundo episódio de “A Mulher da Casa Abandonada” mostra a continuidade da apuração de Chico Felitti em descobrir sobre o passado de Margarida Bonetti, em que ele procura pela vizinhança do bairro Higienópolis pessoas que sabem sobre o caso de escravidão cometido por Margarida e seu marido. Neste segundo episódio foram identificadas 201 unidades de registro como marcas de subjetividade.

Tabela 2: Marcas de subjetividade no episódio 2: A Casa.

CATEGORIA	QUANTIDADE
Descrição	147
Opinativo	38
Diálogo direto com o ouvinte	16

Fonte: elaboração dos autores.

Assim como no primeiro episódio, Chico Felitti utiliza no segundo muito a linguagem em primeira pessoa do singular, fazendo muitas descrições, tanto de ações suas como de outros personagens. No marcador “Descrição” há em maior quantidade descrições de ação e descrições de situação, mas queremos destacar as descrições de lugar, uma vez que o narrador e produtor do *podcast*, Chico Felitti, se preocupa em situar o leitor sobre o lugar onde está se passando aquela história. O narrador descreve todo o cenário com detalhes, fala da casa de Margarida, de prédios onde moram ou trabalham alguns dos personagens e de lugares com relação à história, como a rua pública que leva o nome do avô de Margarida, o Barão de Bocaina: “A cem passos da casa abandonada existe uma rua sem saída, uma rua que liga a faculdade FAAP a um condomínio de prédios de luxo, com apartamentos que custam mais de R\$ 5 milhões cada um. Pouca gente sabe que aquela via é uma rua pública, que ela é fechada com cancelas e com seguranças” (A Mulher..., 2022).

O uso da primeira pessoa do singular é recorrente não só nas descrições, mas também nos trechos da categoria “Opinativo”, como em “[...] fazem um leigo como eu se lembrar da Casa Branca e ganhou um apelido: a casa do barão de Bocaina. Ela não lembra em nada a casa abandonada de Higienópolis” (A Mulher..., 2022).

A categoria “Diálogo direto com o ouvinte” possui no segundo episódio duas ocorrências a mais do que no primeiro, todavia o primeiro possui mais diversificação de marcadores. O marcador que mais aparece no segundo episódio é o marcador “Antecipação de fatos”. Dessa forma, tanto no episódio um como no episódio dois, o marcador que mais aparece da categoria “Diálogo direto com o ouvinte” é o marcador “Antecipação de fatos”.

Uma comparação mais detalhada entre os dois episódios será abordada nos tópicos seguintes, assim como um aprofundamento dos marcadores, que indicam diferentes características do *podcast*.

6.3 Marcadores de subjetividade

Depois de uma breve análise dos episódios individualmente, neste capítulo iremos aprofundar sobre os marcadores e o que eles estão indicando. Evidenciaremos as quantidades de marcadores de cada categoria por episódio. Na próxima tabela é possível observar o número de vezes que cada marcador aparece nos dois episódios analisados:

Tabela 3: Marcadores de subjetividade por episódio na categoria “Descrição”

MARCADORES	EPISÓDIO 1	EPISÓDIO 2
Descrição de ação	63	30
Descrição de lugar	6	8
Descrição de sensação/emoção	3	9
Descrição de situação	13	80
Descrição de fonte	2	5
Descrição de personagem	1	7
Apresentação	2	2
Procedimentos	2	4

Fonte: elaboração dos autores.

A descrição de procedimentos jornalísticos aparece em menor quantidade no episódio 1 do que no episódio 2, mas mesmo sendo poucas aparições nos dois episódios esse tipo de descrição tem a sua importância, pois justifica algumas das decisões no processo de produção do *podcast*, como por exemplo de não falar nome de alguma fonte: “que foi bipado à pedido dela que não quer ser identificada” (A Mulher..., 2022). Esta frase, por exemplo, diz respeito a uma vizinha da Mulher da Casa Abandonada que conversou com Chico, mas que não quis ser identificada. A descrição do procedimento esclarece ao ouvinte o porquê de não ser dada a informação do nome da fonte.

Também aparece muito o marcador “descrição de ação”, com 63 registros no primeiro episódio e 30 no segundo. Esse marcador descreve tanto ações do próprio narrador como de outra pessoa que ele observa.

A subjetividade do narrador e o *storytelling* se mostram à medida que “O leitor é convidado a captar na narrativa as nuances ambientais de onde o acontecimento se dá. As

cores, os sons, os cheiros [...], o movimento dinâmico com que as ações se dão” (Lima, 2014, p. 121). Por isso, para ambientar o ouvinte na narrativa Chico Felitti faz uso de muita descrição, descreve suas ações para que o ouvinte imagine, descreve o cenário para que o ouvinte imagine onde se dá essa ação e descreve as sensações/emoções que ele próprio sente, para que o ouvinte também imagine suas expressões.

O uso de uma locução subjetiva é recorrente nos dois episódios, tendo inclusive opiniões, ironias e um jornalismo mais confessional. A próxima tabela mostra o número de vezes em que cada marcador da categoria “Opinativo” aparece nos dois episódios analisados.

Tabela 4: Marcadores de subjetividade por episódio na categoria “Opinativo”

MARCADORES	EPISÓDIO 1	EPISÓDIO 2
Relato pessoal	2	0
Observação de caráter pessoal	33	25
Opinião pessoal	2	0
Ironia	4	3
Compartilhamento de gosto pessoal	2	0
Linguagem popular	2	10

Fonte: elaboração dos autores.

No primeiro episódio há os marcadores “Compartilhamento de gosto pessoal”, “Relato pessoal” e “Opinião pessoal”, que corroboram a inferência de que no *podcast* analisado há um jornalismo mais confessional. O jornalismo confessional é marcado por “[...] reportagens [...] mais íntimas e confessionais [...] Todos os jornalistas estão cientes da pressão para humanizar as histórias, incluindo experiências mais pessoais e íntimas, incluindo auto-revelações” (Coward, 2013 *apud* Viana, 2021). É possível perceber no *podcast* relatos mais pessoais e compartilhamento de gostos do próprio narrador, como em: “o meu assunto predileto e aparentemente o assunto predileto dela também” (A Mulher..., 2022) ou em “ficaram poucas pessoas no bairro, como eu” (A Mulher..., 2022), sendo esse último um relato pessoal. No segundo episódio não há ocorrência dos marcadores “Compartilhamento de gosto pessoal”, “Relato pessoal” e “Opinião pessoal”.

Nos dois episódios analisados aparece ironia, sendo o primeiro com 4 ocorrências e o segundo com 3, como na seguinte ocorrência do primeiro episódio: “Ela tem medo de que possa correr perigo caso denuncie a máfia da poda de árvores que acredita ter descoberto” (A Mulher..., 2022). Há também muitas observações de caráter pessoal no primeiro episódio (33 ocorrências) e no segundo (25 ocorrências), quando Chico Felitti traz um fato mas também emite opinião de modo sutil, seja pela escolha das palavras ou pelo tom de voz. O seguinte trecho está para esse marcador de “Observação de caráter pessoal”: “É como se fosse o pedigree do imóvel.” (A Mulher..., 2022).

Há ainda o uso de linguagem figurada identificada pelo marcador “Linguagem popular”, na qual foram contabilizadas 2 ocorrências no primeiro episódio e 10 ocorrências no segundo. Alguns exemplos são: “O choque de Mari teve voltagem dupla” (A Mulher..., 2022) e “uma luz amarela se acende na minha mente” (A Mulher..., 2022).

Por último temos a categoria “Diálogo direto com o ouvinte”. A seguir é possível visualizar a tabela com demais ocorrências:

Tabela 5: Marcadores de subjetividade por episódio na categoria “Diálogo direto com o ouvinte”

MARCADORES	EPISÓDIO 1	EPISÓDIO 2
Menção a material complementar em outra mídia	1	0
Antecipação de fatos	6	11
Dúvida compartilhada	1	0
Referência a outras obras	2	0
Guia de audição	1	1
Questão lançada	1	2
Confirmação	2	2

Fonte: elaboração dos autores.

O marcador “Menção a material complementar em outra mídia” aparece uma vez apenas, fazendo referência às fotos que Chico Felitti tirou de uma árvore indo ao chão, no

começo do primeiro episódio: “Essas fotos você pode ver no site e nas redes sociais da Folha” (A Mulher..., 2022).

O marcador “Dúvida compartilhada” aparece uma vez também, sendo identificado no trecho do primeiro episódio: “E eu contaminado pelo espírito incorporador de imóveis que paira sobre São Paulo, via a casa abandonada e só pensava em uma coisa: ‘como que ainda não levantaram um prédio aqui? Quanto será que custa esse terreno? Uns 10 milhões? 20?’ ” (A Mulher..., 2022).

Neste exemplo é nítida a pretensão de um diálogo com o ouvinte. Nesse *podcast*, assim como nos analisados por Viana, “[...] a fala do narrador é direcionada ao ouvinte, visando estabelecer uma relação de diálogo e laços de intimidade, como quem compartilha impressões e conta segredos” (Viana, 2021, p. 1-2).

Sempre direcionando ao ouvinte, o narrador faz antecipações dos fatos que ainda serão relatados (17 ocorrências no total), referencia outras obras que têm relação com o que está sendo contado (2 ocorrências) e guia o ouvinte, apresentando um resumo do que se trata o *podcast* no início dos dois episódios (2 ocorrências). No caso das referências para outras obras o locutor faz isso em dois momentos, em:

O assassino de Psicose mora numa casa abandonada, a bruxa de Blair mora numa casa abandonada, até a família Adams mora numa casa abandonada. No momento que eu me mudei pra Higienópolis inclusive eu tava lendo sobre uma... casa abandonada. O livro chama “As coisas que perdemos no fogo” da argentina Mariana Enriquez e tem um conto que se chama “A casa de Adela”; nele três crianças ficam obcecadas por uma casa abandonada do bairro. Eu convidei a dramaturga e atriz Renata Carvalho para ler um trechinho desse conto. Aí vai... (A Mulher..., 2022)

E em:

Em 2018 eu escrevi o perfil de uma pessoa excêntrica do centro de São Paulo, um homem chamado Ricardo Correa. Ricardo era um artista de rua que havia injetado silicone no próprio rosto até ficar com as bochechas enormes que renderam o apelido de fofão da Augusta, o apelido pelo qual ele foi conhecido por décadas, como Mari é conhecida por décadas como a bruxa. (A Mulher..., 2022)

Assim como outros marcadores, o de “Referência a outras obras” só aparece no primeiro episódio analisado. O marcador “Questão lançada” aparece em ambos os episódios.

Por fim, temos o marcador “Confirmação”, com 2 ocorrências em cada episódio analisado. Esse marcador indica uma explicação ou confirmação de informação que poderia soar confusa, como em: “se não deu pra ouvir é porque ela tava lá dentro do jardim e eu tava do lado de fora gravando” (A Mulher..., 2022).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo geral analisar o uso da subjetividade do narrador e avaliar o *storytelling* nos roteiros do *podcast* “A Mulher da Casa Abandonada”. A subjetividade do narrador e o *storytelling* estão presentes em todo o *podcast*. Nos dois episódios analisados percebemos que há um uso recorrente de “Descrições”, muito mais do que as categorias “Opinativo” e “Diálogo direto com o ouvinte”. Percebemos que as descrições são indispensáveis, tanto pelo fato de produtos sonoros não possuírem outros modos de mostrar características de personagens e lugares se não pela descrição detalhada (uma vez que o audiovisual explicita de um modo mais direto a imagem) e também pelo fato de ser uma estratégia para captar a atenção do ouvinte, descrevendo de forma substancial para que o ouvinte imagine não só personagens e lugares mas também suas cores, texturas e tamanhos, como em: “a casa abandonada ainda tem um quintal do tamanho de um campo de futebol” (A Mulher..., 2022), em que o narrador faz uma comparação para que o ouvinte possa imaginar a grandeza do lugar.

Há um caso apenas de trecho onde dois marcadores são identificados simultaneamente, sendo o seguinte: “E com uma frase dita por uma vizinha toda compaixão se transformou em raiva” (A Mulher..., 2022). Os dois marcadores identificados no trecho são “Descrição de sensação/emoção” e “Descrição de situação”. Na pesquisa de Dirksen (2023) é comum esse tipo de ocorrência.

É interessante notar que 3 marcadores da categoria “Opinativo” não aparecem no segundo episódio. “Relato pessoal”, “Opinião pessoal” e “Compartilhamento de gosto pessoal” não fazem referência a nenhum trecho do segundo episódio, uma vez que nesse impera o marcador “Observação de caráter pessoal”. Não significa que esse marcador exclua uma possível ocorrência de outros, mas o fato é que em “Observação de caráter pessoal” o narrador manifesta sua opinião de modo bem mais sutil do que em marcadores como “Opinião pessoal” e “Relato pessoal”. Dessa forma, observa-se que no episódio 1 as opiniões aparecem de modo mais explícito do que no episódio 2, apesar do episódio 2 ultrapassar o primeiro em marcas de “Linguagem popular”.

Na categoria “Diálogo direto com o ouvinte” assim como em “Opinativo” existem marcadores no episódio 1 que não estão no episódio 2. Não aparecem no episódio 2 os marcadores “Menção a material complementar em outra mídia”, “Dúvida compartilhada” e “Referência a outras obras”, mas nesse caso é pelo contexto e escolha do próprio Chico Felitti. Não houve outro material complementar para indicar, uma vez que o produto “A

Mulher da Casa Abandonada” se resume ao *podcast* em si e à divulgação feita pelas redes da Folha de S. Paulo. Tendo sido feita a indicação das redes sociais da Folha de S. Paulo no primeiro episódio, não há outro material produzido sob a marca “A Mulher da Casa Abandonada” para indicar. “Dúvida compartilhada” não aparece no segundo episódio, mas “Questão lançada”, um marcador muito parecido, aparece em dois momentos. Já a ausência de “Referência a outras obras” no episódio 2 denota uma escolha do narrador em não trazer alguma referência de audiovisual, livro ou outro tipo de obra para o contexto da história.

O problema desta pesquisa visa descobrir: quais são as marcas de subjetividade do narrador em “A Mulher da Casa Abandonada” e como elas estão alicerçadas no uso do *storytelling* no jornalismo de áudio contemporâneo? Como pode ser observado ao longo deste trabalho, descobrimos as marcas de subjetividade e indicamos através das categorias e dos marcadores, trazendo apontamentos com embasamento teórico sobre narrativas, jornalismo literário, *podcast* narrativo e *storytelling* no jornalismo de áudio.

Sendo assim, cumprimos com os objetivos específicos propostos. Pesquisamos sobre o jornalismo de áudio contemporâneo, com essa pesquisa podendo ser vista mais enfaticamente no capítulo 3. Investigamos como a subjetividade se manifesta no jornalismo, sendo que essas contribuições podem ser vistas em todo o trabalho. E também mapeamos as marcas de subjetividade do narrador do *podcast*, separando-as em 3 categorias e 21 marcadores.

É perceptível, no entanto, que Chico Felitti tenta dialogar com o ouvinte e construir uma relação de proximidade e intimidade no complemento dessas estratégias indicadas por nossas categorias e marcadores. O uso de descrições, opiniões e da conversa mais informal e direta com o ouvinte (no sentido de falar para o ouvinte) constroem uma narrativa que envolve o receptor tanto para a narrativa em si como para a figura de Chico Felitti, que guia essa saga que tem seu começo marcado no bairro Higienópolis.

Entendemos que as conclusões alcançadas são condicionadas pela subjetividade do autor (Cassiano), uma vez que a metodologia empregada parte também de princípios dedutivos.

Entretanto, a pesquisa avança em suas particularidades a partir dos métodos e técnicas pensadas por Bardin (1977) e categorias e marcadores pensados por Dirksen (2023). O presente trabalho contribuiu com minha formação acadêmica (Cassiano), pois compreendi como é analisar um produto sonoro, buscando a melhor metodologia dentro da proposta do trabalho. Eu (Cassiano) tinha interesse em saber como seria a pesquisa para um produto sonoro, uma vez que em Iniciação Científica só analisei audiovisual. A pesquisa também

contribuiu para meu entendimento sobre como o *storytelling* é usado no jornalismo, sobre como a subjetividade pode ser usada em *podcasts* narrativos e sobre o contexto e história dos *podcasts* até o momento atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A ERA de ouro dos podcasts: entenda o boom dos programas de áudio on-line. **O Globo**, 21 abril 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/a-era-de-ouro-dos-podcasts-entenda-boom-dos-programas-de-audio-on-line-23612273>. Acesso em: 26 maio 2023.
- A MULHER da Casa Abandonada. [Locução de:] Chico Felitti. São Paulo: Folha de S. Paulo, jun. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBIen2Ki2dqV?si=b6f45a5b909a462a>. Acesso em 2023.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARSOTTI, Adriana; SANTA CRUZ, Lucia. Jornalismo literário em podcasts: Uma análise dos roteiros do Vozes, da CBN. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 137-159, jan./abr. 2020.
- BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. *Radiofonias – Revista De Estudos Em Mídia Sonora*, 11(1). Recuperado de <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315>.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008. 249 p.
- CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da Pirâmide invertida à pirâmide deitada**. In: BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital de Terceira Geração**. Covilhã, Portugal, 2007.
- CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A medida do olhar: autoria e objetividade na reportagem**. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. ECA, Universidade de São Paulo, Orient. Cremilda Medina, 2004.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de canudos**. 3. ed. São Paulo, SP: Martin Claret, 2002. 637 p.
- CUNHA, Karenine M. R.; MANTELLO, Paulo F. Era uma vez a notícia: *storytelling* como técnica de redação de textos jornalísticos. **REVISTA COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA**, V.9, N.2, p. 56-67. 2014.
- DENÚNCIAS de trabalho escravo doméstico duplicam após lançamento de A Mulher da Casa Abandonada. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26.jul.2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/07/denuncias-de-trabalho-escravo-domestico-duplicam-apos-lancamento-de-a-mulher-da-casa-abandonada.shtml#:~:text=Den%C3%Bancia%20de%20trabalho%20dom%C3%A9stico%20an%C3%A1logo,durante%2020%20anos%20nos%20EUA>. Acesso em: 15 abril. 2023.

DE SOUZA, Roberta. **Do jornalismo policial ao podcast de true crime: storytelling e sonorização como recursos narrativos da série "A Mulher da Casa Abandonada"**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

DIRKSEN, Bárbara Linhares. **Jornalismo de subjetividade em podcasts narrativos: uma análise do Praia dos Ossos**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen, 2023.

FARIA, Nídia Sofia. **Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características**. In: Comunicação Pública [Online], Especial 01E, 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cp/210>. Acesso em 30/04/23. DOI: <https://doi.org/10.4000/cp.210>.

FERNANDES, Laís Cerqueira; MUSSE, Christina Ferraz. **Podcasts e a cultura digital: Estratégias para contar histórias em uma Narrativa Convergente**. Juiz de Fora, 2017.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio (verbetes). In: MELO, José Marques de (Org.). **Enciclopédia Intercom de Comunicação – Dicionário Brasileiro do Conhecimento Comunicacional**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, v. 1, 2010.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamento da Ciência dos Jornais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HENRIQUES, Rafael Paes. O jornalismo declaratório e a objetividade jornalística. **Anais SBPjor**, 2020.

HENRIQUES, Rafael Paes. O problema da objetividade jornalística: duas perspectivas. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa/Bahia, v.17, n.1, p.256-268, junho/2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo, SP: Aleph, 2009. 428 p.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, Santiago de Compostela, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KOCH, Stephen. **Oficina de escritores: um manual para a arte da ficção**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2009.

LOPES, Leo. **Podcast: guia básico**. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.

LOPEZ, Debora Cristina. Radiojornalismo hipermediático: um estudo sobre a narrativa multimidiática e a convergência tecnológica na Rádio France Info. In: **Líbero**, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 125-134, jun. de 2011. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/viewFile/376/350>.

LOPEZ, Debora Cristina; ALVES, João. Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais-MG. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém - PA – 2 a 7/09/2019.

LIMA, E. P. **Storytelling em plataforma impressa e digital**: contribuição potencial do jornalismo literário. *Organicom*, São Paulo, v. 11, n. 20, p. 118-127, 2014.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário**: revisão conceitual, história e novas perspectivas. *Intercom - RBCC*, São Paulo, v.40, n.3, p.21-36, set./dez. 2017.

MEDEIROS, M. S. de. Podcasting: Um Antípoda Radiofônico. **Intercom**, Bahia, 2006. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/109425410741320594702700363707183744831.pdf>. Acesso em: 20 maio 2023.

OLIVEIRA, Felipe Moura de; HENN, Ronaldo C. **Movimentos em rede e ocupação do espaço público**: limites e possibilidades ante a crise do jornalismo. *Contemporanea (UFBA. Online)*. , v.12, p.39 , 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 1.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008.

Revista Maxwell. **Elementos da narrativa**. Revista Maxwell - PUC-Rio, 2023. Disponível em https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9582/9582_6.PDF. Acesso em 2023.

SILVA, S. P. ; SANTOS, R. S. O que faz sucesso em podcast? Uma análise comparativa entre podcasts no Brasil e nos Estados Unidos em 2019. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 49-77, jan./abr. 2020.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009. 287 p. ISBN 9788532638441.

SOUZA, Alexandro Carlos de Borges. **A representação do jornalista nas histórias em quadrinhos**: Cyberpunk e novo jornalismo numa leitura crítica de Transmetropolitan. João Pessoa, 2013.

SOUZA, Maurício Dias. **Jornalismo e cultura da convergência**: a narrativa transmídia na cobertura do Cablegate nos sites El País e Guardian. Santa Maria, RS. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

TRINCA, Mayra Deltreggia; FIGUEIREDO, Simone Pallone de. Podcasts Narrativos de Ciência: Análise de Público e Níveis de Interesse. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Poços de Caldas - MG – 26 a 28/05/2022. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2022/resumo/0413202218453962571a53cc7f3>. Acesso em 02/06/23.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e estória**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 111-131.

VIANA, Luana. O Jornalismo em Primeira Pessoa em Podcasts Narrativos: Encontros e Tensões Deontológicos. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG. 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 4 a 9/10/2021.

VIANA, Luana. O uso do *storytelling* no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting. **Rumores**, Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 14, n. 27, 2020.

VICENTE, Eduardo; SOARES, Rosana de Lima. Radio Ambulante e a tradição do podcast narrativo no radiojornalismo norte-americano. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 18, n. 1, jan./jun. 2021.

APÊNDICE A – Tabela de análise – Ep 1: A Mulher

TRECHO	CATEGORIA	MARCADORES
Um amigo meu, que é escritor, definiu Higienópolis como um pedaço de Suécia transplantado para o centro de São Paulo.	Opinativo	Relato pessoal
São quarteirões tingidos de verde por árvores que são exceção em uma cidade que é cinza.	Descrição	Descrição de lugar
Uma sensação de segurança paira no ar.	Descrição	Descrição de sensação/emoção
Eu estou andando por ruas com nomes de estados. Passo pela rua Rio de Janeiro, na frente do prédio em que Jô Soares e Adriane Galisteu eram vizinhos, até alguns anos atrás.	Descrição	Descrição de ação
Cruzo na rua Maranhão com o condomínio de apartamentos onde morava o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso	Descrição	Descrição de ação
Passo na frente da FAAP,	Descrição	Descrição de ação
uma faculdade que tem prédios imitando templos gregos	Descrição	Descrição de lugar
e que cobra três mil e quinhentos reais de mensalidade para o curso de administração.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
a riqueza paulistana está em paz... as ruas estão vazias, a cidade já tá com clima de	Opinativo	Observação de caráter pessoal

férias		
ficaram poucas pessoas no bairro, como eu.	Opinativo	Relato pessoal
Funcionários de prédios varrem as calçadas enquanto conversam	Descrição	Descrição de ação
Até que eu vou me aproximando da praça Vila Boim, uma ilha de árvores e de bancos cercados por restaurantes e noto que alguma coisa arranha a paz da elite	Descrição	Descrição de ação
Um caminhão da prefeitura de São Paulo tá parado na esquina das ruas Piauí e Aracaju, da parte de trás dele saiu uma escada magirus,	Descrição	Descrição de situação
dessas que os bombeiros usam nos filmes para resgatar gatinho em cima de árvore.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Seis funcionários que estão vestindo macacão cor de laranja e capacete se ocupam de decepar os galhos com duas serras elétricas	Descrição	Descrição de ação
eu me aproximo e faço em voz alta a pergunta mais óbvia que poderia caber nessa situação.	Descrição	Descrição de ação
Uma é alta e magra, tá com uma vestido estampado e elegante e um colar de âmbar, uma moradora de bairro rico na manhã de antevéspera de Natal	Descrição	Descrição de fonte
A outra do lado dela, é uma mulher baixa e gorducha, com uma camiseta tie dye	Descrição	Descrição de fonte

azul marinho, calça preta e tênis sport. Uma faixa preta cobre o cabelo, que também é preto, como se ela tivesse fazendo jogging, mas ela não tá fazendo jogging, porque tem um caderno com a pequena sereia numa mão e uma caneta na outra.		
mas é só nisso que se parecem, de resto não poderiam ser mais diferentes, mas tão lá, lado a lado conversando	Opinativo	Observação de caráter pessoal
eu noto que	Descrição	Descrição de ação
as roupas dela estão sujas, ou além de sujas, elas estão imundas. O cheiro dela me recepciona	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Eu faço cara de dúvida	Descrição	Descrição de Sensação/emoção
porque o discurso da mulher baixa parece improvável	Opinativo	Opinião pessoal
é uma teoria da conspiração de que empresas em conluio com o Estado ganham dinheiro cortando árvores saudáveis de bairros ricos.	Opinativo	Ironia
De que é esse o novo esquema de corrupção num dos países mais corruptos do mundo	Opinativo	Ironia
A mulher alta também parece confusa	Opinativo	Observação de caráter pessoal
enquanto a mulher baixa de roupas encardidas fala como se não precisasse respirar	Opinativo	Observação de caráter pessoal

a outra me chama pra perto e sussurra	Descrição	Descrição de ação
ela disse enquanto olhava pra outra.	Descrição	Descrição de ação
Eu sou Chico Felitti e esse é A Mulher da Casa Abandona	Descrição	Apresentação
que revela a inacreditável história de uma brasileira que vive há décadas numa mansão decadentes num dos bairros mais caros do país, que se esconde nas sombras da decadência porque é procurada nos EUA por um dos crimes mais hediondos que uma pessoa pode cometer	Diálogo direto com o ouvinte	Guia de audição
A mulher baixa parece inconformada	Opinativo	Observação de caráter pessoal
a mulher alta só olha pra ela e ouve, às vezes balança a cabeça	Descrição	Descrição de ação
A que fala sem parar conta que já derrubaram uma árvore da praça semanas antes	Descrição	Descrição de ação
que ela até tentou impedir, mas não conseguiu	Descrição	Descrição de situação
A máscara gruda no rosto da mulher porque ele tá inteiro besuntado, coberto por alguma substância grossa que pode ser um tubo inteiro de base ou de pomada pra assadura, não dá pra saber e a máscara cirúrgica ta empapada, grudada à pele, transparente por causa da papa oleosa, mas isso não impede que ela continue falando	Opinativo	Observação de caráter pessoal

que a derrubada da árvore de Higienópolis na véspera da véspera de Natal é na verdade uma grande parte de um esquema de desvio de recursos públicos que envolve laudos falsificados e empresas mal intencionadas.	Opinativo	Ironia
Ela abre o caderno da pequena sereia e começa a folhear.	Descrição	Descrição de ação
Eu espio e o caderninho tem páginas e mais páginas	Descrição	Descrição de ação
leis e regras municipais copiadas à mão, com uma caligrafia caprichada.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Ela tenta argumentar que a poda da árvore fere leis e regulamentos, que precisa falar com o secretário do verde do meio ambiente, só que a serra dificulta essa discussão	Descrição	Descrição de ação
enquanto ela fala a árvore vem abaixo como se estivesse sendo esartejada em plena praça pública	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Ela pede que eu documente a remoção da árvore, que tire fotos para ela poder usar num dossiê que quer fazer e entregar pra imprensa ou para políticos influentes.	Descrição	Descrição de ação
Eu faço fotos com o meu celular, imagens da árvore indo ao chão pedaço por pedaço.	Descrição	Descrição de ação
Essas fotos você pode ver no	Diálogo direto com o	Menção a material

site e nas redes sociais da Folha	ouvinte	complementar em outra mídia
a mulher parece desesperada	Opinativo	Observação de caráter pessoal
diz que mais cedo já ligou para a polícia, mas que a polícia é responsável por defender pessoas e não árvores.	Descrição	Descrição de ação
Depois de quase 15 minutos falando, as duas mulheres finalmente se apresentam uma à outra.	Descrição	Descrição de ação
A mulher baixa com o rosto besuntado e as roupas imundas	Opinativo	Observação de caráter pessoal
se apresenta como Mari, a vizinha alta também diz seu nome	Descrição	Descrição de ação
que foi bipado à pedido dela que não quer ser identificada.	Descrição	Procedimentos
Mas as duas não tem tempo pra fazer social, o assunto logo volta a ser a árvore.	Descrição	Descrição de situação
A Mari atravessa a rua e se aproxima dos funcionários da prefeitura, quer saber se eles vão mesmo terminar de remover a árvore morta na véspera de Natal.	Descrição	Descrição de ação
Mari sobe o tom com um dos funcionários públicos, ela acusa esses homens de estarem cometendo um crime.	Descrição	Descrição de ação

E a conversa azeda de vez	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Mari começa a ofender os funcionários públicos.	Descrição	Descrição de ação
Os funcionários desistem de dar atenção à mulher, viram as costas e retomam seu trabalho.	Descrição	Descrição de ação
Mari atravessa a rua, enquanto ruma pra ela mesma e pra quem quiser ouvir.	Descrição	Descrição de ação
Ela pede minha ajuda pra descobrir como denunciar esse ato que ela considera ilegal para o Ministério Público.	Descrição	Descrição de ação
Eu saco meu celular e descubro um site do Ministério Público para denúncias de cidadãos. Eu pergunto se ela quer que eu mande o link por Whatsapp	Descrição	Descrição de ação
só que ela não tem Whatsapp.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
ela pede que eu solete o site do Ministério Público pra ela anotar no caderninho de pequena sereia.	Descrição	Descrição de ação
Enquanto Mari termina de anotar	Descrição	Descrição de ação
a outra mulher me chama de canto, conta que Mari mora ali do lado, é vizinha dela, mas que não mora num prédio, mora numa casa.	Descrição	Descrição de ação

<p>Casarão ali é uma mansão abandonada à passos de onde a gente tá, um imóvel que tá caindo aos pedaços, literalmente caindo aos pedaços. É uma casa centenária de três andares e tijolo aparente que já viu dias melhores. Ta cercada por mato, com as paredes manchadas e sujas e sem um pedaço do teto.</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de lugar</p>
<p>As janelas verde musgo estão sempre fechadas, o portão de ferro é trancado por uma corrente que dá quatro voltas antes de ser arrematada por um cadeado. A casa vista de fora parece abandonada</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de lugar</p>
<p>mas a vizinha garante que a Mari mora ali.</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de ação</p>
<p>Eu vou descobrir no futuro que a situação da casa é tão precária que os vizinhos já entraram na justiça pra conseguir autorização só pra limpar o terreno, para retirar o lixo que se acumula dentro e fora da casa de milhões de reais.</p>	<p>Diálogo direto com o ouvinte</p>	<p>Antecipação de fatos</p>
<p>A vizinha alta para de me contar o que sabe quando a Mari volta.</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de ação</p>
<p>E ela vem na nossa direção com um pedido: que a gente vigie os funcionários da prefeitura enquanto ela vai até a casa dela.</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de ação</p>
<p>Eu pergunto se ela não prefere uma máscara nova, eu</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de ação</p>

posso comprar na farmácia da praça da Vila Boim, que fica a 20 passos de onde a gente tá.		
Ela topa e eu vou até a farmácia.	Descrição	Descrição de ação
A Mari chega segundos depois de mim e já chega dando ordem.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Ela pede que a funcionária não encoste na sua máscara.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
O jeito que ela trata as funcionárias da farmácia lembra o jeito que ela tratou os funcionários da prefeitura que lembra o jeito que uma certa elite brasileira trata quem ta trabalhando pra ela há pelo menos 500 anos.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Cria-se um clima tenso na farmácia e eu no meio tentando apaziguar	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Depois que abre a embalagem das máscaras, Mari deixa a tesoura no balcão e joga o plástico no chão.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Ela não quer esperar que eu pague pra usar a máscara, coloca no rosto e sai andando.	Descrição	Descrição de ação
Ela sai da farmácia enquanto eu pago pelas máscaras, quando a gente volta pra praça	Descrição	Descrição de ação
a árvore parece um corpo	Opinativo	Observação de caráter

desmembrado		peçoal
Mari reconhece que foi derrotada	Descrição	Descrição de ação
mas só nessa batalha não na guerra contra a derrubada das árvores do bairro.	Opinativo	Linguagem popular
Ela diz que vai juntar as fotos que fizemos em um documento e que vai levar esse documento até homens de poder.	Descrição	Descrição de ação
Ela diz que quer muito fazer uma denúncia	Descrição	Descrição de ação
Ela tem medo de que possa correr perigo caso denuncie a máfia da poda de árvores que acredita ter descoberto.	Opinativo	Ironia
E ela continua falando	Descrição	Descrição de ação
tratando a secretaria do verde do meio ambiente como uma máfia que pode colocar a vida dela em risco.	Opinativo	Ironia
Já faz mais de uma hora que eu to com ela, eu preciso ir embora porque já to atrasado pra um compromisso, mas eu quero falar de novo com essa pessoa.	Descrição	Descrição de ação
E eu passo meu número de telefone pra ela, me despeço das duas mulheres e vou embora.	Descrição	Descrição de ação
Tá, é bem provável que você já esteja se perguntando porque que eu tava com o gravador ligado na manhã da	Diálogo direto com o ouvinte	Confirmação

<p>antevéspera de Natal, documentando sons da derrubada de uma árvore em um dos bairros mais ricos de São Paulo, enquanto uma moradora excêntrica tentava impedir funcionários públicos de trabalhar... e tem um motivo pra isso, eu juro que tem. Porque faz meses que eu já quero conversar com essa mulher, e minha curiosidade nasceu por causa da casa onde essa mulher mora.</p>		
<p>Uma mansão, uma casa de tijolos aparentes que atravessa um quarteirão inteiro, de frente dá pra uma rua, os fundos da casa desembocam em outra rua. Além do imóvel que tem mais de 20 cômodos, a casa abandonada ainda tem um quintal do tamanho de um campo de futebol, cheio de abacateiros carregados. É um dos últimos terrenos sem prédio em um bairro de São Paulo dominado por edifícios</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de lugar</p>
<p>onde um apartamento de dois quartos custa dois milhões de reais.</p>	<p>Opinativo</p>	<p>Observação de caráter pessoal</p>
<p>E eu contaminado pelo espírito incorporador de imóveis que paira sobre São Paulo, via a casa abandonada e só pensava em uma coisa: “como que ainda não levantaram um prédio aqui? Quanto será que custa esse terreno? Uns 10 milhões? 20?”</p>	<p>Diálogo direto com o ouvinte</p>	<p>Dúvida compartilhada</p>
<p>E tinha também toda a atração simbólica de uma mansão caindo aos pedaços,</p>	<p>Opinativo</p>	<p>Observação de caráter pessoal</p>

<p>uma casa abandonada é o maior clichê que existe, é a alegoria mais óbvia de filme de terror.</p>		
<p>O assassino de Psicose mora numa casa abandonada, a bruxa de Blair mora numa casa abandonada, até a família Adams mora numa casa abandonada. No momento que eu me mudei pra Higienópolis inclusive eu tava lendo sobre uma... casa abandonada. O livro chama “As coisas que perdemos no fogo” da argentina Mariana Enriquez e tem um conto que se chama “A casa de Adela”; nele três crianças ficam obcecadas por uma casa abandonada do bairro. Eu convidei a dramaturga e atriz Renata Carvalho para ler um trechinho desse conto. Aí vai...</p>	<p>Diálogo direto com o ouvinte</p>	<p>Referência a outras obras</p>
<p>E eu não vou estragar o fim do conto se eu disser que as crianças entram na casa e que algo de sobrenatural acontece ali, mas agora vamos voltar para o mundo real.</p>	<p>Diálogo direto com o ouvinte</p>	<p>Antecipação de fatos</p>
<p>Daí um belo dia eu tava andando com a minha cachorra pela rua perto das 11 da noite e tomei um baita de um susto. Tinha um rosto sorrindo em meio às plantas que cercam a casa abandonada, um rosto brilhante que parecia uma lua refletindo à luz dos postes. E era a cara da Mari, besuntada de pomada branca, de pé, no jardim da casa, olhando pra quem passava por fora.</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de situação</p>

Nessa época eu ainda não sabia o nome dela nem que alguém vivia na casa abandonada e aquela aparência atiçou ainda mais a minha curiosidade.	Descrição	Descrição de situação
As roupas desganhadas, a camada de substância oleosa que sempre cobria o rosto, o tom de voz fino sempre entre o gentil e o imperativo.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
E eu decidi que queria descobrir quem era a mulher, porque eu queria contar a história dela.	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação de fatos
Foi daí que eu passei a andar com um gravador e ligá-lo toda vez que eu cruzava com ela.	Descrição	Descrição de situação
E a gente começou a conversar	Descrição	Descrição de situação
A maior parte das vezes ela tá com a cabeça pra fora da cerca da casa, e a maior parte das vezes a gente fala sobre cachorros	Descrição	Descrição de situação
o meu assunto predileto e aparentemente o assunto predileto dela também.	Opinativo	Compartilhamento de gosto pessoal
A Mari me mostra as duas cachorras	Descrição	Descrição de ação
São vira-latas pretas e enormes, com traços de Dobermann e uma pitadinha de Rottweiler, são cães de guarda.	Descrição	Descrição de personagem
E ela apresenta os bichos	Descrição	Descrição de ação
se não deu pra ouvir é porque ela tava lá dentro do jardim e	Diálogo direto com o ouvinte	Confirmação

eu tava do lado de fora gravando		
mas quando ela diz os nomes Ebony que significa Ébano em inglês e Ivory que é marfim, ela fala com um sotaque americano perfeito. A mulher pode morar numa casa que é um pouco mais do que escombros, mas parece ser culta.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
E sabe qual é o arquétipo da mulher culta que mora sozinha numa casa decadente?	Diálogo direto com o ouvinte	Questão lançada
Foi o que eu descobri logo que eu comecei a perguntar pros vizinhos se eles conheciam a mulher da casa abandonada. Quando eu soube que tinha uma mulher morando ali, numa casa abandonada	Descrição	Procedimentos
eu imaginei que a história fosse de alguém também abandonado, uma mulher excêntrica. Depois que eu encontrei com a Mari, a desconfiança só aumentou, pensei que pudesse ser a história de uma mulher excêntrica e discriminada pelos vizinhos.	Descrição	Descrição de situação
É o tipo de história que me interessa.	Opinativo	Compartilhamento de gosto pessoal
Em 2018 eu escrevi o perfil de uma pessoa excêntrica do centro de São Paulo, um homem chamado Ricardo Correa. Ricardo era um artista de rua que havia injetado silicone no próprio rosto até ficar com as	Diálogo direto com o ouvinte	Referência a outras obras

bochechas enormes que renderam o apelido de fofão da Augusta, o apelido pelo qual ele foi conhecido por décadas, como Mari é conhecida por décadas como a bruxa.		
Enfim, eu pensei que tinha uma história pra contar ali dentro da casa abandonada	Opinativo	Observação de caráter pessoal
e em 6 meses de investigação eu descobri que naquela mansão decadente morava mesmo uma história, mas não era a que eu previa, nem de perto.	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação de fatos
eu acho que eu venci o primeiro dia do ano	Opinativo	Opinião pessoal
Uma ligação à essa hora da noite não costuma ser boa notícia,	Opinativo	Observação de caráter pessoal
então eu saio da cama num sobressalto. Até eu conseguir pegar o celular na cômoda a ligação já foi pra caixa postal. Eu vejo o número desconhecido e por algum motivo desconfio que seja a mulher da casa abandonada. Então, eu ligo imediatamente de volta pro número, coloco a ligação no viva voz e ligo meu gravador do lado do celular. Dito e feito, no primeiro toque ela já atende.	Descrição	Descrição de ação
Eu explico que vi a ligação não atendida e como ela tava pra me ligar imaginei quem pudesse ser.	Descrição	Descrição de ação
eu já tava na cama mas eu digo que não é muito tarde	Descrição	Descrição de ação

Eu falo pra ela que não tem problema, que eu posso ensinar abrir o Diário Oficial do município no computador.	Descrição	Descrição de ação
eu digo que posso passar na casa dela em um dia de semana durante a tarde ou no começo da manhã, que é só a gente combinar.	Descrição	Descrição de ação
Eu desejo a ela um bom ano.	Descrição	Descrição de ação
Eu desligo o telefone e vou ouvir o recado de voz que ela tinha deixado no meu celular.	Descrição	Descrição de ação
Eu passo por uma caçamba de entulho sonoro de propagandas até chegar à mensagem de voz	Opinativo	Observação de caráter pessoal
E é bem nesse momento que ela atendeu o telefone pra falar comigo	Descrição	Descrição de ação
Eu aperto a tecla 3 3 vezes, ouço e repito o recado da	Descrição	Descrição de ação
mulher excêntrica que mora numa mansão abandonada num dos bairros mais ricos do Brasil	Opinativo	Observação de caráter pessoal
e então eu coloco o celular no modo silencioso e vou dormir	Descrição	Descrição de ação
Mari não me liga nunca mais e quando sou eu que ligo ela não atende, é como se tivesse fugindo de mim. Eu passo na porta da casa abandonada quase todos os dias, às vezes eu mudo a minha rota só pra passar pela rua dela pra ver se	Descrição	Descrição de situação

cruzo com a mulher da casa abandonada. E isso acontece só duas vezes		
eu chego na frente da casa e ela tá no jardim com o rosto coberto pela pasta oleosa e com um lenço no cabelo. Eu tento falar com a Mari.	Descrição	Descrição de ação
Ela olha pra mim, mas não sustenta a olhada. Vira as costas e entra na casa. Fecha a porta sem dizer uma palavra.	Descrição	Descrição de ação
Eu não sei o que aconteceu, só desconfio que em algum momento Mari tenha descoberto que eu sou jornalista e que preferiu tomar distância de mim	Descrição	Descrição de sensação/emoção
eu começo o ano indo atrás do que já existe de história sobre essa pessoa e não demora muito pra eu descobrir	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação de fatos
eu descubro isso na primeira busca que eu faço no Google	Descrição	Descrição de ação
o casarão é tradicional. A casa abandonada foi construída na década de 30, o imóvel tem 3 andares e 24 janelas e ele é tão famoso que tem até nome próprio. A casa foi batizada com o nome de um médico famosa, pai da mulher que hoje mora nela. Originalmente a casa tinha vitrais com imagens náuticas como barcos e mares revoltos. A casa é uma sobrevivente, é a única que resta nessa rua em que pelo menos outras 20 caíram pra dar lugar aos prédios que	Descrição	Descrição de lugar

estão lá hoje.		
Mas não é só a casa que tem história não, eu descobro que a mulher da casa abandonada tem uma história que podia estar em um filme de terror.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Encontro um site de arquitetura que lamenta o estado deplorável da casa	Descrição	Descrição de ação
e os comentários ecoam a lástima que é ter um imóvel importante jogado às traças em uma rua rica de São Paulo.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Mas no meio dos comentários de pessoas curiosas pra conhecer o imóvel por dentro e de vizinhos fulos com o cheiro que a casa emana, tem um comentário que se destaca, um comentário anônimo que parece uma mensagem cifrada. Em 2018, uma pessoa não identificada escreveu no site de arquitetura: “Ela é procurada pelo FBI: Margarida Bonetti” (voz do Chico com efeito)	Descrição	Descrição de situação
Em 2018, uma pessoa não identificada escreveu no site de arquitetura:	Descrição	Descrição de situação
Eu leio e	Descrição	Descrição de ação
uma luz amarela se acende na minha mente	Opinativo	Linguagem popular
eu vou pra internet e encontro a combinação dos termos FBI e Margarida Bonetti no site da Newsweek	Descrição	Descrição de ação
Eu clico, na tela abre uma	Descrição	Descrição de ação

reportagem de 21 anos atrás com a manchete “Slavery New Face”, a nova cara da escravidão.		
O texto narra a história de Renê e Margarida Bonetti, um casal brasileiro que se mudou para o subúrbio de Washington, em 1979. O marido foi convidado a trabalhar para uma empresa que faz satélites para Nasa e o casal se mudou para os EUA na virada dos anos 80 com uma empregada doméstica, assim que chegaram Margarida e o marido pararam de pagar o salário dessa funcionária brasileira, que era analfabeta e mantiveram a mulher em cárcere privado por quase 20 anos. O texto conta que Renê foi preso nos EUA e que Margarida é procurada por ter submetido uma pessoa a condições análogas à escravidão, uma pessoa de quem tirou direitos e dignidade, a quem negou atendimento médico por anos até que um tumor chegasse ao tamanho de uma bola de futebol e ela fosse resgatada por vizinhos. A reportagem tem uma foto, é um retrato de Renê e de Margarida.	Descrição	Descrição de situação
A mulher na foto é Margarida Bonetti, uma mulher morena e baixa, os olhos amendoados e o rosto redondo.	Descrição	Descrição de fonte
Eu olho pra foto e vejo	Descrição	Descrição de ação
nela alguém que eu conheço, por mais que esse rosto tenha mudado com duas décadas e	Opinativo	Observação de caráter pessoal

que hoje carregue uma camada de substância oleosa.		
um dos crimes mais impensáveis que existem	Opinativo	Observação de caráter pessoal
A mulher da casa abandonada é um podcast da Folha. Eu sou Chico Felitti, criador, roteirista e apresentador.	Descrição	Apresentação
A gente se vê na quarta que vem, enquanto isso aproveita pra seguir o podcast na sua plataforma predileta. Até lá.	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação de fatos

Fonte: elaboração dos autores.

APÊNDICE B – Tabela de análise – Ep 2: A Casa

TRECHO	CATEGORIA	MARCADORES
Era o segredo mais mal guardado da história de Higienópolis	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Depois que eu encontrei a foto da mulher da casa abandonada na reportagem da revista americana Newsweek, meu reflexo foi procurar mais imagens de Margarida Bonetti	Descrição	Descrição de situação
pra ter certeza que minha mente não tava me pregando uma peça.	Descrição	Descrição de Sensação/emoção
Eu encontrei um monte de reportagens que saíram no Brasil, inclusive da Folha de São Paulo no começo dos anos 2000.	Descrição	Descrição de situação
Então, eu fui pro próximo arquivo disponível,	Descrição	Descrição de situação
um arquivo que não é de papel mas de memórias, memórias guardadas na mente de quem viveu a história da casa abandonada.	Opinativo	Linguagem popular
Eu saí pela rua da casa perguntando pra vizinhos quem conhecia a história da mulher que se esconde lá.	Descrição	Descrição de situação
E pra minha surpresa...	Descrição	Descrição de Sensação/emoção
todo mundo sabia quem ela era e todo mundo sabia o que ela tinha feito.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Todo mundo no bairro sabe	Opinativo	Observação de caráter

que a mulher da casa abandonada é uma criminoso foragida, menos eu, e o resto do Brasil inteiro, e o FBI.		pessoal
Eu sou Chico Felitti e esse é A mulher da Casa Abandonada, um podcast da Folha	Descrição	Apresentação
que investiga a figura misteriosa, que mora em uma mansão em pandarecos em um dos bairros mais ricos de São Paulo.	Diálogo direto com o ouvinte	Guia de audição
Uma mulher que se esconde atrás de uma camada de pomada branca, mas que toda vizinhança sabe quem é: Margarida Bonetti, a brasileira rica que fugiu de um julgamento no qual era acusada de escravizar, torturar e negar auxílio médico a uma empregada doméstica que ela levou para os EUA.	Descrição	Descrição de situação
Dias depois de descobrir a história e o nome verdadeiro de Margarida eu me encontrei com uma pessoa que já sabia de tudo isso faz muitos anos	Descrição	Descrição de ação
Mari Muradas é uma mulher jovem e sorridente,	Descrição	Descrição de fonte
que me recebe no playground	Descrição	Descrição de ação
de um prédio a um quarteirão da casa abandonada, é a sogra dela que mora lá e ela tá lá numa manhã de sábado porque tem um parquinho pro filho dela brincar com os vizinhos. A	Descrição	Descrição de situação

Mari Muradas mora passos dali, a casa dela dá literalmente pra casa de Mari, que na verdade se chama Margarida. Ela vê a casa abandonada todo dia, o dia todo.		
O jeito que eu conheci a Mari Muradas foi peculiar.	Descrição	Descrição de situação
Dias depois de ter visto a foto da mulher da casa abandonada em uma revista americana, eu encontrei um amigo na padaria, faz quase 20 anos que eu conheço o Edu Zanelatto,	Descrição	Descrição de situação
então eu achei que podia confiar a ele, esse segredo que tava quicando no meu peito.	Descrição	Descrição de Sensação/emoção
Eu sussurrei a história pensando que era uma informação bombástica e ele foi a primeira pessoa a me abrir os olhos,	Descrição	Descrição de situação
ou os ouvidos no caso.	Opinativo	Linguagem popular
Ele me respondeu:	Descrição	Descrição de situação
Quem contou foi uma amiga dele, que por coincidência era vizinha da casa abandonada. Essa amiga é a própria Mari Muradas, com quem ele e a esposa fizeram um curso de como se preparar para o parto... e que depois virou uma amiga do casal e ele me apresentou: me levou um dia pro parquinho onde a filha dele brinca com o filho da	Descrição	Descrição de situação

Mari.		
A Vilaboim é a praça onde a Mari ou Margarida tava na antevéspera do Natal tentando impedir que a prefeitura cortasse as árvores.	Descrição	Descrição de situação
num prédio que fica no encontro da praça Vilaboim com uma ruela. Uma ruela que tem só um quarteirão e meio, que é um fiapo de asfalto que liga a faculdade Faap até a praça Vilaboim, num formato de L.	Descrição	Descrição de lugar
É uma rua que tem casinhas lindas	Opinativo	Observação de caráter pessoal
É como se fosse o pedigree do imóvel.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
A Mari leu essa placa e foi ver o que conseguia encontrar na internet com aquelas informações.	Descrição	Descrição de situação
Agora nós vamos discutir como	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação de fatos
a trajetória da Mari Muradas é parecida com a minha e	Descrição	Descrição de Sensação/emoção
eu comento isso com ela:	Descrição	Descrição de ação
como nós dois tivemos curiosidades gêmeas e chegamos na mesma resposta.	Descrição	Descrição de situação
Nova no bairro ela viu uma mansão	Descrição	Descrição de situação
caindo aos pedaços e a mente dela tratou de	Opinativo	Observação de caráter pessoal

preencher as lacunas		
criou histórias para tapar os buracos no telhado, os rombos no portão causados pela ferrugem e a falta de vidros nas janelas.	Opinativo	Linguagem popular
Uma casa abandonada com luz elétrica? Eu também fiquei perplexo quando vi luzes ali dentro.	Descrição	Descrição de Sensação/emoção
E a gente vai ver em breve como a Mari paga a conta de luz	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação de fatos
de uma casa em pandarecos	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Mas num primeiro momento a Mari Muradas pensou que a luz viesse do sobrenatural, ela acreditou que tava vendo assombrações e foi correndo pra casa contar pro marido dela, o Fábio.	Descrição	Descrição de situação
De novo a minha lógica e a de Mari Muradas quase se encontram. Eu pensava que Margarida era uma mulher que sofria com misoginia e preconceito por ser excêntrica	Descrição	Descrição de sensação/emoção
ela pensava que era uma velhinha abandonada pela família e sentiu uma pontada: uma vontade aguda de ajudar essa pessoa.	Descrição	Descrição de situação
Ela quase bateu na porta da casa abandonada, só que ainda tinha dúvidas. Dúvidas de se a mulher que tinha visto existia de verdade e se existisse de fato, se ela se	Descrição	Descrição de situação

abriria pra receber ajuda de uma desconhecida que acabou de se mudar pro quarteirão. Então, achou melhor se informar antes com os vizinhos.		
O Louveira é o edifício Louveira, um arco arquitetônico de São Paulo. O prédio tem duas torres, uma olhando pra outra e no meio fica um jardim enorme e aberto pra rua.	Descrição	Descrição de lugar
Numa cidade feita de muros e de grades, o Louveira é um respiro de liberdade, uma exceção de cidade aberta e o Louveira fica perto da casa abandonada.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
E agora voltamos pro dia em que a Mari viu uma multidão tentando entrar na casa e sendo barrada.	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação de fatos
O choque de Mari teve voltagem dupla.	Opinativo	Linguagem popular
como tinha cometido um crime inenarrável	Opinativo	Observação de caráter pessoal
porque a Mari Muradas por mais que fale esse português articulado e fluido	Opinativo	Observação de caráter pessoal
é cidadã americana, seus pais são americanos, ela passou uma fatia da vida no mesmo país onde Margarida é procurada pela justiça.	Descrição	Descrição de situação
E com uma frase dita por uma vizinha toda compaixão se transformou em raiva	Descrição	Descrição de sensação/emoção

		Descrição de situação
usou a energia que corria no corpo dela pra tentar entender mais a história que a vizinha tinha resumido em uma só frase.	Descrição	Descrição de situação
Por um momento pareceu pra Mari que o crime da Margarida era uma história antiga, mas daí ela fez as contas, se o crime aconteceu em 2000 fazia menos de 20 anos que ela tinha sido acusada de	Descrição	Descrição de situação
um crime que o senso comum tende a considerar extinto há séculos	Opinativo	Observação de caráter pessoal
No tempo histórico 20 anos não é nada, é quase metade da nova vida democrática do Brasil, é uma geração, é a distância entre os discos “Ao Vivo” da Banda Eva, de 1997 e o álbum “Ao Vivo em Trancoso” que Ivete Sangalo lançou em 2017.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Sim, as últimas notícias que saíram em jornais americanos sobre o caso contam que Renê Bonetti, marido de Margarida foi condenado e preso nos EUA. Mas faz mais de uma década que a gente não sabe dele.	Descrição	Descrição de situação
Além de ser assombrada por saber que a vizinha era uma criminosa, Mari e a família dela começaram a sofrer com aspectos mais práticos que vinham da casa abandonada, como uma nuvem de pernilongos que	Descrição	Descrição de situação

revoava do terreno baldio pra casa dela todas as tardes.		
E a Mari passou a trombar com a Margarida de vez em quando, encontrou com ela no supermercado, na lotérica, encontrou com a mulher revirando latas de lixo na praça de alimentação do shopping Higienópolis, um dos mais ricos da cidade, que fica à quatro quarteirões da casa abandonada.	Descrição	Descrição de situação
Mari Muradas confrontou a mulher que diz também se chamar Mari e revelou que sabia o nome verdadeiro dela e a história escondida junto com esse nome.	Descrição	Descrição de situação
O confronto não deu em nada, ninguém da prefeitura pôde entrar na casa abandonada. Os mosquitos seguem vivendo e procriando em um terreno ermo do tamanho de um campo de futebol e os contatos entre Mari Muradas e Margarida cessaram, porque a mulher da casa abandonada passou a evitar a vizinha que um dia quis ajudá-la	Descrição	Descrição de situação
O Chico nesse caso não sou eu não	Diálogo direto com o ouvinte	Confirmação
é o porteiro do edificio Louveira,	Descrição	Descrição de fonte
com quem a gente vai conversar daqui há 2 minutos.	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação
Eu tô quase terminando uma hora de conversa com a	Descrição	Descrição de situação

<p>Mari, quando descobro que talvez ela tenha sido a responsável por eu descobrir a identidade oculta de Margarida, porque é bem possível que ela tenha sido a pessoa que fez o comentário no site de arquitetura.</p>		
<p>Quando descobriu que a vizinha não era uma senhora desamparada, ela fez um movimento de contar a história do crime no mundo virtual... e também no mundo real. Mari Muradas começou a conversar com a vizinhança como eu tô fazendo em 2022, ouviu de um vizinho já idoso que ele conheceu o pai de Margarida, o médico respeitado, que ele frequentou a casa quando ela ainda não era abandonada. E de outra vizinha ela ouviu que brincou na rua com Margarida e as duas irmãs dela. A cada vizinho com quem ela conversava vinha novas informações.</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de situação</p>
<p>Margarida Maria Vicente de Azevedo Bonetti é dona de um privilégio que resiste até a morte.</p>	<p>Opinativo</p>	<p>Observação de caráter pessoal</p>
<p>Dr. Geraldo Vicente de Azevedo morreu aos 91 anos de idade, em 1998. Nessa época Margarida e o marido, Renê Bonetti, ainda moravam nos EUA. Ainda tinham uma empregada doméstica que deixaram de pagar no começo dos anos 80 e que vivia trancada no porão de casa, que era</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de situação</p>

<p>torturada por Margarida segundo relatórios da justiça americana. Mas Geraldo Vicente de Azevedo morreu sem ver a filha ser acusada de um crime. Morreu com homenagens e um sobrenome nas costas.</p>		
<p>Quando eu falo que Margarida Maria Vicente de Azevedo Bonetti é privilegiada, eu falo de gerações e mais gerações de privilégios, três gerações de riqueza e de influência. O avô da mulher da casa abandonada era um dos paulistas mais importantes do tempo dele, era tão importante que tinha um título de nobreza</p>	Opinativo	Observação de caráter pessoal
<p>o avô de Margarida era o barão de Bocaina. Francisco de Paula Vicente de Azevedo nasceu em Lorena, no interior do estado, no meio dos anos 1800. Vinha de uma família de posses e foi acumulando cada vez mais terras, terras em que plantava café, o maior produto de exportação brasileiro naqueles tempos.</p>	Descrição	Descrição de personagem
<p>Além de ter terra, café e dinheiro ele tinha outros poderes, foi um dos fundadores do engenho central de Lorena e diretor da estrada de ferro São Paulo-Rio de Janeiro e também foi bancário, um dos homens fortes do banco comercial do Estado de São Paulo.</p>	Descrição	Descrição de personagem
<p>Dá pra imaginar o tanto de recurso que tinha a família</p>	Diálogo direto com o ouvinte	Questão lançada

em que a Margarida nasceu? Dá. Mas também dá pra ver com os próprios olhos, é só ir até a esquina da rua Padre João Manoel com a Alameda Santos, a um quarteirão da Avenida Paulista.		
Lá fica uma das raras mansões que ainda tão de pé na região da avenida mais famosa de São Paulo. Se hoje a paulista é um corredor de McDonald's e Burger Kings, 100 anos atrás ela era um desfile de mansões.	Descrição	Descrição de lugar
A maioria dos donos dessas casas eram donos de fábricas; uma das exceções era o barão de Bocaina, que mesmo fazendeiro escolheu erguer ali uma mansão, em 1911.	Descrição	Descrição de personagem
A casa com colunas gregas brancas	Descrição	Descrição de lugar
fazem um leigo como eu se lembrar da Casa Branca e ganhou um apelido: a casa do barão de Bocaina. Ela não lembra em nada a casa abandonada de Higienópolis	Opinativo	Observação de caráter pessoal
até porque não tá abandonada, não hoje em dia, mas esteve nos últimos anos. Dois dos tios dela moraram lá	Descrição	Descrição de situação
Francisco de Paula Vicente de Azevedo e a freira Lavínia Vicente de Azevedo, que viveu lá até morrer, em 2007, aos 93 anos. Ela costumava distribuir café da manhã e almoço pra pessoas pobres na rua.	Descrição	Descrição de personagem
Eu conversei com três	Descrição	Descrição de ação

<p>peças que trabalharam pra tia freira Lavínia,</p>		
<p>todos a descreveram como uma mulher temente à Deus e generosa com quem tinha menos.</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de personagem</p>
<p>Daí, no começo dos anos 2000, ela morreu na casa do barão de Bocaina. Como ela não tinha filhos, o imóvel foi dividido entre familiares, entre eles a mulher da casa abandonada e acabou vendido por uma incorporada.</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de situação</p>
<p>Rolou um xadrez na justiça pra tentar colocar a casa abaixo e erguer ali um prédio.</p>	<p>Opinativo</p>	<p>Linguagem popular</p>
<p>E... enquanto a construtora lutava pelo direito de demolir o imóvel, o casarão foi decaindo, virou uma casa abandonada nos anos 2010; mas depois de uma década parece que a casa do barão de Bocaina venceu, em vez de virar um empreendimento imobiliário, a casa tá em pé e restaurada, em 2022 o casarão virou um restaurante</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de situação</p>
<p>o casarão ainda tá de pé por causa de um nó jurídico</p>	<p>Opinativo</p>	<p>Linguagem popular</p>
<p>Num episódio futuro a gente vai entrar nesse ninho de mafagafos de herança e de tombamentos. Por enquanto basta saber que muita gente tem interesse nesse terreno</p>	<p>Diálogo direto com o ouvinte</p>	<p>Antecipação</p>
<p>Construtoras e parentes de Margarida querem a casa, mas ela não tá disposta a sair de lá.</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de situação</p>

<p>A cem passos da casa abandonada existe uma rua sem saída, uma rua que liga a faculdade Faap a um condomínio de prédios de luxo, com apartamentos que custam mais de R\$ 5 milhões cada um. Pouca gente sabe que aquela via é uma rua pública, que ela é fechada com cancelas e com seguranças.</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de lugar</p>
<p>Sabe como se chama essa rua? Rua Barão de Bocaina.</p>	<p>Diálogo direto com o ouvinte</p>	<p>Questão lançada</p>
<p>Dias depois de conhecer a Mari Muradas, ela me apresenta o Antônio Francisco da Silva ou só Francisco mesmo. Ele deve ser a pessoa que mais convive com a Margarida nos últimos 20 anos, porque ele passa a maior parte do tempo olhando pra janela do quarto da Margarida no segundo andar da casa.</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de situação</p>
<p>No caminho pra encontrar com ele eu passo em frente da casa abandonada, Margarida ou Mari tá no jardim. Eu coloco a cabeça por cima da cerca e tento conversar com ela.</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de ação</p>
<p>De novo ela me ignora e vai pra dentro de casa. Só depois que ela fecha a porta na minha cara eu percebo uma coisa:</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de ação</p>
<p>a porta de entrada da casa abandonada tem algo de peculiar, uma redoma de vidro na altura da maçaneta, uma câmera de segurança.</p>	<p>Descrição</p>	<p>Descrição de lugar</p>

Eu sigo em frente, encontro o Francisco na portaria do edifício Louveira e a gente se senta em um banco da praça Vilaboim,	Descrição	Descrição de ação
a mesma em que semanas antes uma moradora de Higienópolis tentava impedir funcionários da prefeitura de podar uma árvore.	Descrição	Descrição de situação
Faz quase 4 décadas que Francisco tá ali, no mesmo lugar, 8 horas por dia durante a semana olhando pros fundos da casa abandonada.	Descrição	Descrição de situação
o cabelo dele é preto, o sorriso é branco e o jeito é de um moleque, não de alguém com quase 60 anos.	Descrição	Descrição de fonte
Mas a memória do Francisco prova que ele de fato tá ali há quase 40 anos, porque ele conheceu a casa abandonada antes do abandono, quando ela era uma casa de uma família rica. Quando ele chegou ao Louveira era começo da década de 80, Margarida tinha acabado de se mudar para os EUA, só moravam na casa os pais dela.	Descrição	Descrição de situação
Além de serem os mais ricos da rua, o casal Vicente de Azevedo talvez fosse o mais generoso	Descrição	Descrição de personagem
era comum ter uma fila de pessoas na porta da casa esperando por comida ou por uma doação de roupa.	Descrição	Descrição de situação
Ela no caso é dona Lourdes,	Descrição	Descrição de personagem

a mãe de Margarida. Maria de Lourdes Danso Vicente de Azevedo		
viveu suficiente pra ver a filha ser acusada de um crime e voltar pro Brasil. Margarida e Maria de Lourdes moraram juntas na casa até a morte da mãe em 2011. Essa década é o período em que a casa para de ter manutenção	Descrição	Descrição de situação
e cai em câmera lenta para o abandono.	Opinativo	Linguagem popular
Mas antes disso Francisco viu a casa bonita e bem cuidada, foram décadas convivendo com os pais de Margarida. Muitas vezes Francisco ajudava o Dr. Geraldo a estacionar o carro, uma Belina e depois um Voyage. E essas ajudas foram ficando cada vez mais frequentes com o tempo, porque ele estava envelhecendo e perdendo as habilidades motoras.	Descrição	Descrição de situação
Até que não foi mais preciso estacionar o carro, em 24 de outubro de 1998 Dr. Geraldo morreu com 91 anos de idade. Francisco conta que foi uma comoção na rua e que Maria de Lourdes ficou sozinha na casa, por mais que de vez em quando recebesse a visita de duas das filhas dela. Até que passados dois anos, em 2000, uma terceira filha que Francisco não conhecia chegou para morar na casa, era Margarida, ou Mari,	Descrição	Descrição de situação

como ela se apresentava. Junto com a filha veio a história de porque ela tinha voltado ao Brasil depois de décadas morando nos EUA, porque a imprensa começou a bater na porta de casa.		
Francisco diz ter testemunhado equipes de reportagem da	Descrição	Descrição de ação
TV Globo tentando falar com Margarida, mas só tentado mesmo, porque ela nunca deu uma entrevista. Eu também não consegui achar uma reportagem seja em vídeo, áudio ou em texto em que Margarida fale das acusações de ter mantido uma empregada em condições análogas à escravidão e de ter torturado essa mesma pessoa.	Descrição	Descrição de situação
Ele diz que	Descrição	Descrição de ação
oficiais de justiça também tentaram entrar nos primeiros anos, mas que ela não atendeu ninguém. Nunca.	Descrição	Descrição de situação
Ela chama a polícia com frequência, chama a polícia quando vão derrubar uma árvore com laudo e recomendação, chama a polícia quando estacionam um carro na frente da casa,	Descrição	Descrição de situação
uma pessoa que é procurada pela justiça em outro país não pensa duas vezes antes de chamar a polícia aqui.	Opinativo	Ironia
Inclusive na antevéspera do	Descrição	Descrição de situação

Natal a Margarida já tinha chamado a polícia quando eu cheguei. A Mari Muradas confirmou que viu a viatura chegar e ir embora depois de ouvir da mulher da casa abandonada que eles precisavam fazer alguma coisa pra impedir que a árvore fosse removida.		
O homem para e articula uma ironia	Descrição	Descrição de ação
que já tava coçando no meu cérebro.	Opinativo	Linguagem popular
Francisco diz que a guerra de Margarida contra a poda e remoção das árvores da região é longa, e que já teve várias batalhas.	Descrição	Descrição de ação
Anos atrás por exemplo ela saiu pelas ruas do bairro com um abaixo-assinado pra que nenhuma árvore de Higienópolis pudesse ser derrubada ou podada nunca mais.	Descrição	Descrição de situação
E não foi só ele que se recusou a assinar o documento. Francisco diz que a vizinhança em peso negou a assinatura no papel.	Descrição	Descrição de situação
Eles só se falam quando Margarida o procura e a relação tá longe de ser cordial.	Descrição	Descrição de situação
As brigas são sempre por questões práticas: o mau cheiro que a casa emana, as vezes que Margarida entra	Descrição	Descrição de situação

na portaria do Louveira aos berros, o barulho dos dois cachorros dela.		
A questão do prédio com ela não é só pelo crime no qual ela é acusada, no dia-a-dia ela também causa problemas pro Louveira.	Descrição	Descrição de situação
No caso ela joga excrementos pela janela, rente ao muro que divide a casa do edifício Louveira.	Descrição	Descrição de situação
Eu olho pra casa abandonada	Descrição	Descrição de ação
e há estrias marrons na parede dos fundos, são as marcas de onde a água de dejetos de Margarida passou. A única vez que Francisco ficou do lado de Margarida foi uns 4 anos atrás quando um grupo de sem-tetos tentou invadir a casa. Eles pensavam que a casa estava abandonada e por isso estava vazia.	Descrição	Descrição de situação
De repente Francisco para de falar. [música de fundo] Olha fixo pra frente, pra além do jardim do Louveira, pra parede lateral da casa abandonada, ele viu alguma coisa.	Descrição	Descrição de ação
E nós dois vemos a mulher da casa abandonada enquanto conversamos em um banco da praça, ela tá com uma faixa no cabelo e seu rosto está coberto pela camada grossa e branca de	Descrição	Descrição de ação

<p>pomada. Margarida olha pra um lado e olha pro outro e então olha pra nós, exatamente na frente dela há 30 metros da janela.</p>		
<p>Sim, 75 abacates.</p>	Opinativo	Observação de caráter pessoal
<p>O número me parece impressionante, mas tá longe de ser a melhor colheita que já foi feita no pomar da casa abandonada.</p>	Descrição	Descrição de Sensação/emoção
<p>A história do abacate me leva a crer que a convivência entre os moradores do Louveira e a mulher da casa abandonada pode ser pacífica, cordial jamais.</p>	Opinativo	Observação de caráter pessoal
<p>Francisco garante que ninguém ali gosta dela.</p>	Descrição	Descrição de ação
<p>Antes de terminar a conversa eu pergunto se ele acha que um dia Margarida vai pagar pelo crime que não foi julgado.</p>	Descrição	Descrição de ação
<p>No meio da conversa Francisco disse</p>	Descrição	Descrição de ação
<p>que via Margarida pegar táxi com alguma frequência, que ela sempre usa os carros do ponto em frente ao Louveira.</p>	Descrição	Descrição de situação
<p>Eu me despeço dele e aproveito que tô do lado do ponto de táxi, vou até lá, só tem um carro sedan estacionado</p>	Descrição	Descrição de ação
<p>com um homem de barba amarelada por cigarro</p>	Descrição	Descrição de fonte

encostado no capô: é Ivo		
E aqui no podcast ele vai ser só Ivo mesmo, ele que pediu.	Descrição	Procedimentos
Ele me conta que	Descrição	Descrição de ação
a Margarida sempre paga em dinheiro contado, o valor exato e que esse valor muitas vezes se repete, porque ela costuma ir sempre pro mesmo lugar.	Descrição	Descrição de situação
Ela entra no carro, dá bom dia e não fala mais nada. Ele sabe do crime do qual Margarida é acusada, mas ela nunca falou nada à respeito	Descrição	Descrição de situação
O que parece ser uma regra, Margarida foge de assuntos do passado, mas uma regra que tem uma exceção;	Descrição	Descrição de situação
em fevereiro, dois meses depois do meu primeiro encontro com ela, eu descobro que tem uma pessoa da vizinhança com quem a Margarida fala do crime.	Descrição	Procedimentos
Semanas depois de conversar com o Francisco do Louveira eu consigo encontrar outra pessoa essencial para contar a história de Margarida: Francisco do edifício Jóia.	Descrição	Descrição de situação
Sim, um outro Francisco.	Diálogo direto com o ouvinte	Confirmação
Por pedido dele, o sobrenome vai ficar de fora	Descrição	Procedimentos

da história.		
Esse Francisco no caso é o zelador de um prédio que fica próximo da casa.	Descrição	Descrição de fonte
Ele me deixa entrar no prédio, por mais que acredite ter pouca informação sobre a vizinha. Mas ele é modesto, Francisco é uma das pessoas mais próximas de Margarida.	Descrição	Descrição de situação
A gente entra no saguão do prédio e se senta em sofás que parecem nunca terem sido usados.	Descrição	Descrição de ação
Reconhecida a coincidência a gente pode começar a falar da mulher da casa abandonada. Faz 16 anos que Francisco administra o prédio que tem vista pra casa.	Descrição	Descrição de situação
E ao contrário do Francisco do Louveira esse Francisco tem uma relação cordial com Margarida, ele a admira, mesmo que eles não sejam próximos.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Assim como eu, o Francisco do Louveira e a Mari Muradas, Francisco do prédio Jóia nunca entrou na casa.	Descrição	Descrição de situação
Ou quase nunca. Ele se corrige e lembra que teve uma vez em que ela deixou ele entrar; não na casa em si, mas no terreno.	Descrição	Descrição de situação
Margarida vive sozinha	Descrição	Descrição de situação

desde que a mãe dela morreu, em 2011. Mas não tão sozinha quanto possa parecer. Francisco diz que vê a família visitar Margarida de vez em quando.		
Eu procurei as duas irmãs de Margarida para esse documentário e as duas negaram os pedidos de entrevista.	Descrição	Procedimentos
A gente vai falar mais delas e da cizânia que é a herança da família de Margarida, uma família que tinha uma dúzia de imóveis por São Paulo, mas que tá perdendo tudo.	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação
Mas agora vamos voltar pro hall do prédio e pro papo com Francisco;	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação de fatos
por mais que ele seja próximo da mulher da casa abandonada, ela nunca revelou o nome dela. Então, ele criou um nome pra ela.	Descrição	Descrição de situação
É curioso como a pessoa da rua que tem mais intimidade com a mulher da casa abandonada não recebeu nada dela, se quer um nome.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Ele não completa a frase, mas imagino que ele queira dizer toda excêntrica.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
E Margarida falou sobre essas excêntricas com ele. Disse por exemplo porque cobre o rosto com a pomada branca.	Descrição	Descrição de situação
Francisco acredita que	Descrição	Descrição de situação

Margarida fale com ele por um motivo simples, porque ele é uma das poucas pessoas da vizinhança dispostas a parar e a ouvir o que a mulher da casa abandonada tem a dizer.		
E ela conversa tanto com o Francisco que chegou a falar sobre o crime do qual ela foi acusada nos EUA e que a fez voltar fugida pro Brasil.	Descrição	Descrição de situação
Eu ainda vou falar com ele, mas por enquanto	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação
é importante frisar que parece muito improvável que esse padre fosse querer depor a favor de Margarida no caso em que ela era acusada de explorar e torturar uma pessoa.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
No meio da conversa, Francisco de repente baixa o volume da fala,	Descrição	Descrição de ação
é como se ele tivesse sido acometido por um medo, um medo de que a mulher da casa vizinha pudesse ouvir o que a gente tá falando.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
Por mais que ele seja uma das poucas pessoas a quem foi permitido entrar na casa nos últimos 20 anos	Descrição	Descrição de situação
não é que eles tenham uma baita intimidade, não chegam a ser amigos, são conhecidos próximos, se é que isso faz sentido, vizinhos que tem uma relação cordial	Opinativo	Observação de caráter pessoal
mas que ainda estão	Opinativo	Linguagem popular

separados por um muro.		
Ela gosta de planta. É difícil deixar passar essa ironia, que uma pessoa acusada de causar o maior sofrimento que exista a um ser humano goste de plantas,	Opinativo	Ironia
mas eu me contenho e não interrompo a fala do Francisco. Ele continua falando sobre plantas.	Descrição	Descrição de ação
Os dois mantêm uma relação cordial, mais cordial do que a de Margarida com o Francisco do edifício Louveira, com a Mari Muradas ou com as dezenas de vizinhos com quem eu conversei e não quiseram ser gravados.	Opinativo	Observação de caráter pessoal
É a mesma teoria da conspiração que a Margarida expôs na antevéspera de Natal pra mim. Francisco ouviu essa teoria há anos e em partes ele encontra sentido. Francisco ouviu essa teoria há anos e em partes ele encontra sentido.	Descrição	Descrição de situação
Aos poucos ela foi se abrindo com ele, aconteceu até de Margarida sair de casa e ir visitar o amigo no prédio ao lado.	Descrição	Descrição de situação
Eu comento que a Margarida deu um presente pro pessoal do Louveira	Descrição	Descrição de ação
deixou que eles colhessem 200 abacates de um pé na casa abandonada. Francisco confirma, diz que as árvores dali dão muita fruta, mas que	Descrição	Descrição de situação

ele mesmo não ousa pegar.		
É uma questão de respeito e talvez de preocupação,	Opinativo	Observação de caráter pessoal
porque Francisco diz que às vezes se pega aflito com as condições de vida da vizinha.	Descrição	Descrição de ação
O telhado tá roto, telhas caíram em revoada e há vários pontos em que a casa tá descoberta, ainda que Margarida tente reverter o processo do jeito dela.	Descrição	Descrição de situação
Ele se levanta e anda até os fundos do hall	Descrição	Descrição de ação
lá tem uma porta que leva pra um pátio, uma laje de cimento no fundo do prédio que dá vista pro fundo da casa abandonada	Descrição	Descrição de lugar
Francisco sobe num vaso de cimento e começa a narrar o que vê lá de cima.	Descrição	Descrição de ação
Ele me chama pra ir até lá, de cima dos vasos a gente vê os fundos da casa,	Descrição	Descrição de ação
um quintal cheio de sucata, uma porta enferrujada ta deitada dentro de uma banheira de porcelana como se tivesse tomando banho. O mato já deve ter crescido mais de meio metro, o telhado nos fundos tem vários guarda chuvas encaixados como se ela tivesse tentado restaurar a cobertura, mas não tivesse telhas. No fundo do quintal	Descrição	Descrição de lugar

tem um cômodo autônomo, o edícula e no portal da edícula da pra ver algo: a rabera de um carro.		
É o mesmo carro que o outro Francisco, porteiro do Louveira, ajudava o pai de Margarida estacionar; mas ele tá coberto por uma camada que é ferrugem não tinta. Os pneus cederam e ele tá rente ao chão, mas a dona da casa ainda pensa em usá-lo.	Descrição	Descrição de situação
Mesmo quando não encontra com Margarida na rua, Francisco às vezes vai até o muro, só pra ter certeza que ela ta bem.	Descrição	Descrição de situação
Eu agradeço pela conversa e desligo o gravador. Depois que a gente já tinha terminado a entrevista, Francisco n° 2 e eu ficamos batendo papo por mais de meia hora. Ele me mostra uma foto que fica pendurado na parede do hall,	Descrição	Descrição de ação
é um retrato em preto e branco de um casal na frente de uma casa, um sobrado de dois andares, é o terreno onde foi erguido o edificio Jóia.	Descrição	Descrição de objeto
Os herdeiros do casal moram até hoje no prédio	Descrição	Descrição de situação
e eu noto que no canto esquerdo da foto dá pra ver um pedaço da casa abandonada	Descrição	Descrição de ação
só que nos anos 30, quando a foto foi feita, ela não era	Descrição	Descrição de situação

abandonada, ela era só uma casa.		
Francisco e eu continuamos conversando mesmo que não seja mais uma entrevista, mas no meio do nosso papo ele solta uma frase que é inacreditável, algo que me faz tirar o gravador da mochila e pedir permissão para gravar de novo.	Descrição	Descrição de ação
Margarida disse à ele que é amiga da mulher que trabalhou em serviço análogo à escravidão na casa dela por quase 20 anos.	Descrição	Descrição de Sensação/emoção
Só tem um jeito de eu descobrir isso, de contar essa história completa, eu preciso visitar o lugar onde o crime aconteceu 20 anos atrás, pegar um avião e percorrer os mais de 7 mil quilômetros que dividem a casa abandonada da casa americana onde Margarida morou por 20 anos	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação de fatos
em que por duas décadas escravizou uma pessoa, que hoje ela diz ser amiga dela.	Opinativo	Ironia
Pra entender essa história inteira eu tinha que ir pros EUA.	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação de fatos
Antes de procurar a polícia Vicky pensou que poderia encontrar apoio na vizinhança, atravessou a rua e foi falar com um vizinho que trabalhava com questões trabalhistas no Banco Mundial, onde ela mesma já tinha trabalhado,	Descrição	Descrição de situação
mas a resposta que ouviu	Opinativo	Linguagem popular

dele foi um balde de água fria.		
Mas a verdade é que ela não tinha pensado em nada, voltou pra casa sem fazer ideia de como proceder, sabia que a amiga brasileira era explorada e agredida, que tava quase 20 anos sem ganhar um centavo, mas não sabia como fazer pro mundo acreditar nisso.	Descrição	Descrição de situação
Ela disse que foi nessa noite que aconteceu um milagre,	Descrição	Descrição de ação
e que a ajuda veio na forma de uma carta aberta escrita pelo Papa.	Descrição	Descrição de situação
Então Vicky declama decor uma carta escrita por um Papa	Descrição	Descrição de ação
ela sentiu que a carta tinha sido escrita não pra ela, mas pra mulher que era escravizada na rua da casa dela.	Descrição	Descrição de situação
A mulher da casa abandonada é um podcast da Folha. Eu sou Chico Felitti, criador, roteirista e apresentador.	Descrição	Apresentação
A gente se encontra na próxima quarta-feira, até lá aproveita pra seguir o podcast no seu tocador predileto.	Diálogo direto com o ouvinte	Antecipação de fatos

Fonte: elaboração dos autores.

ANEXO A – Quadro 3 de Dirksen (2023): QUADRO 3 DE DIRKSEN (2023): Marcadores utilizados na análise do *corpus*

CATEGORIA	MARCADOR	DESCRIÇÃO
Rotina	Busca por fonte	Mapeamento de fontes para realização de entrevista. Utilizada em trechos que demonstram a busca de um contato com a fonte por parte da Branca Vianna e/ou da equipe.
	Descrição	Descrever locais, fotografias, cenas e vídeos.
	Descrição da fonte	Descrever a fonte entrevistada identificando-a e caracterizando sua profissão, grau de relacionamento com Ângela e/ou Doca ou seu envolvimento com a história. Também descreve fontes especializadas em algum assunto abordado referente a história que não necessariamente possuam algum envolvimento.
	Entrevista	Comprova entrevista realizada para o podcast com fontes envolvidas na história ou especialistas. Também marca a recapitulação de uma entrevista, evidenciando assuntos ou perguntas feitas na conversa entre Branca e a fonte. Marca a ocorrência de uma ou mais entrevistas feitas de formas diferentes na questão de modo ou espaço.
	Procedimentos	Manifesta os processos de apuração, pesquisa, recolha de dados e objetos, viagens ou momento para entrevistas, ligações e

		narração nos ambientes de onde aconteceram os fatos para os ouvintes.
Interação com o ouvinte	Dúvida compartilhada	Revela uma dúvida relacionada a determinado fato da história, em que a narradora questiona a si mesma mas também os ouvintes, como se estivessem conversando. Em determinados trechos se apresenta como um questionamento ou uma pergunta retórica.
	Guia de audição	Explica no início sobre o que será tratado naquele episódio e ao final sobre o que será o próximo. Também convida os ouvintes a acompanharem o podcast e a buscarem conteúdo extra em outras plataformas, instruindo sobre quais informações adicionais poderão ser encontradas.
	Observação de caráter pessoal	A narradora faz ao ouvinte uma observação diante de um fato, sempre em tom de diálogo.
	Referência de episódios anteriores	Retomar dado, fato ou fonte citados em episódios anteriores de forma a manter o ouvinte localizado no enredo da história.
	Referência de informações anteriores	Mesma função que o marcador “Referência de episódios anteriores” porém é exclusiva ao 1º episódio pois retoma informações ditas nele.
Opinativo	Motivação para o podcast	Relatar motivos pessoais da narradora para contar e fazer o podcast.
	Opinião pessoal	Emitir a opinião da narradora sobre um fato ocorrido no podcast, alguma informação

		obtida de uma fonte ou de fatos pessoais de sua vida
	Relato pessoal	Relatar fatos da vida da narradora que se mesclam ou que fizeram com que ela contasse o podcast. Compartilhar partes da história de vida da narradora. Informações e caracterizações pessoais sobre a autora.
	Qualificação da fonte	Caracterização feita pela narradora sobre a fonte entrevistada ou apurada. Contém informações sobre a fonte geralmente sobre profissão, grau de relacionamento com Ângela e/ou Doca ou seu envolvimento com a história.
	Qualificação da personagem	Caracterização feita pela narradora sobre a personagem do podcast. Contém informações sobre a personagem geralmente descrevendo sua aparência, jeito de agir ou como era conhecida.
	Uso da linguagem	Indica uso de expressões populares.